





EX-LIBRIS

RUBENS BORBA  
ALVES DE MORAES

W





ALFARRABIOS

## Obras que se acham á venda na mesma casa :

### J. de Alencar

TIL, romance brasileiro. 4 v. in-16, br. 4\$000, enc.	6\$000
IRACEMA, lenda do Ceará, 2ª edição. 2 v. br. 2\$000, enc.	3\$000
VIUVINHA e os Cinco Minutos, 2ª edição. 1 vol. broch.	2\$000
enc. ....	3\$000
O GUARANY, 4ª edição, 2 v. in-8º, encadernados ....	8\$000
AS MINAS DE PRATA, romance historico, complemento do precedente. 6 v. in-8º, br. 12\$000, encadernados.....	16\$000
O DEMONIO FAMILIAR, comedia em 4 actos, 2ª edição. 1 v.	1\$500
AS AZAS DE UM ANJO, comedia em 1 prologo, 4 actos e 1 epilogo, 2ª edição. 1 v.....	2\$000
A MÃI, drama em 4 actos, 2ª edição. 1 v.....	2\$000
VERSO E REVERSO, comedia em 2 actos, 2ª edição. 1 v.	1\$000

### Senio

O GAUCHO, romance brasileiro. 2 v. in-8º br. 4\$, enc..	6\$00
PATA DE GAZELLA, romance brasileiro. 1 v. in-8º br.	2\$00
enc. ....	3\$00
O TRONCO DO IPÊ, romance brasileiro. 2 v. in-8º br.	4\$00
enc. ....	6\$00
SONHOS D'OIRO, romance brasileiro. 2 v. in-8º enc.	6\$00
br.....	4\$00

### G. M.

DIVA, perfil de mulher, 2ª edição. 1 v. enc.....	3\$000
LUCIOLA, perfil de mulher, 3ª edição. 1 v. enc.....	3\$000

### Fausto

SCENAS DA VIDA REPUBLICANA. Reminiscencias do feliz tempo escolar. 1 v. in-12, enc. 1\$600 br.....	1\$000
UM PROVINCIANO LADINO.— ONDE SE ENCONTRA A VERDADEIRA FELICIDADE. 1 v. in-12, enc. 1\$600, br.....	1\$000
A CAÇA DE UM BARONATO.— A HERANÇA ESPERADA E INESPERADA, I v. enc. 1\$600, br.....	1\$000

### Bernardo Guimarães

HISTORIAS E TRADIÇÕES DA PROVINCIA DE MINAS-GERAES :	
A Cabeça do Tira-Dentes, A Filha do Fazendeiro, Jupyra. 1 v. in-8º, enc. 3\$000, br.....	2\$000
O GARIMPEIRO, romance. 1 v. in-8º, enc. 3\$000, br.....	2\$000
O ERMITÃO DO MUQUEM, ou historia da fundação da romaria do Muquem, na provincia de Goyaz; romance de costumes nacionaes. 1 v. enc.....	3\$000
LENDAS E ROMANCES: Uma Historia de Quilombolas, a Garganta do Inferno, a Dansa dos Ossos. 1 v. enc.	3\$000
br.....	2\$000

J. DE ALENCAR

---

ALFARRABIOS

CRONICAS DOS TEMPOS COLONIAES

---

I

O GARATUJA

---

RIO DE JANEIRO

**B. L. GARNIER**

LIVREIRO-EDITOR DO INSTITUTO HISTORICO

69, Rua do Ouvidor, 69



## CAVACO

---

O *Garatuja* é a primeira de uma serie de chronicas dos tempos coloniaes, algumas já escriptas, outras apenas esboçadas, em tempos idos, quando o pensamento, ainda não de todo enredado nas teias do mundo, tinha folga para vaguear pelo passado, e entreter-se com as pieguices e ingenuidades de nossos pais, a quem o mais simplorio garoto de agora enfiaria, não pelo fundo de uma agulha, o que não fora nenhuma façanha, mas pela cabeça de um alfinete.

Todavia, si o leitor no folhear estas paginas, tiver tempo de pensar, e se deixe ir á cogitar na singularidade da revolução, que esteve para ensanguentar a heroica, mas pacata, cidade de S. Sebas-

tião ; lembre-se da magna questão do martellino, que por pouco não perturbou a paz maçónica, da mesma fórma que outrora o hyssope na igreja d'Elvas.

Então ha de concordar comigo que o homem é sempre menino até morrer de velhice ; e que depois das criaçadas do pirralho, vem as travessuras do rapazola, e por ultimo as estrepolias do barbaças, as quaes são as peiores, sobretudo quando começa-lhe a grizar o pello.

Quem duvidar do cunho historico desta simples narrativa, poderá facilmente verifica-lo abrindo o 3º volume dos *Annaes do Rio de Janeiro*, escriptos pelo Dr. Balthasar da Silva Lisboa.

Naquelle tempo o cidadão porque servira o cargo de juiz de fóra e presidente da camara, julgava-se obrigado a offerecer á seu paiz « o fructo dos conhecimentos adquiridos nas diligencias do serviço publico. » Hoje em dia nem a juizes, nem a edis, sobra tempo para se occuparem com taes nugas, pois todo se vae em subir e descer

escadas, por e tirar o chapéo, dobrar e torcer a cerviz.

No referido tomo, a pagina 314, entre os parafos 35 e 39, apanhou o chronista fluminense pela rama os acontecimentos que pozeram em tumulto a cidade. Ahi se encontram até eruditas elucidações do caso juridico, sobre o qual o Dr. Balthasar entendeu que devia emittir seu juizo.

Não é elle o unico dos compilladores de noticias, que neste paiz se metteu a tralhão, recheando a historia com os lardos de uma erudição rançosa. Outros o excederam de muito nessa mania encyclopedica.

Escaparam porem ao chronista muitas particularidades, que elle descuroou; e que eu pude obter consultando um archivo archeologico, bem provido, e que tenho á minha disposição, para o estudar á vontade.

Meu archivo archeologico, por cautela vou prevenindo, não custou um ceutil aos cofres publicos, nem aspira á honra de ser comprado pelo governo do Sr. D. Pedro II,

como está em voga desde a consciencia até as leis, que tudo hoje em dia se vende, por atacado ou a varejo, em codigos ou empreitadas.

A minha preciosidade litteraria, não custou nem mesmo o trabalho de andar cascavilhando papeis velhos em armarios de secretarias; ou a canceira de trocar as pernas pela Europa, cozido em fardão agalado á pretexto de representar o Brazil nas cortes estrangeiras. Que formidavel *prosopopeia!*

Quero fazer ao leitor a confidencia do meu achado.

Costumava outrora, como ainda hoje, ir pela manhã ao Passeio Publico, onde ha uma meia duzia de arvores que o bom Deus ali conserva para refrigerio dos emparedados da cidade. Tem esse jardim uma qualidade mui apreciavel: é uma perfeita solidão, no meio do borborinho, com o bond á porta, e ao alcance do olhar protector do ministro da justiça; por consequinte, facilidade de conducção, e segurança individual; duas importantes ga-

rantias da liberdade. Da verdadeira liberdade pratica, e não dessa que anda nos cartazes politicos, para o effeito scenico.

Assim passeia-se ali na maior tranquillidade de espirito. Às vezes descobre-se, é verdade, um urbano, mas estendido em um banco a dormir, o que ainda mais serenamente o espirito. Quando a policia dorme é signal de que não ha a menor particula de crime na atmospherã; e assim podemos considerar-nos a abrigo de um e de outra ao mesmo tempo : do crime e da policia.

Era ali indefectivel um velho seco e relho, o qual si me afigurava a methempsi-cose de algum velho infollio da Bibliotheca Nacional, que porventura fugira pela janella, e se abrigara á sombra dos castanheiros para livrar-se da furia archeologica dos antiquarios.

Cortejava-o eu com o respeito devido a um homem que vira dois seculos, e talvez se preparava para ver o terceiro. Á minha saudação respondia elle com um modo desconfiado, que eu não levava á mal, por

compreender que o individuo logrado por tres gerações, tinha o direito de suspeitar até dos santos.

O meu velho não tomava rapé, nem fumava; aborrecia a politica; e não lia gazetas; ajunte-se uma carranca sempre fechada, uma gravata, para não dizer rodilha, que embrulhava-lhe só a metade inferior do rosto, porque a outra lh'a disputava o chapéo á catimplora; e tudo isso, retocado por uma rabugem veneranda e quasi secular.

Bem se vê que encouraçado de tal fórma, era o sujeito inabordavel por qualquer dos meios indirectos, que servem na sociedade para travar um conhecimento. Muito havia eu alcançado, em inserir a minha cortezia naquella refohada autiguidade.

Não desanimei todavia. Há uma fineza á que os velhos maiores de setenta annos não resistem; é tocar na sua longevidade, sobretudo orçando-lhes uns dez annos de menos.

Um dia, pois, tomei de escalada o velhó,

indo á elle, e dizendo-lhe sem preambulos :

— Seguramente o senhor anda rastejando pelos oitenta.

Diluiu-se-lhe a carranca em um riso lavado.

— Os oitenta!... Onde vão elles, meu senhor? Então ainda eu me considerava rapaz : vinha á pé da Pavuna e voltava.

— E com quantos está agora ?

— Ora adivinhe !

— Oitenta e seis ou oitenta e sete.

— Oh ! Oh !... Noventa...

— Não é possível !

— E tres, meu senhor ! Este Passeio Publico que o senhor está vendo, ainda o Senhor Vice-Rei Luiz de Vasconcellos não sonhava de mandar faze-lo, nem de cá vir, que já eu estava nascido, e quando se abriu, que foi uma funcção para a cidade toda, tambem vim com minha mãe e a prima Engracia, que já estava eu taludinho e com ponta de buço. Ora faça o senhor as contas !

— Não ha duvida : mas fique certo que ninguem acredita !...

Esta palavra poz o remate á conquista. Dahi em deante o velho me pertenceu, e eu pude folhear á vontade esse volume precioso de anedotas e casos antigos.

Quando tiver folgas, irei dando á estampa o que me confiou esse marco do seculo passado, por cima do qual vae passando, sem o abalar nem submergir, o turbilhão do presente.

Rio, 1 de Dezembro, 1872.

J. DE ALENCAR.

# O GARATUJA

---

## CAPITULO I

### TRES ANTIGOS LUZEIROS ESCAPOS Á POEIRA DOS TEMPOS

No dia 3 de novembro do anno que se contou 1659 da graça e nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo, a leal cidade de S. Sebastião de Rio de Janeiro, estava em grande alvoroço.

Não era a então nascente capital, socegada e pachorrenta, como a grande corte em que se transformou. Si não mente a chronica tinha naquelles tempos affonsinhos o genio trefego, e um sestro de intrometter-se com as cousas da governança para não deixar que os officiaes d'el-rei lhe tosquiassem muito cerce o pello e a bolsa.

Promovida á corte, lembrou-se no principio alguma vez da balda antiga; mas com a vida palaciana, breve esqueceu de todo os ardores da juventude, e aquellas desenvolturas de rapariga.

Agora da-se á respeito. Já não é a carioca faceira e petulante, de saia de crivo e olhos bregeiros, estalando castanholas ao som do fadinho. Fez-se dama; traz anquinhas, e arrasta a cauda com donaires de matrona.

Sete horas acabavam de soar na torre do mosteiro, e apesar do muito cedo o povo enchia as poucas ruas que formavam naquelle tempo o ambito da cidade, ainda conchegada ás abas do outeiro de S. Januario, que a protegia com seu castello roqueiro.

Onde porem mais alvoriçava o arruido era no *Rocio do Carmo*, nome que tinha então nos livros da vereança o Largo do Paço, ao qual não obstante a arraia miuda continuava á dar a alcunha popular de *Terreiro da Polé*.

Golpes de gente azoinada e assustadiça, borbotavam uns apoz outros da rua Direita e becco dos Barbeiros, mas sobretudo das bandas da Misericordia, Castello e Ajuda, area onde mais se condensava o povoado.

Varios ajuntamentos se haviam formado aqui e ali no circuito da vasta praça, separados pelo refluxo dos mais alvoroçados, que não se podendo ter parados um instante, ferviam, á maneira das

ondas em torno de abrolhos, e borborinhavam soffregos de colher pormenores da grande nova.

Desafrentada do paço, que só muitos annos depois devia ser construido, a praça estendia-se até a rua da Misericordia, onde se erguera a nova igreja de S. José, cuja capella mor, de recente fabrica, entrava pelo mar á dentro.

Do lado opposto, desde o canto da Rua Direita alongava-se um renque de lojas e tercenas, esboço do opulento emporio que derramando-se pela varzea havia de cubrir antes de dois seculos a vasta marinha. No lugar onde mais tarde se edificaram as casas do Telles e o arco, famoso na chronica fluminense, via-se ainda a velha tenda do ferreiro, que dera nome ao logar.

A face de terra era occupada pela capella de Nossa Senhora do O' e pelos dormitorios dos Carmelitas cuja cerca terminava na Rua da Cadeia. Ainda não existia o templo que hoje serve de capella imperial, erguido um seculo mais tarde sobre as ruinas daquelle.

A face do mar descortinava o formoso panorama da bahia. Junto á ilha das Cobras balouçavam-se os galeões da frota proxima á partir para o reino.

Na praia, onde brincavam as ondas, ainda não

rechassadas por caes ou aterro, abicavam de instante á instante as canoas da outra banda e as barcas dos pescadores que tornavam do mar.

Dentro da praça, mas encostada á igreja de S. José, destacava-se a casa da camara, com o seu campanario, e as enxovias da cadeia, corridas de um e outro lado do pavimento terreo.

Em frente, á alguns passos de distancia, no lugar onde fica actualmente a ucharia imperial, erguia-se o pelourinho, esse padrão do governo da cidade, ao qual o povo chamava cruamente — a polé.

Era justamente em torno da columna da governança, que se apinhava a multidão, cujas vistas inquietas, desenganando-se de achar na picota qualquer edital da vereança a cerca da grande novidade, voltavam-se para as janellas ainda fechadas da casa das sessões.

Uma canoa de voga acabava de chegar a praia ; e della saltava nas costas do escravo remeiro, um velho seco e alto, de rija tempera, e cujos movimentos vivos e articulados, davam-lhe ares de um grande grilho em posição vertical, vestido de garnacha preta, com os competentes calções e meias da mesma cor. Tinha de mais um casquete de abas reviradas, sapatos de cordovão com fivella de prata, e uma desmedida bengala, cujo castão

de ouro, representando uma borla doutoral, lhe roçava o queixo adunco, quando a empunhava direito.

Era esse o licenciado João Alves de Figueredo, que aproveitára os dias feriados para refocilar em sua quinta de S. Lourenço á outra banda. Tornando á cidade, e sorpreso do alvoroço em que a vinha encontrar, mal pisou em terra, barafustou á cata de novas.

Foi dar em uma pinha de gente, que impressava-se para ouvir a narrativa do caso, feito por uma voz fanhosa e estridula.

Pertencia essa falla de arripiar os nervos, á um sujeito pequeno, rolho, já velhusco, vestido pelo mesmo teor e forma do licenciado, como official que era do mesmo officio. O letrado acompanhava os esguichos nasaes da palavra, com um accionado consoante; seu gesto oratorio mais valente era uma lançada que dava *ex-abrupto* na cara do auditorio, com os dois dedos indicador e maximo, espetados á guisa de sovelão.

Havia seu perigo em escutar de perto um tão valente casuista; nos momentos de calor seria capaz de vasar um olho, ou esbrugar um dente ao incauto para mostrar-lhe ao vivo a força da sua dialectica.

Defronte do orador, estava um frade, que pelo habito negro, os cordões brancos e as alpergatas se conhecia ser dos mendicantes. Era tambem cheio do corpo, mas de uma obesidade balofa, que não sobresahiria tanto, si não fosse a fradesca indolencia com que elle se entulhava sobre si mesmo, mettendo a cabeça pelos hombros, e o ventre pelos quadris.

Com os olhos abotoados e a comer a boca do orador, por vezes tentara o frade tomar-lhe a palavra, e afinal decidiu-se á arranca-la á viva força. Mas o guincho do lettrado, lhe retalhara como uma navalha a voz de baixo profundo, por modo que era impossivel perceber-se uma syllaba.

Reconhecendo de longe nos dois emulos, o padre mestre frei João de Lemos, da ordem de S. Francisco, e o bacharel Dionisio Mendes Duro, que fazia profissão de lettrado forense, o licenciado desconjuntou-se na guinada do costume, e fendida a mó de gente com um rasgo da enorme bengala, surdiu avante.

Os tres sujeitos que ali estavam em trempe, no centro da pinha de gente, eram tidos e havidos pelo bom povo fluminense como as tres grandes luminarias da epocha.

Ao frade, reputavam o primeiro pregador do

seculo. Como o licenciado, não havia outro para decidir o mais intrincado caso *in utroque jure*. Quanto ao bacharel, esse levava as lampas a qualquer no manejo dos negocios, tanto na audiencia, como nas cousas da governança.

Tal era a nota e conceito das tres respeitaveis cacholas, e tão firmada estava sua voga, que os unicos á dissentir eram elles proprios, mas a respeito dos dois outros, porque em relação a si dignavam-se de concordar com o vulgo.

Fr. João de Lemos, além de primeiro pregador, guindava-se á honra de mestre em theologia, e grande sabedor nos canones, o direito por excellencia. Assim nos dois letrados, via elle apenas uns leigos, com fumaças de doutores.

O licenciado João Alves, acreditando piamente ser um portento na jurisprudencia e sem contestação a primeira cabelleira do mundo, tinha o frade e o bacharel na conta de dois rabulas, lardeados de sabença de orelha e latim de algibeira.

Por sua vez o Dionisio Duro, apregoava que os seus emulos não passavam de portadores de bullas falsas, alisadores dos bancos da eschola, onde haviam encruado umas letras gordas. Elle, sim, que estudara na pratica e era um poço de scien-

cia, capaz de afogar em um espirro a tonsura do frade e a guedelha do licenciado.

Com a subita chegada do João Alves, estacou o o bacharel no meio de uma campanuda digressão.

— Então qual é a novidade? perguntou o licenciado.

— Pois não sabe? acudiu o frade.

— Si agora ponho pé em terra.

— Foi o prelado, que lançou a excommunhão sobre o ouvidor; tornou o bacharel.

— Que me diz?

— Esta manhã, quando o doutor Pedro de Mustre se ia embarcar para a capitania do Espirito Santo, intimou-lh'a o padre Raphael Cardoso, da parte do vigario geral.

— Depois das tres admoestações canonicas; concluiu o frade.

— É a praxe; observou os canones.

— Como ordenam as decretaes; corrigiu o licenciado. Mas o porque do caso, é que ainda estou por saber.

— Fallam na devassa que tirou o doutor Pedro de Mustre contra os familiares do prelado no negocio da assuada ao tabellião. Parece que se procedeu *injuste et malitiosé*.

— A devassa foi este seu servo quem a reque-

reu, Sr. Dionisio Duro, como patrono do Sebastião Freire; atalhou o licenciado; e na melhor forma e via de direito, *ex vi juris et legis, ut.* Ord. liv. 5º tit. 48. *Dos que fazem assuadas, etc.*

— Que era o caso della, *non est disputandum*, tornou o bacharel; mas si o julgador a tirou *ab irato*, eis o ponto da questão.

— Sem fallar da excepção, *inimico et suspecto judice*; ponderou o padre mestre, porque o estarem os minorense de tonsura e habito, *in actu delictis*, é de notoriedade publica.

— *Suspectus et varicator judex*, Sr. padre mestre, seria o ouvidor si não guardasse a ordenação, quando por ella requerido, ou mesmo que o não fosse, pois era o caso de proceder-se *ex officio, sicut* — Philipina no liv. 5º tit. 45 § 3, *Mendes à Castro* — Praxe — *Parte 1ª* livro 1º cap. 2º n. 38, e Senator Sardinha, allegação 96 n. 22, *ubi refert judicatum*.

O licenciado, irriçando a cabelleira com o castão da bengala, ameaçava despenhar sobre os dois emulos uma cascata de citações attinentes ao caso, sem esquecer os commentarios e castigações dos respectivos doutores. Infelizmente um reboliço do povo atalhou aquella torrente de erudição forense.

As janellas da casa da camara se abriam ; e a sineta do campanario annunciou que o senado da leal cidade de S. Sebastião ia entrar em vereação, para deliberar sobre os negocios da republica.

Entre os de maior monta que naquelle dia tinham de occupar a attenção dos conselheiros do povo fluminense, avultava o caso gravissimo da excommunhão do ouvidor.

Quem reflectir na disciplina rigorosa que ainda naquella epocha exercia a igreja sobre o poder temporal, embora já decahida do que fora em antigas eras, comprehenderá quanto a pena severa fulminada contra o primeiro ministro da justiça de el-rei por elle posto na capitania, devia abalar os povos sujeitos á sua jurisdicção ; e derramar na cidade o terror e a consternação.

Apezar de não ser então a população fluminense, como attestam os documentos da epocha, das mais fervorosas no zelo catholico, e exemplares na pratica do cathecismo ; todavia dominava na massa geral o respeito tradicional que infundia a religião de seus maiores, e augmentado pela superstição propria daquelles tempos de ignorancia.

O conflicto que o prelado levantava com a magestade secular, collocava os moradores da terra em collisão terrivel, perplexos entre o acata-

mento que deviam como fieis ás censuras da igreja, e a obediencia que tinham de guardar como subditos aos ministros da republica.

Imagine-se pois a anciedade com que esperavam todos a junta dos vereadores em camara para destrinçar com o parecer dos doutos caso tão abstruso e emmaranhado, livrando os povos do perigo imminente de ficarem, ou excommungados ou rebeldes.

---



## CAPITULO II

A MAIS AFIADA LINGUA ENTRE AS FAMOSAS QUE ENTÃO  
HAVIA NA LEAL CIDADE DE S. SEBASTIÃO

Em outro ponto do rocio, para o lado da Misericordia, tinha-se formado novo motim de gente, que se apinhava para ouvir os pormenores do caso.

Quem fallava era uma velha, de trunfa bem riçada em topete, com a mantilha trançada á cima do hombro e repuxada por baixo do braço direito, o qual gesticulava de uma maneira desabrida.

Tinha a regateira uns olhos tão pequenos que pareciam dois caroços de feijão preto embutidos na testa ; as pestanas, as comera a sapiranga que lhe arroxeara as palpebras. A boca, de bom tamanho, desdentada na frente, em fallando, o que era o seu estado habitual, mostrava uma lingua fina e ligeira, que espivitava os beiços delgados, como o ferrão de uma vespa devorando por dentro a casca de uma goiaba.

Essa linguinha afiada, que tinha fama de cortar como nenhuma outra na pelle do proximo, pertencia á sra. Poncia da Encarnação, que fazia vida de regateira ; mas não se occupava de outra cousa senão de espreitar por detraz da rotula o que ia pela rua, para enredar os vizinhos e fallar mal da vida alheia.

Fronteiro á ella, e seu attento ouvinte, apparecia o Belmiro, sujeito esgrouvinhado e macillento, com um corpo desengonçado sobre duas pernas de taquari.

As pastas de alvaiade que tinha pelo cabello ruivo e assanhado, bem como as dedadas de oca e zarcão, apalpadas nas mangas e peitos do jubão de cor indescrível, estavam-lhe denunciando o officio de pintor.

— Ninguem me tira de que tudo isto não passa de artes daquelle capeta, Deus me perdoe, do Garatuja... Sabem ? O cujo da Rosalina, que ella chama de engeitado !... Nanja eu, que engula essa ! Ai, a sujeita é matreira ! Lá isso é, não tenham duvida ! Como ella arranjou o tal engeitadinho tão á ponto, que foi mesmo um traz, zaz ; sahiu por uma porta, entrou por outra, e manda el-rei meu senhor que me conte novas. E o maganão do alferes, que ainda anda na corte requerendo licença .

para metter-se em matrimonio, e já o filho... Olhem que não sou eu quem diz, a cidade anda cheia... e já o filho quer passar-lhe a perna. Pois não verão frango com gogo? O peralvilho do engeitado a se derrengar com a filha do tabellião, a Martha!... Sonsa como ella, só! E' rapariguinha para dar sota e basto á um seminario inteiro de minoristas, e ainda sobra! De olho só, gentes, não estejam ahi a maldar; só de piscar o olho e namorar de janella é que eu fallo, que lá do mais não sei!... Emfim eu cá não metto minha mão no fogo por ninguem! Deus me defenda!... Tomara eu poder com os meus peccados, quanto mais ainda por cima carregar lá com a culpa do que os outros fazem!

Ao cabo desta lenga-lenga, que zunia como uma matraca tangida em officio de trevas por garoto formigão; tomou a Poncia respiração, mas para despedir-se em nova parlice.

— A tal rapariguinha... Não digam que foi a Poncia quem contou. Menos essa, que não quero enredos comigo! A sonsa da Martha anda desinquietao os familiares do prelado. Os minoristas, já se sabe... isso de rapazes perto da cachopa, é como algodão que em lhe tocando fogo, fica logo em labareda!... Mas o Garatuja, como não lhe

cheirasse a cousa, lá fez das suas trampolinas, e pregou algum mono á cleregia, a qual se engrilou com o Sebastião Ferreira, e então arrumou-lhe a assuada ! Pudera não ! Os formigões !... Escrevam, e verão si eu lhes engano. A tramoia toda foi arranjada pelo demonio do Garatuja... Cruzes, filho de Belzebuth, engrimanço do porco sujo !... O tabellião e o prelado andam ahi vendidos !.. Sou capaz de jurar !... Agora si o Almada tambem está enfeitado pela rapariga, e teve algum bate-barba com o tabellião, pelo que assanhou a cleregia contra elle ; pode bem ser ; não digo que não ; mas com certeza o Garatuja andou mettido em toda essa embrulhada.

— Elle pode ser, disse o Sr. Belmiro. Aquelle rapaz é das Arabias !... Dizem...

Levou o pintor a mão esquerda espalmada ao canto direito da boca, á guisa de empanada, e sombreando a voz concluiu :

— Dizem que tem partes com o demo !...

— E o senhor anda mettido com elle ! acudiu a Poncia.

— Pela razão do officio, que o diabo do rapaz tem geito para a cousa.

— Va-se fiando na Virgem e não corra. Um dia quando estiver desprecatado, elle é capaz de

embrulha-lo nas barafundas do inferno, e pum !... Lá vae ! Carrega-o direitinho para as caldeiras do Botelho !... Eu cá, gentes, como por mal de meus peccados moro defronte da arrenegada da mã, vivo me benzendo !... A rotula, todo o santo dia que Deus manda, não me fica sem um raminho d'arruda, que é para arredar o mofino, si lhe der na veneta de vir tentar-me !... Credo !... Que só de pensar nisto, estou tremelicando toda por dentro e-por fora, que nem passarinha de carneiro !... E um pucarinho d'agua benta com seu raminho de alecrim, que todos os domingos trago do collegio, que me dão os bons padres. Santos homens, agarradinhos, é verdade, que nem escurrupichado sahe d'ahi um tostão !...

Ia continuar a Poncia, tosando um tanto a pelle aos jesuitas, com quem alias tinha suas privanças ; mas agitaram-se outra vez as turmas de gente que cercavam a casa da camara por não poderem penetrar no interior, e foi a beguina enrolada em um remoinho, produzido pelo retrocesso da multidão.

Dera causa á esse novo reboiço, a entrada no rocio de um ajuntamento de pessoas, que se encaminhavam em forma de cortejo para o senado fluminense. Traziam todas as roupas talaes, de

estofa preto, como então usava a gente de justiça ; e si não eram rigorosamente conformes aos preceitos da pragmatica, não davam escandalo, como acontecia na occasião de festas e até mesmo em visitas do quotidiano.

O da frente era o ouvidor, e os outros, officiaes da justiça d'el-rei, por elle postos naquella capitania, que vinham todos unidos em corpo protestar contra a violencia inaudita que tinham recebido na pessoa de seu cabeça, o primeiro ministro togado, e presidente da comarca.

Ali ia tambem o tabellião Sebastião Ferreira Freire, a causaprimeira da mitrada que desfechava o prelado sobre a toga do ouvidor, e que ameaçava de grandes calamidades a cidade de S. Sebastião.

Emquanto os juizes, vereadores e homens bons, assentam em conselho no melhor meio de salvar a republica, remontemos nós o curso dos acontecimentos para conhecer as causas do imprevisto successo, que poz em alvoroço a população fluminense.

---

## CAPITULO III

UM TYPPO QUE JA NÃO SE ENCONTRA NO TEMPO D'AGORA

A Rua do Aleixo Manoel que só um seculo depois veio a chamar-se do Ouvidor, quando ahi se estabeleceu a residencia effectiva do primeiro magistrado da capitania; naquelle tempo nem indicios dava da brilhante galeria do luxo e da moda, que se começou a formar com a vinda de el-rei D. João VI, em 1808.

Muito lhe faltava ainda para merecer o nome de rua, que nem toda a gente lhe dava, dizendo simplesmente. « Para as bandas do Aleixo Manoel. » Teria então meia duzia de casas; o mais eram cercas ou quintaes.

Proximo á travessa do Sucussára, via-se ainda a antiga loja do mercador que primeiro ali morava e d'onde lhe viera o nome; e fronteiras umas casas de taipa com dois lanços, e quatro janellas de rotulas, como eram quasi todas naquelle tempo.

O lanço que ficava á direita, para o lado da

esquina era occupado na frente por um repartimento espaçoso, vestido de alto abaixo com pannos de prateleiras carregadas de autos. Como não bastassem as paredes para accomodar toda a papelada, sahiam do meio dellas outros renques de prateleiras atravessados, formando uns cubiculos estreitos, onde viam-se bancas apinhadas de rimas de processos. Por detraz dessas muralhas de autos arrumadas á guisa de torre, ouvia-se ranger a penna no papel, signal infallivel de que ahi estava a rabiscar um escrevente do cartorio.

Em uma especie de nicho que havia para o fundo do aposento, contra a parede interior assentava uma longa banca de pau santo, sobre seis pés torneados, cada qual mais grosso do que a viga da casa. Como as outras, servia esta mesa de sapata á um castello de papellorio; mas aqui as ameias eram feitas não só com muralhas de autos, mas com baterias de formidaveis bacamartes encadernados em camurça vermelha.

No meio da banca, dentro da cava aberta para accomodar o corpo, surgia um busto de homem, coberto de tabaco e poeira, com um chinó tão escandalosamente ruivo, que já frisava com o vermelho.

Oculos de azas de estanho, trepados no respei-

tavel cavallete, envidraçavam de verde uns olhinhos redondos, vivos, espertos, que pulavam das orbitas como a pupilla do molusco. O queixo fino e agudo, á feição do gume de uma fouce revirada, bem como as faces chatas e batidas, pareciam chanfradas em carão de pau, coberto de velho pergaminho.

Constantemente sorvida, certo indicio de concentração do espirito, a boca não passava de uma ligeira commisurá, que seria imperceptivel, si a conformação do rosto não indicasse naquelle ponto o hiato da gula.

Ás orelhas que não invejariam as de um perdi-gueiro, no tamanho e nas ouças, servia-lhes de ornato duas pennas de ganço, que lançando as longas rammas sobre as espaduas, espetavam-lhe na testa os picos rombos, e cobertos com espessa crosta de tinta.

Quando succedia escarrapachar-se a que estava de serviço, ia substituir uma das duas de reserva nas cantoneiras, provavelmente a mais repousada: assim reveesando-se, despejavam-se as tres sobre o almalço por modo, que as folhas e quadernos de papel desapareciam devoradas pelo infatigavel regotim.

A parte de mais nota era a mão, que poderia servir de bitola ao palmo craveiro, pois assen-

tando o punho em baixo da pagina alcançava-lhe o tope com os bicos da penna encravada nos tres dedos, que a apertavam como os dentes de uma tenaz de aço. Encolhendo-se á medida que desciam as regras da escripta, a tal mão de tarracha só levantava-se da banca para virar a folha com um piparote, enxombrado da saliva, que o dedo minimo furtava á boca, mas com a rapidez de um tiro de bodoque. Nestas occasiões o beijo em constante sinalepha, desabrochava da cisura, graciosamente estufado, como a fava de um chichá.

Era este o dono do cartorio, Sebastião Ferreira Freire, tabellião do publico, judicial e notas, da cidade de S. Sebastião, morador qualificado não só pela importancia do cargo, como pelos mais predicados de sua pessoa.

Tudo ali revestia-se do aspecto poento e venerando daquelle alfarrabio vivo encadernado em pergaminho humano. As teias de aranha desciam do tecto, formando pelas estantes festões e requififes, com recamos e debuxos de alto bolor. O tinteiro de chumbo, com bocal de vasta dimensão, já desaparecia por baixo do espesso coscorão da borra, que entornando pelo rebordo, lhe mudava a forma chata em funil, onde entrava o tubo da penna até ao meio. Cada pennada destas era a

conta de uma lauda com quarenta regras, segundo o regimento.

Terminada a pagina, si a boceta poedeira já não tinha areia, por have-la consumido o monte de escripta que lá estava sob o calhamaço, não carecia o destemido rabiscador sinão de sacudir a esguia cabeça, e cahia-lhe da cabelleira pó bastante para matar o borrão.

Esse pó era um mixto indescrictivel em cuja composição entrava além da parte subtil da terra, os borrões de tinta que se desfaziam de seccos, e o esturro da enorme boceta ali posta ao lado.

De instante a instante a mão esquerda descrevia uma especie de rotação, com a regularidade do pendulo de uma guindia. Resaltava do bordo da mesa onde calcava com um mürro o papel; cahia a prumo, ficando as costas da boceta na banca, e abrindo a tampa com a unha mestra do pollegar, tirava uma pitada tabelliôa, que é mais do que doutoral, pitada de tres dedos.

Assim carregada com aquella dóse formidavel de esturro, a respeitavel trempe subia direita ao nariz, para abarrotar as ventas que fungavam com estrepitoso ronco. Então formando chave, os tres dedos penteavam a trunfa do chinó, e beliscando rapidos a ponta da lingua que o fungo nasal es-

premia na bouquinha, esfregavam as pontas para arredondar a clássica bolota, que voava pelos ares com um piparote da unha mestra.

Em todo este tempo desde que a mão esquerda sahia de sua posição habitual até de novo armar-se, em forma de soco, no bordo da mesa, a penna não cessava de esgrimir sobre o papel.



## CAPITULO IV

PORQUE O SEBASTIÃO FREIRE NÃO FECHAVA MAIS OS  
OLHOS PARA FAZER O SIGNAL PUBLICO

Cada dia que Deus dava, invariavelmente, ás oito horas de inverno e sete de verão, escanhado, almoçado e tabaqueado, sentava-se o Sebastião Freire á carteira, e desunhava-se em borrar papel até meio dia.

A' ultima badalada das doze trocava a banca de escripta pelo bufete onde o esperava o jantar. Terminado este, deitava-se em um catre de couro de veado, que tinha na varanda e ahí fazia o chilo, dormindo a sua sesta.

Despertava da somnata com tal exactidão, que si o relógio da torre do mosteiro de S. Bento, o regulador do horario da cidade naquelle tempo, se desconcertasse, não seria preciso tomar-se a meridiana ; porque a cabeça pontuda do tabelião espirrava da almofada infallivelmente no momento em que a sombra do ponteiro cahia sobre as duas.

Voltava então à banca, e esgrimia de penna até que se fizesse noite na casa do cartorio, o que succedia meia hora mais cedo do que na rua, por causa dos grandes armarios que interceptavam a luz.

Concluida a tarefa do dia, com desencargo de consciencia por estar cumprida a obrigação, dava o Sebastião Freire sua hora á devoção. Depois de rezar trindades, sahia pela vizinhança á desenferujar a lingua e as pernas, que lhe ficavam um tanto perras. Outras vezes acompanhava a dona e a filha, que iam de visita em casa d'alguma cômadre; porém mais frequentemente á casa da sra. Romana, sogra do nosso tabellião, e uma das matronas respeitaveis da cidade de S. Sebastião, que as tinha outrora de veneranda trunfa.

Esta faina diaria, somente se alterava nos dias de guarda, que o Sebastião Freire como bom catolico reservava ao repouso depois da missa conventual; e os dias de audiencia, em que pela accumulção do judicial estava elle obrigado á assistir ao despacho do ouvidor. Afora estes dias era mais facil desapparecer da bahia o nariz do Corcovado, do que o nariz da tabellião de cima do livro das notas.

Estirando o gregotim pelo papel, não perdia o

Sebastião de vista o cartorio, e ora um, ora outro, dos olhinhos de azougue, infrestava-se pela aberta das cangalhas á espreita dos escreventes, que trabalhavam na rasa, cada um em sua banca, atravancada de autos.

Era especialmente quando se preparava para pôr o signal, que o tabellião aproveitava para a rapida pesquisa do cartorio.

O signal, historiado e vistoso, tinha seu que de jeroglypho; e para o nosso homem era como um brazão de officio ou timbre, de que elle se desvanecia. Si lhe coubesse tambem alguma vez, a mercê de habito, como a estavam dando os governadores por graça de el-rei, sem duvida que as armas da familia haviam de ser a copia do signal publico, que authenticava as escripturas lavradas nas notas.

Consistia o dito signal em um êsse gigante, que se enroscava de alto a baixo da pagina. No centro dessa maiuscula via-se um feixe de riscos sem forma com que o tabellião pretendia representar uma forja, emblema do sobrenome Ferreira. Da extremidade inferior do êsse nascia uma cêtera a qual depois de cingir a firma se enleiava em um labirinto de voltas, que figuravam as voltas de um escapulario, symbolo do Freire.

O Sebastião Ferreira Freire tinha por timbre fazer o signal de olhos fechados, para mostrar quanto estava d'elle senhor, a ponto que mesmo dormindo, si lhe encaixassem a penna nos dedos, seria capaz de traça-lo de um jacto.

Em chegando a occasião, aprumava-se o nosso homem sobre o tamborete, esticava o pescoço para traz, e segurando a penna a prumo, verticalmente fincava o bico no alto da pagina final. Nesse momento fechava os olhos, e começava a barafunda com a rapidez da aranha á urdir o fio da sua trama.

Depois de certo tempo porém uma novidade se introduzira nos habitos regrados do tabellião, o que em homem tão pautado e sisudo era para admirar-se. Em vez de fechar de todo os olhos para fazer a cetraria, apenas fingia, e pelos cantos esguichava um olhar de punção para um angulo do cartorio, alvo de sua attenção suspicaz.

Na betesga ou escaninho que formavam ali dois pannos de prateleiras, havia uma banca estreita, a unica desafrontada das tulhas de autos e bacamartes, e sobre a qual escrevia um rapaz de vinte annos.

Pelos modos conhecia-se que era aprendiz do officio e tratava de ageitar-se para tornar-se algum

dia um dos moços do tabellião, ou rato do cartorio, como dizia pittorescamente o povilheo.

O rosto fresco e rosado que salpicavam as chispas de um sorriso zombeteiro; e a malicia não vesga ou rebuçada, mas louçã e garrida que lhe fervilhava nos olhos travessos; essa flor de uma mocidade isenta e viçosa, não a fanara ainda o bafio do cartorio.

Ainda aquella atmospherã poenta não ressequira sua cutis, dando-lhe o tom desbotado do almaço; nem a fadiga da vista lhe tingira de bistre as grandes olheiras como succedia com seus cômpanheiros, em cujo numero os havia alias de pouca mais idade.

Era justamente a ausencia absoluta dessa mascara de cera, que tanto inquietava o tabellião e enchia-lhe o animo de suspeitas. Aquella massa não lhe parecia da especie de que se fazem escreventes; muito curtida e sovada talvez não desse ainda assim para um máo carregador de autos.

— Si me sahe daqui um dos taes garotos, que vivem a estropiar a escripta, para fazer uns pedaços de regras, que lá elles lhes chamam versos?

Era esse o grande susto do tabellião, que tinha a trova em conta de heresia; e estremecia de horror com a idéa de lhe estar dentro do carto-

rio, a trasladar-lhe autos e instrumentos, um desses endemoninhados.

Uma beata de truz, em desobriga com um fradeco dengoso, rescendendo á pivete, não o olharia com tamanha desconfiança, receiosa de ver surgir-lhe debaixo do capuz a munheca do Tinho-so; como o Sebastião Ferreira espreitava o rapaz.

Que este não lhe entrara em casa muito de seu agrado, era cousa que logo se percebia. Alguma razão maior houve sem duvida que levou o tabellião á tomar para seu cartorio aquelle *filhote de cigano*, como o chamava.

Não será demasia, já que estamos em cartorio, tirar as inquirições do caso.

---

## CAPITULO V

COMO SE AGEITAVA UM ENGEITADO NAQUELLE SECULO  
PUDICO

A sogra do nosso tabellião, a sra. Romana Mencia era apontada entre as pessoas de maior devoção da cidade.

Alem do terço que se resava todas as semanas em sua casa, gostava a devota de fazer o presepio de Natal, e suas novenas pelo correr do anno.

Uma novena naquelle tempo fazia as vezes da partida familiar em nossos dias. Emprazavam-se umas tantas familias do trato e conversa intima da sra. Romana com o fim de festejar algum santo por tenção especial.

Armava-se o oratorio, tirava-se para a frente a imagem do santo em cuja tenção era a novena, e durante oito dias, e á boca da noite, resava-se a ladainha. Afinal chegava o dia da festa, em que havia luminarias e outras frandulagens.

Depois da resa, os velhos franceavam contando historias do bom tempo que não volta, e recordando as rapazias que tinham feito. As devotas

de respeito destrinçavam na vida alheia, mas sempre arrenegando dos mexericos dos novelléiros; as meninas fingindo escutar as mãis, acompanhavam com o canto do olho os folguedos dos rapazes que saltavam no quintal, atacando foguetes ou fazendo sortes.

Afinal vinha a ceia, forte e succulenta, como precisavam para conciliar o somno, os estomagos de nossos avoengos. Em vez do sorvete, chupava-se o excellente ananaz e a laranja, e por volta das nove horas, estavam todos recolhidos.

Uma das vizinhas da sra. Romana Freire tinha um engeitado, que era estudante. Chamava-se o rapaz Ivo do Val, e fora achado uma noite á porta da casa, onde morava então com sua familia, como donzella recatada, a sra. Rosalinda das Neves, que veio á servir-lhe de protectora e mãe de criação.

Boquejou-se, embuste de praguentos, que o engeitado não era outro sinão o fructo dos amores da donzella com um alferes do terço da infantaria, vindo do reino. O official promettera casamento; mas para desempenhar-se de sua palavra honrada, esperava a licença de el-rei, da qual alias não carecera para o mais que adiantara por conta da futura boda.

Assim não chegando a pedida venia, impetrada ara Lisboa, e avultando á Rosalinda umas esperanças, que já lhe não cabiam no justilho, emquanto lhe minguavam as outras, que d'antes lhe nchiam d'abundancias o coração; tomou a mãe a moça as devidas cautelas, para tapar a boca os praguentos.

A moça adoeceu de ruim achaque; e ao cabo e umas tantas semanas, lá em certa noite appareceu na soleira da porta á resmelengar, uma rouxa que não se soube d'onde vinha. Disse a ente de casa que a trouxera um rebuçado em aixo do ferragoulo, e mal ali a pousou, logo leitou a correr.

Quem isso affirmava era a velha, que estava massando o seu rosario bem descansada, quando ouvira um grunhido na porta; e abrindo a rotula lepois dos indispensaveis exorcismos e benzimentos, logo poz em alvoroço a vizinhança, gritando:

— Abrenuntio! Abrenuntio!... Cruzes! Te sconjuro!

— O que é, comadre? perguntou-lhe a vizinha lo lado.

— O porco sujo que me está fossando na porta, senhora!

— T'arrenego!

— E foi um maldito cigano que o trouxe! Eu bem o vi pelo buraco da rotula quando passou cosido n'um couro de bode, e então deitava uma catinga de enxofre.

— Que me conta, comadre?

— É como lhe estou dizendo.

— Espere, vizinha, que já lhe levo o meu coto bento de Jerusalem. Si for o cão tihoso, ha de ver como espirra, por mais artes que tenha. Aquillo é uma vela milagrosa!...

Sahiram as vizinhas com os maridos, e toda a casta de reliquia e esconjuros, e afinal conheceram que a causa do barulho era um engeitado, e de gente pobre, pois estava embrulhado em uma esteira velha.

No meio das exclamações de espanto, e observações das comadres, ouviu-se um risinho de mofa. Era a vizinha defronte, a Poncia, uma lingua de lanceta, que se divertia cantarolando n'um falsete de tirar couro e cabelo :

Elle sahe pelo quintal,  
Porém entra pela rua  
Ora, etcetra e tal ;  
Tudo o mais é falcatrua!  
Seu alferes, al não al.

— Que é isto, vizinha, cantando à esta hora da  
ite.

— Ai! ai! gente, quem canta seus males es-  
nta.

— Enredeira do inferno! resmungou a mãe  
Rosalinda.

Criou-se o menino; e chegando á idade o man-  
ram á eschola aprender as humanidades, para  
pois lhe arranjam algum modo de vida. O  
paz era esperto, até de mais; porém não dava  
ra clérigo, como dizia então o povo, dos que não  
ostravam aptidão litteraria.

A razão desse dito é que nesse tempo a instruc-  
o no Brazil era um privilegio das ordens regu-  
res, especialmente dos jesuitas. O estudante  
onfundia-se facilmente com o minorista que se  
eparava para o sacerdocio.

Ivo era assiduo no pateo do collegio, mas no  
npo em quê devia prestar attenção ao mestre,  
strahia-se em ver os paineis que pendiam das  
redes, e as imagens das capellas. Ficava assim  
ras e horas com os olhos pregados nessas figu-  
s, como se as quizesse embutir dentro d'alma.

Ao sabir da aula, armava-se de um carvão, e lá  
ia á despejar pelos muros do convento caretas e  
grimanças de toda a sorte, pelo que estava cons-

tantemente a levar carolo do padre reitor, quando não era a penitencia de joelhos ou em cruz, e o jejum á pão e agua.

Mas apesar de todo esse rigor, era preciso de tempos em tempos cair as paredes do dormitório, pois pareciam um panno de raz, com as figuras e novidades de que as enchia o endiabrado rapaz.

Afinal cansados os padres de aturar aquelle eterno pintamonos, e convencidos de que era um borrador impenitente e relapso, despediram-n'o do pateo, onde pouco aproveitava, pois alem de ler e escrever, o mais que sabia era de outiva, e não passava de uma tintura de cada cousa.

Assim ficou o Ivo senhor de seu tempo, para trocar as pernas pelas ruas de S. Sebastião, e riscar toda a parede, que lhe cahia debaixo do carvão; d'onde veio chamar-lhe a gente o *Garatuja*.

Com isto davam-se á perros os donos das casas, que as tinham de cair a miude; mas o povo divertia-se á ver as diabruras do rapaz, como hoje em dia nos pasmatorios da rua do Ouvidor, aprecia as caricaturas expostas nas vidraças.

Os malignos achavam nos bonecos algumas parecenças com certos grandes da cidade, e descobriam umas allusões aos boatos e mexericos do tempo.

---



## CAPITULO VI

DESACATO QUE COMMETTEU O IVO CONTRA AS  
REVÉRENDISSIMAS VENTAS DA COMPANHIA

É para notar que passando a Companhia de Jesus por tão solícita em aproveitar as varias aptidões da infancia, cuja instrucção tinha a seu carrego, expulsasse o Collegio de seu pateo ao rapaz que tão decidida vocação revelava para a pintura.

Mas esse zelo e perspicacia era estimulado pelo espirito de corporação e interesse no engrandecimento da ordem. Assim nada o excedia quando se tratava de adquirir para o Instituto um engenho superior ou mesmo uma aptidão artistica.

Pela mesma razão, si lhes escapava a consciencia do menino em quem lobrigavam a centelha do genio, e pressentiam nelle os assomos da independencia ; seu desvelo era suffocar essa alma na sua nascença, cresta-la como ao botão de flor sem agua nem sol. Assim conseguiam muita vez

um aleijão moral, que servia para beato, si não dava para mendigo.

O Ivo cedo mostrára a ogerisa que tinha pela roupeta. Desde as primeiras rabiscadellas, não lambusava uma figura de raposa sem o traço de rigor. Os Padres arrenegavam-se; o rodeiro andava constantemente de brocha em punho para apagar aquellas artes do demo; mas ainda havia esperanças de torcer o pepino.

Até que perdeu o reitor a paciencia; e o caso não era para menos.

Havia em S. Sebastião uma velha ricaça, chamada D. Anna Carneiro, que morava lá para as bandas da Quitanda do Marisco quasi no canto, onde se levantou mais tarde a igreja de S. Pedro. A Companhia andava desde muito angariando a gorda herança, quando correu na feira a nova de que a velha fizera testamento e deixava todo o possuído á seus collateraes.

Murchos ficaram os Padres, com o logro; e pode-se bem imaginar a ira fradesca de que foram acommettidos, quando ao outro dia lhe veio dar aviso um irmão, dos de capa curta, de que na taipa da descida do Castello para o lado do Boqueirão da Carioca, havia um rascunho ou brutesco allusivo ao logro.

Era o Ivo que na vespera por trindades, ao sahir do pateo, puzera o caso ao figurado. Primeiramente pintara um bicho que se conhecia bem ser um carneiro, a correr com uma velha trepada nas costas, e a cauda a abanar. Atraz, mas logo atraz, enfiava uma pinha de narizes, de varios tamanhos e feitios, todos á farejarem com olfacto de perdigueiro o objecto que lhes estava adiante. Cada qual desses vultos era um retrato ; não havia mais que uma roupeta e um nariz, porém tal expressão lhes dera em dois riscos o diabrete do rapaz, que ali estava a Companhia em peso representada pela fiel effigie de suas reverendissimas ventas.

A vista de tamanho desacato dividiram-se os pareceres ; chegou-se á fallar no Santo Officio, e na necessidade de relaxar em carne o relapso : tambem houve quem lembrasse o exorcismo e o carcere ; prevaleceu todavia o alvitre mais prudente de abafar o negocio e evitar o escandalo.

Os jesuitas eram mestres da vida ; e ninguem os excedia nessa arte proveitosa de concertar as pancadas, *dando umas em cheio, e outras em vão*, o que tornou-se hoje em dia a summa da boa politica.

No fim de contas, Ivo não passava de um pobre rapaz, que deixado á si, nada valeria, baldo como

era de meios, e sem industria para os haver. A sua birra com os padres não vinha sinão de o constrangerem ao estudo, e do receio tambem de que mais tarde lhe encaixassem a roupeta de noviço. Uma vez sobre si, e desaffrontado da suspeita, não se lembraria mais de embirrar com a Companhia.

Por outro lado, desde que perseguissem o estudante com severo castigo, não era provavel que lhe acudissem de romania como protectores, os poderosos inimigos do Instituto? E nas mãos desses, não se tornaria o rapaz perigoso instrumento, de cuja obra ali tinham uma tosca amostra?

Estas ponderações, fe-las o Padre Francisco Madeira, o professo que mais voz tinha no capitulo, pelo grande fundo de saber, como pelo tento no manejo das temporalidades. Movido por voto de tanto peso, e tambem pela voga em que andava o rapazola entre o povilhéo; adoptou o Padre Antonio Forte, reitor do collegio, o alvitre, e com o melhor exito; pois ninguem aventou a cousa que passou desapercibida.

Ficou o Ivo como queria, vivendo á mangalaça pelas ruas de S. Sebastião, e nos arrabaldes, que a pouco e pouco se foram transformando em bairros, e estão agora dentro da cidade.

Tinha naquelle tempo a capital um pintor de casas, que si não era o unico, passava pelo melhor. A elle, ao Sr. Belmiro Crespo, cabe a honra dos boscagens e frescos que talvez ainda se encontram por ahi n'algum tecto de sobrado ou retabulo de igreja.

Era artifice de consciencia ; moia as suas tintas comò não faria um moleiro ao trigo ; concertava as na palheta com o brio de uma doceira a amargar gemmas d'ovos ; e de tento na mão, traçava na madeira, na cal, ou no panno, as suas figuras, com escrupulo de copista e paciencia de chim.

O Sr. Belmiro Crespo pintava por molde ; e nesse genero era insigne. Mas fora d'ahi, não havia meio de tirar delle, nem sequer uma casa, o abecê da paizagem. Era incapaz de copiar da natureza, ainda com o auxilio do espelho.

O nosso Ivo sentia desde muito uma attracção bem natural para a tenda do pintor, e furtava horas ao recreio para as gastar ali, de pé na porta, a ver as grinaldas e passarinhos que o Belmiro transportava dos recortes de papelão para os seus paineis de lona.

Agora, livre do pateo, podia fazer sua assistencia na tenda do official, e ali com effeito passava

o melhor de seu tempo, a ajudar os varios misteres da pintura, no que se foi tornando perito.

O Belmiro, que a principio o tratava como um pé rapado, começou a acamaradar-se, logo que lhe descobriu os prestimos; e por fim tão prendado ficou do diacho do rapaz, que o trazia ñas palminhas; e muito se rosanou pela visinhança a cerca de um pacto que o pintor havia feito com o diabo, para este lhe servir de aprendiz em paga da alma que lhe vendeu.

Estes cochichos e dizeres vinham de uns segredos que os dois tinham entre si, e das cachas que usavam passando horas e horas trancados, sem duvida á fazer brucharias e outras maldades.

Ao mesmo tempo, apparecia grande novidade em S. Sebastião. A cansada grinalda e os passaros com que o Belmiro invariavelmente ornava as paredes e tectos das casas, forão substituidos por festões de flores graciosas, e trechos de boscagens que pareciam copiados das florestas da Carioca e Tijuca.

Dizia o Belmiro, que tardando-lhe os moldes encommendados para Lisboa, cerca de anno, e estando os antigos já muito vistos; elle se propuzera á fazer novos, e pedia indulgencia para os seus humildes esboços, filhos só da boa vontade.

## CAPITULO VII

O CAIPORÁ QUE FOI A CAUSA DE TODA A EMBRULHADA  
DA EXCOMMUNHÃO

Certa manhã, andava o Ivo á pautear com o nariz ao vento pelas margens da lagoa das Marrecas, espantando os irerês e colhendo flores para as copiar á tempera, lá na tenda do Belmiro.

Cobria a lagoa das Marrecas a rechã, onde corre hoje a rua do mesmo nome, até as faldas dos tres outeiros do Desterro, do Carmo e do Castello, entre os quaes se derramava como acolchoado de um divan, cujo recosto formassem as verdes encostas das collinas.

O caminho da cidade cortava pela frente da Ermida, pequena capella da invocação de N. S. da Ajuda, construida no lugar onde faz esquina agora a rua da Guarda Velha, que não passava então de um carreiro. Serpejando pela falda do outeiro do Carmo, na direcção que ainda hoje tem a rua dos Barbonos, seguia pela frente do Hospicio dos Barbadinhos, e pouco adiante bifurcava-se.

Uma das voltas, cortando pelas abas do monte do Desterro, era o caminho chamado de Matacavallos, por onde se sahia da cidade para o interior. Contornando a quinta das Mangueiras, situada em um espigão do morro, a outra volta subia para a Carioca, encontrando á esquerda com uma vereda que descia para a banda do outeiro da Gloria.

Estava o Ivo na encruzilhada, quando ouviu uns apitos como de sabiá que salta de ramo em ramo, e antes que pudesse imaginar d'onde sahiam, appareceu-lhe em frente uma menina que vinha pelo caminho da Carioca asoquilipe, ora sobre um, ora sobre outro pé, com os cabellos ao vento, e a saia rocegada por causa do orvalho.

Tinha a travessa menina um rostinho de alfinim, com sobrancelhas de til, e labios de pincel, como não era capaz de tira-los sobre o marfim, em laivos de nacar, o mais delicado pintor. Embutia-se aquella figura angelica n'uma como redoma que lhe formavam as ondas bastas dos cabellos cendrados, a borbuharem em cachos dos bordos de uma pequena coifa de seda escarlate.

Esbarrando com o Ivo, soltou a menina um grito de susto, e fazendo sem querer uma pirueta que metteria inveja á um dansarino famoso, desandou á correr pelo caminho em que vinha.

— Que foi, Martha? perguntou uma voz de mulher.

— Senhora mãe, um caipora!

— Ave, Maria! Minha mãe de Deus!...

— Ai que susto! murmurava a menina estremeecendo ainda como uma rola.

— Como ha de ser, Sr. Sebastião Freire? Eu ahi não passo, nem que me arrastem. Então na encruzilhada!...

— Que partes são estas agora, Sra. Miquelina dos Anjos; não parece mulher de quem é: acudiu a voz de meio bordão do nosso Freire.

— Mas homem, si não está em mim.

— São visagens da pequena.

— Eu vi, senhor pai; acudiu Martha.

— Havia de ser algum macaco, ainda que já elles não andam por estas paragens: tornou o tabellião.

— Reparaste no pé, menina? Tinha unha de... daquelle bicho.

— Isso não tinha; mas olhava para a gente com uns modos.

— Fez-te uma careta, não foi? É macaco, não tem que ver.

— Sempre era bom esperar mais...

— Faz-se tarde, e já devíamos estar chegados. Ande d'ahi, mulher !

Resolveu-se afinal a Sra. Miquelina dos Anjos á passar, mas por cautela ia resando a meia voz a *magnificat*, e ainda era preciso que o Sebastião lhe dêsse uma demão, empurrando-a ás guinadas com o cotovello.

A Martha, essa ia adeante, e embora se embiocasse toda, lidando por esconder-se dentro em si mesma a uns olhos que estava entrevendo por toda a parte e em cada folha ; comtudo não mostrava lá muito medo do caipora.

Ivo, sorpreso da encantadora apparição, ia persegui-la com o pensamento já todo cheio de nimphas e driades ; quando a voz grossa do tabellião, espancou-lhe as doces illusões, e arrojou-o da mythologia na realidade.

Escondeu-se atraz do tronco de uma paineira, que ainda as havia nessa altura, e espiou a passagem do tabellião que voltava com a familia de uma quinta da Carioca onde fora passar o domingo, e pousara para tornar com a fresca da manhã, pois estavam na força do verão.

Fez-se a passagem do ponto arriscado, que era justamente a encruzilhada, sem o menor contratempo ; a viração serenara ; nem um ramo

farfalhou, nem uma folha estalou no matto. Já a Miquelina respirava, quando ouviu-se ali perto, dois passos atrás, um estridulo, que aos ouvidos da mulher soou como uma gargalhada de brucho.

— O caipora! bradou ella, e disparou pelo caminho fora.

O Sebastião Freire, sarapantado e um tanto bambo das pernas, com os olhos gazeos a saltarem desta áquella banda do caminho, lá se foi de recuo, aos trancos, receioso de quelhe surgisse do matto algum máo companheiro, caipora ou bicho, com quem se visse abarbado.

A unica pessoa da familia em quem os guinchos não produziram grande susto foi em Martha. Apesar de seu modo bisonho e timido, bispara ao passar o vulto do Ivo de espreita por traz da arvore; e atinou logo com a travessura, pela simples razão de que no logar do rapaz, ella faria o mesmo.

Quando pois o Garatuja arremedou o conhecido regougo do macaco, conheceu logo a pequena d'onde vinha a artimanha, e em vez de susto, o que teve foi vontade de rir; mas tolheu-a o respeito dos pais, e tambem o acanhamento de mostrar-se ao rapaz em correspondencia de travessura com elle.

Até as abas da cidade, cujo povoado começava na Rua da Ajuda, foram o tabellião e a sua metade em constante sobresalto por causa do maldito macaco, que os perseguia saltando de pau em pau :

— Arrenegado bugio, gritava o Sebastião ; vou deste passo encommendar-te ao almotacé, para te filar e torcer-te o gasnete.

— E o senhor á teimar com o macaco ! Quando lhe digo que é o Caipora, legitimo de Braga ! Si inda agorinha lhe bispei os chifres. Não vistes, Martha ?

Ante a formal intimação, não havia titubear :

— Creio que vi !... Agora me lembro, vi mui bem !

— Não vistes nada !... berrou o tabellião perdendo a tramontana. É forte embirrança ! Declaro eu, Sebastião Ferreira Freire, tabellião do publico judicial e notas desta leal cidade de S. Sebastião de Rio de Janeiro por el-rei, nosso senhor...

Aqui o nosso homem desbarretou-se com as maiores mostras de reverencia.

— ...que Deus guarde...

Novo desbarretamento.

— ...por muitos e dilatados annos, como todos havemos mister á bem do reino e da religião catholica apostolica romana, unica verdadeira...

Tomou respiração e continuou

— Declaro que é macaco, do que dou testemunho e porto por fé, e em prova da verdade firmo com meu publico signal...

Estacou de repente o Sebastião, e cahindo em si, viu que não estava no cartorio á ler o fecho de uma escriptura, mas em caminho para a casa. Encapelou o feltro paulistano na cabeça ; e deitou-se a pernas pela Rua da Ajuda.

Ao entrar em casa, Martha disfarçadamente volveu o rosto e viu de esguelha no canto o Ivo, que a espreitava.

---



## CAPITULO VIII

SUMIÇO QUE LEVOU UM CUPIDO ARMADO EM GUERRA,  
E ESTAMPADO EM PERGAMINHÓ

D'aquelle encontro em diante, tornou-se o Ivo menos assiduo na tenda do pintor.

Levava os dias agora a calcurriar a Rua da Ajuda, já atirando pedras aos passarinhos, já perseguindo os gafanhotos na relva, ou as rans nas touças de bananeiras. Tudo lhe servia de pretexto para volver atraz, passar e repassar por diante das gelosias; e fincar-se horas e horas, como um mastro de Natal, em frente á porta do tabellião.

Tornava á casa muito contente de si, quando lograva entrever pela rotula uma sombra que podia ser do talhe de abelha da menina Martha, como do cocó da sra. Miquelina, ou mesmo do gato da casa. O quer que fosse lhe dava uns repiques no coração; e aos olhos subia uma nevoa rubre, que lhe escurecia a vista; mas nesse cre-

pusculo, apparecia-lhe o rostinho de prata que elle vira com sua redoma de cabellos castanhos.

Ao cabo de alguns dias gastos nessa vadiagem, sentiu Ivo o impulso irresistivel de communicar o querido objecto de seus pensamentos; e inundando-lo com as abundancias de seu coração.

Ivo era mecanico, para fallar a linguagem coeva, pois que artista naquelle tempo servia para indicar os grammaticos e rhetoricos, ou os matreiros ferteis em manhas; e nada disso tinha o nosso estudante, cujo peccado não passava de uma ponta de sarcasmo, ao demais original, pois lh'ó dera a natureza, e não o podia negar.

Mecanico e artifice, não por mister e necessidade de ganhar a vida, si não por veia, tinha n'alma as primaveras floridas, que os poetas chamam lirismos.

O céu de uns olhos limpidos havia luzido naquella existencia; e os raios que lhe infiltrara no seio, estavam abrolhando em flores e boninas, que por força haviam de romper-lhe do coração.

O que havia elle de dizer a Martha e o como havia de fallar-lhe, não o sabia. Poetas são como as brisas, que pelo espaço vão caladas e tristes, mas encontrando as franças das roseiras, logo desatam em suaves arpejos.

Começou o rapaz á scismar e andou um par de

dias zozzo até que tomou-se de uma rebentinha, que parecia corrupio o estouvado, á girar de uma banda para outra.

Arranjou como poudo um pedaço de pergaminho de Flandres, tamanho de palmo ; e depois de bem respançado metteu-o na grade. Então munindo-se das cores precisas, trancou-se em casa e ei-lo á esboçar a miniatura, em que punha toda sua arte.

Foi apalpando o branco com a laca e a sombra para fazer os encarnados, até que se destacou em colorido a figura esboçada de um cupido brincão e gentil, armado em guerra, de arco e aljava. O pintor o figurava em acção de brandir uma setta, cuja ponta embebia na luz de uma estrella radiante em ceo azul, para cravar um coração cahido por terra e já crivado por um molho dellas.

Terminado o colorido e bem apalpadadas as sombras e realçes, quando ia passar á illuminação, esqueceu-se que faltava-lhe pão ouro para o farpão das settas, e correu á tenda do Belmiro á pedir-lhes um tantinho delle ; de caminho foi arranjanado o conto que lhe havia de fazer, para occultar o verdadeiro fim.

De volta, achou-se em branco o nosso Ivo. Tinha-lhe desaparecido o painel, sem deixar indi-

cios de quem o levará. A camara onde trabalhava tinha uma só porta que elle tivera o cuidado de fechar á chave, e uma janella que dava para a cerca. Era por ahi sem duvida que entrara o larapio.

Correu ao peitoril, e só descobriu um gozo da cozinha, acororado no quintal em frente d'elle, e a olha-lo com fôcinho chocharreiro, como si estivesse applaudindo o logro, que haviam pregado no nosso namorado, e mofando de sua figura estatelada.

Dando com os olhos no cão teve o rapaz um presentimento cruel. O pergaminho, apesar do respanço e da imprimadura, no fim de contas não passava de couro de carneiro, e todo o cachorro tem sua queda para esse despojo animal, até mesmo quando o encontra no cisco em forma de sapato velho.

Convencido de ser o gozo quem surripiara o malfadado cupido, e talvez áquella hora o tinha no buxo; o Ivo, com o sangue a ferver-lhe, galgou de um pulo o batente da janella, e foi-se como um raio ao cão. Mas esse que lhe presentira o impeto, escafedeu-se. Perseguiu-o o pintor, bem resolvido a agarrá-lo e abrir-lhe o ventre para extrahir a miniatura, de que ainda esperava aproveitar o

pergaminho. Batendo o matto e correndo o rocio da cidade no encalço do fugitivo, consolava-o a ideia, de que o verdete e o zarcão dariam cabo do bicho.

Lá por volta de ave-maria, tornou elle á casa prostrado de fadiga, esgalgado de fome, mas sobretudo minado pelo desespero, que é a peor das rafas, pois esmicha a alma.

Affagar por muitos dias um pensamento ; sonhar a realidade dessa inspiração ; brota-la da imaginação, como a arvore brota a flor ; ve-la espontar, a principio tenue gomo, depois capulho, mais tarde já botão, e finalmente corolla esplendida, recendendo fragancia, e vertendo as mais lindas cores !

Chegar até ahi ; e quando não faltava sinão o ultimo toque, suprema caricia que o poeta e o artista não se cansam de fazer ao seu lavor, antes de o despedir de si ; ver perdida a obra querida, o filho de sua alma, e não só perdida para elle, como para o mundo ; condemnada antes de vir á luz !

Essa dor, só a imaginam, os que marcou Deus com o sello da fatalidade para fazerem de sua alma a hostia do progresso, e darem sua vida á communicação dos povos ; são os martyres da sciencia e da arte. Ivo estava predestinado á ser um desses.

Para o mancebo, o painel era a sua primeira prenda de amor ; e todavia por maior que fosse o desgosto do namorado, sobrepujava a desconso- lação do pintor.

Ao entrar em sua casa da Rua do Cotovello, esbarrou-se o Ivo com a sra. Rosalina que o esperava, inquieta por causa de sua ausencia. Ao ve-lo por- rem, dissipou-se o desassocego em que estava ; e ficou apenas uma certa soffreguidão alegre, porque lhe esboçava nos labios um sorriso, á muito custo disfarçado.

Ivo não deu por isso, aborrecido como vinha de sua vida, e ia passando sem fallar com a madri- nha. Foi esta que o reteve :

— Ivo !...

Como não tivesse resposta, insistiu :

— Ivo !... Responde, gente !

— Estou ouvindo ! respondeu a final o rapaz com um modo emburrado.

— Esta noite, quero levar você á uma parte.

— Eu não vou !

— Como ha de ser agora ? Si prometti a sra. Romana.

— Qual Romana ? acodiu lesto o rapaz. A sogra do tabellião ?

— Ella mesma, menino, sem tirar, nem por.

Ivo hesitou um momento, buscando um disfarce para voltar dà primeira resolução. Afinal sahiu-se com esta :

— Como é aqui perto, eu posso ir até a porta.

— Pois sim !

E a Rosalina esfregou as mãos de contente.

---



## CAPITULO IX

## PROVA-SE A BOA RAZÃO QUE TEVE CAMÕES ENTRELACANDO A MYTHOLOGIA COM O CATHOLICISMO

Que era feito do painel?

Ivo teve impetos de pedir á madrinha novas delle ; mas arrependeu-se.

Entretanto ninguem lh'as podia dar tão cabaes ; pois fora ella com sua mão quem o tirara do cavallete, onde o deixara o rapaz, emquanto corria á tenda á cata do ingrediente para a illuminação.

Esta ligeireza da Rosalina carece de explicação.

De muito ruminava a antiga noiva do alferes nos modos de arranjar uma entrada com a sra. Romana Mencia, geralmente conhecida entre os garotos da cidade pelo expressivo appellido de matrona que lhe valera sua muita severidade com as fraquezas do proximo.

Ora a chronica dos amores da Rosalina, e o episodio do engeitado, apesar dos vinte annos decorridos ainda estavam bem vivos na memoria da

matrona ; e tanto bastou para que se baldassem todas as investidas da mãe do Ivo.

Mas não desacoroçoou a Rosalina ; e cada vez mais se occupou do modo de insinuar-se na casa da Romana. Carecia disso, não só para satisfação de seu amor proprio offendido, como para ageitar a protecção de tão boa madrinha em favor do seu Ivo.

A sra. Romana Mencia era sogra do tabellião ; e este bem podia admittir no seu cartorio o rapaz, encarreirando-o em sua profissão, das melhores naquella epocha ; pois era nos cartorios e nos conventos que se formavam então os homens para o manejo dos negocios da republica ; da mesma forma que hoje se fazem os estadistas nas tricas das secretarias, e nas alicantinas e rabulices do foro.

Na occasião em que Ivo, fechando a porta da camara, espirrou pelo corredor como um foguete à busca da tenda ; a mãe que o viu tão pressuroso, quanto refochado, teve uns assomos de saber o que estava fazendo o rapaz. Empurrou a porta e achou-a fechada. Mais se lhe accendeu a curiosidade : rodeando pelo quintal bispou da janella o painel, que estava bem à mostra no meio do aposento.

— Ai!... exclamou alvoroçada. Que menino Jesus tão lindo, senhor Deus!...

De repente entrou-a um pensamento, que a poz em faisca. Lembrara-lhe que a Romana Mencia era uma devota, como não havia outra, perdida por tudo quanto era santo e cousa de beatice.

Recobrando a sua agilidade, do tempo do alferes, quando tantas vezes saltara essa mesma janella para ir-lhe ao encontro na cerca, por traz da ataphona; a Rosalina com algum esforço conseguiu apoderar-se do painel, e cosendo-se com elle dentro da mantilha acatasolada, deitou-se de um folego para a casa da matrona.

Esta se achava só, mas concertando com a nora e mais a Engracia, uma das vizinhas, a novena daquella noite. Vendo entrar pela casa, e sem licença, a Rosalina, as duas se admiraram; mas a velha inquietou-se ao serio.

— Quem a chamou cá, mulher?

— Com perdão de Vm., sra. Romana, pela confiança de entrar assim na casa alheia, sem pedir licença; mas como é para bem!...

— Isso é que está por ver, que seja para bem; redarguiu a voz fanhosa da velha. •

— Ai! Era preciso que não fosse devota do menino Jesus!

— A que vem isso agora ?

— É ou não é ?

— Si d'outro modo não se vai e me deixa descansada, digo-lhe, senhora abelhuda, que sou, e torno á ser. Agora musque-se !

— Pois então, exclamou a Rosalina, desenrolando a mantilha com ar de triumpho ; recreie esses olhos em sua benta imagem.

Com um gesto pathetico apresentou o painel.

A Miquelina e a Engracia cahiram logo em extase, diante da pintura ; mas a velha desconfiada e prevenida levou algum tempo a firmar a vista, e compenetrar-se bem do que olhava. Então não se pode conter, e pondo as mãos, entrou por sua vez em adoração.

Passado aquelle primeiro enlevo contemplativo, cobraram as tres a falla, e com a Rosalina fizeram um perfeito quarteto de tagarelice.

— Onde achou este retabulo, mulher ? perguntou Romana.

— Foi o Ivo, o meu engeitadinho que pintou ! respondeu a Rosalina cheia de si.

— Que me diz ? Pois elle é capaz !

— Oh ! tem uma habilidade, que é cousa por maior. O Belmiro não pode com elle.

— Ha de traze-lo cá. Em o vendo, logo conheço si é verdade.

— A senhora pode experimentar.

— Deixe estar que ninguem me logra.

A esse tempo travara-se entre a Miquelina e a Engracia, renhida disputa á respeito do painel.

— Mas, senhora, dizia a Miquelina, está-me catucando cá dentro que este não é o menino Jesus !

— Quem ha de ser então ? O archanjo S. Miguel ?

— Tambem não. Quem diz que este painel é de devoção ? A mim está-me parecendo pintura de pouca vergonha !

— Jesus ! Que blasphemia ! Pois não está vendo as azas de cherubim ?

— Mas este coração aqui, assim todo crivado, como almofada de renda ? Aqui ha tafularia, senhora.

— O coração... Mas é para significar as tribulações que a gente passa antes de ganhar o céo. Estes são os espinhos...

— Espinhos não, que setas, e bem setas.

— Vem dar na mesma.

— Eu cá, não sei o que tenho ; mas era capaz de jurar que isto não passa de brucharia.

— Qual, senhora ! Pois eu não vi o Ivo quando estava copiando do proprio que tem nos seus divinos braços a Virgem Santissima dos Carmelitas ?

A Rosalina tivera essa idea, quando pela primeira vez deu com o painel ; não podendo comprehender que o filho tirasse da fantasia, sem auxilio de copia, o lindo vulto do menino Jesus. Não duvidou pois dar como visto, o que fora apenas imaginado.

— Que é pintura de devoção logo se vê ; observou a velha Romana. Si não fosse, não punha o menino assim nusinho, sem malicia nenhuma, o innocente ! Nessas pinturas desavergonhadas, não vêm como elles escondem as patifarias, que nem parecem ?

Esta razão era sem replica ; á vista della ficou assentado, que o painel representava o menino Jesus ; e a sra. Romana o collocou sobre uma toalha no trumó, mandando logo recado ao seu capellão e confessor, um frade capucho, para vir benzelo

Foi ahi que o viu o Ivo, ao entrar em casa da Romana, na alheta da Rosalina, que o puxava pela aba do gibão, com receio, de que lhe escapasse.

E não era sem razão ; pois o rapaz ao transpor a soleira, estava como que cheio de espavento, e quizera achar-se á legoas d'ahi.

---



## CAPITULO X

O ALVOROÇO QUE PRODUZIU UM GRILHO, NA NOITE  
DA NOVENA

Havia novena essa noite.

Já as devotas começavam a chegar ; e lá estava tabellião com a familia.

Foi o Ivo recebido com muitos agasalhos pela filha Romana, e todo o mulherio, que estava em contemplação diante da pintura. Atarantou-se o rapaz, e não sabia como atar-se, quando felizmente viu o tirador da ladainha, signal para começar novena.

Collocou-se o rapaz de modo que pudesse espiar o rostinho de Martha, occulto sob o capuz da manilha, que ella de proposito conservava sobre a cabeça para melhor recolher-se no seu pudor, como corola da flor que cerra com o raio do sol.

Bem vontade tinha a menina de lançar de esguelha e á furto uma olhadella para ver como resava o rapaz ; não se animando, vingava-se em contem-

plar o improvisado menino Jesus, como si o quizesse comer com a vista.

Notou a sra. Romana, que a neta varias vezes, errara as palavras da resa ; com o que teve algum desconsolo, pois seu maior desejo era fazer de Martha uma devota insigne, digna de receber a herança de seu oratorio, de suas imagens, reliquias e todo o mais beaterio.

Terminada a novena, os velhos sentaram-se na calçada, sobre o tijolo, com excepção do tabellião e algum outro tambem qualificado, para quem vieram cadeiras de couro. Rolou a pratica sobre as novas do reino trazidas pela ultima frota, e afinal depois de tocar em outros varios themes, veiu a cahir na mudança da unica matriz que possuia. então a nascente cidade, da igreja de S. Sebastião do Castello, onde a tinham collocado desde a primitiva fundação, para a igreja de S. José, de recente fabrica, e apenas acabada.

Foi este para nossos dignos antepassados negocio da maior monta, ou como agora se diria a *grande questão*. Não abalaria tanto os animos hoje em dia a mudança da corte para as cabeceiras do S. Francisco onde ha muito devera estar, como naquelles tempos affonsinhos a mudança da sede parochial da freguezia de S. Sebastião do Rio de Janeiro.

Si já existira imprensa, com a sua giria moderna, e rajadas de eloquencia tribunicia não haviam de parecer á proposito? E como andaria em bondas a opinião publica, essa bonita peteca dos analistas?

No estrado do oratorio, corrida a cortina de tapece sobre o altar e as imagens, sentaram-se as votas para a costumada pratica. Bisbilhotou-se a vida do proximo ; contaram-se historias de almas do outro mundo ou casos de bruxos e lobishomens. E isto, á um tempo, em continua tagarellice, cada uma escutando e falando do mesmo passo.

E não se falla de uns cochichos que se perdiam no rumor da pratica animada. Esses eram de labios frescos e rosados, donde se escapavam a medo, envoltos em um suspiro ou na reticencia do pudor.

Quanto aos rapazes saltavam no quintal, ao arão da fogueira, impacientes pela hora da ceia.

— Querem ver como eu tiro já as velhas do estrado para a mesa? Esperem vocês; disse Ivo aos companheiros.

O diabrete de rapaz ouvira cantar um grilho lá perto, e foi-lhe á cata. No lugar onde o apanhou havia um pé de perpetuas; das quaes escolheu a mais avelludada. Acercando-se então da porta que

ficava proxima ao estrado, atirou certo a flor no regaço de Martha, que pensou morrer de susto.

— O que é? disseram as outras.

— Cahiu uma cousa!

— Não sei! respondeu Martha sacudindo o vestido.

Não appareceu a perpetua que estava bem fechada na mão direita d'onde passou disfarçadamente para o seio. O Ivo se escondera logo depois de atirar a flor, mas a menina o vira de relance.

A infatigavel curiosidade feminina procurava ainda o objecto cahido no collo de Martha, quando ouviu-se novo estrepito, e alguma cousa bateu na cabeça de uma devota. Mas em vez de ficar-se como a outra, descansada e quieta, começou a dar pulos tontos.

Foi uma debandada. Dispersou-se o mulhero como por encanto, no meio de guinchos e faniquitos. Esta desgrenhava o cabello cuidando que o trasgo, pois era um com certeza, lhe ficara preso ao toucado. Aquella sacudia as saias, examinando-as por dentro e por fora. Essa outra embiocava-se, para examinar no seio, si por acaso não se enamorara a larva, dos dois genipapos.

Ao grande espalhafato acodiou o tabellião, apunhando a enorme boceta de tabaco, á guisa de

pelouro, na carencia de outra arma offensiva. Os outros velhucos da roda, qual mais destemido, o acompanhavam, este com um pedaço de tijolo, aquelle com um tamanco velho.

Dos primeiros a acudir, sinão o primeiro, foi o Ivo, e em tão boa hora que amparou sem querer o corpinho tremulo de Martha, quando ella ia cahir; mas apenas a apertou nos seus braços, que a desmaiada logo ficou de todo restabelecida, e fugiu-lhe como uma sombra.

A causa de toda a balburdia fora o grilho, que tão a ponto lançara o Ivo na roda das mulheres, e quando contava-se a historia de uma borboleta preta, que chupava sangue a gente, e não era outra sinão uma velha bruxa.

Como previra Ivo, deu o susto em resultado apressar a ceia, visto que se tinham desmanchado as rodas, e não havia que fazer áquella hora para entreter o resto do tempo.

Depois da ceia, e antes de recolher-se com a familia, escapuliu Martha de perto da mãe, e foi ao quintal colher uma perpetua para deixa-la sobre o trumó, aos pés do menino Jesus.

Nesse entretanto o tabellião, sempre grave, compassado, e sacramental, como um instrumento em devida forma, chamava de parte a dona de casa.

— Sra. Romana, minha respeitavel sogra, poderá dizer-me quem é este rapazola que vi hoje aqui pela primeira vez?

— É o sobrinho da Rosalina.

— A do alferes? perguntou o tabellião vincando a testa.

— Falle mais baixo, sr. Sebastião, que ella pode ouvir!

— Vistos os autos, a referida está aqui?

— Que tem isso agora? Por que andaram a fazer enredos da pobre? E não passa da Poncia aquella jinguasinha de...

— Pois, sra. Romana, minha respeitavel sogra; urge que ponha cobro à isso, por quanto si a supradita e mais o bonifrate do filho, que a esperalhona alapardou em sobrinho, se metterem aqui, nem sua filha e minha mulher, nem a sua neta, filha minha e da sua tambem supradita filha; tornarão a por os pés em casa onde se agazalha gente descomedida, que...

— Ora, sr. Sebastião, guarde seu palavreado lá para a rabulice. A Rosalina ha de vir com o filho e o senhor tambem com a Miquelina e a Martha!

— A senhora teima? perguntou o tabellião em tom sacramental.

— Teima é a sua de engrimar-se com a coitada da mulher, que não lhe fez mal nenhum.

— Escandalisa os bons costumes ; e bem vê que sendo eu um official do publico, judicial e notas, não posso tolerar...

— E que remedio tem o senhor ?

— Não me affronte sra. Romana, sinão... sinão...

Fez o Sebastião uma reticencia tabelliôa, prenhe de solemnes ameaças.

A velha porem fincara as mãos nos quadris ; e surdindo por baixo do nariz do tabellião, perguntou-lhe em ar de desafio :

— Sinão, o que ?

— Sinão eu me recolho ao silencio ! respondeu o tabellião com dignidade.

— É o melhor que pode fazer.

---



## CAPITULO XI

## NO FIM DE CONTAS EI-LO O RATO DENTRO DO QUEIJO

Não eram passados oito dias depois da novena, quando pela volta das sete horas da manhã, appareceu a sra. Romana Mencia em casa do genro.

Acabava precisamente o Sebastião Ferreira a sua refeição matinal, e esgravatava methodicamente a dentuça com uma penna de gallo; esperando que pingassem as sette para encaminhar-se ao cartorio.

D. Miquelina e a filha sentadas ao lado direito da mesa, não tinham concluido a resa, em que o tabellião como de costume se despachava mais depressa que ellas.

— Deus esteja nesta casa! disse a velha entrando.

— E os anjos a acompanhem, senhora mãe!

— Amen! disse Martha.

— Muito bem apparecida, sra. Romana!

— Onde a gente é querida, sempre ha de ser bem apparecida.

Não deixou o tabellião de reparar na visita da sogra áquellas horas canonicas do trabalho: mas foi quando notou o desempenho da velha, com a mantilha passada por baixo do braço direito, e a venta arregaçada; que o Sebastião Freire, agourou mal daquelle vinda tão fora de villa e termo.

Avisando como homem prudente em evitar a tormenta, fungou os restos da pitada, que estivera á rolar em bolota nos dedos, e foi-se esgueirando para ganhar o cartorio. Mas atalhou-lhe o passo a matrona, com ar decidido de quem traz negocio de monta.

— Temos que fallar, senhor meu genro!

— São horas de abrir o cartorio; bem sabe, primeiro a obrigação, depois a devoção.

— Pode abrir seu cartorio. Quem lhe impede? Si é mesmo por elle que venho.

— Pelo meu cartorio, sra. Romana Mencia!...

Soltando esta exclamação foi tal o pasmo do tabellião, que inteiriçando-se-lhe o vulto já tão esguio, tomou a figura de um ponto de admiração: O official das justiças d'El-rei não comprehendia que ingerencia poderia ter uma mulher, fosse ella sua sogra, em tão grave assumpto.

— Pelo cartorio, ou cousa que lhe pertence, que eu desta barafunda não pesco nada.

— Por certo que não é para mulheres entenderem com o serviço da republica; muito fazem ellas já em tanger o fuso e a roca, que algumas nem de remendar a roupa da casa, se lhe dão.

— Esta bom, isso é lá com a Miquelina. Com ella se avenha, que eu em brigas de marido e mulher não me metto. Só lhe digo que não fui eu quem lh'a metti a casa, mas o senhor quem andou arrastando-lhe a aza, cerca de dois annos, como namorado sem ventura, até que afinal por diligencias do D. Abade de S. Bento...

— Ora pois deixemos estas historias velhas, senhora, e vamos sem mais detença ao que a trouxe, que o tempo perdido não se recupera.

— Encontra-se o desejo com a boa vontade; nem para outra cousa estou eu aqui ha um poder de tempo, e o senhor á dar á taramela.

— Sra. Romana, não se exceda. Isto não são modos de se fallar a um tabellião do publico judicial e notas por el-rei, que Deus guarde muitos e dilatadissimos annos.

— Amen, e a todos nós para o servir e respeitar. Quer então saber a que vim?

O Sebastião Ferreira, temendo que uma resposta

vocal provocasse novos ricochetes da velha, concentrou-se desta vez em um aceno compassado, abanando com a cabeça do alto á baixo.

— Pois eu lhe digo. O senhor ha de precisar de um escrevente ou copista para o cartorio.

— Não ha tal... ia dizendo o Sebastião.

— E eu tenho um papafina para lhe dar. É o Ivo.

Espetou-se no cume da ponta da cabeça a ruiva cabelleira do tabellião ; os olhos esbugalharam-se ; e a voz sossobrou-lhe no esophago com a concussão que soffrera todo o individuo.

— O da Rosalina? gaguejou o homem.

— Esse mesmo, sem tirar nem por ! retorquiu a matrona sem voltar pé atraz.

— Com a devida venia, a senhora não está em seu juizo, minha sogra ! desembuchou afinal o tabellião.

— Tão são tivesse o senhor o miolo, que já me está cheirando a mandioca puba !...

— Sabe acaso a senhora, o que sejá um cartorio ? Pois aqui lh'o digo ; é o deposito da paz e honra das familias, em cujas notas se guardam os titulos de seus haveres, e os segredos de suas casas. Não será muito chama-lo o tombo da cidade, pois que ahi se vão lavrando e authoando todos os successos da republica, ainda os menos importan-

tes. E para um mister de tamanha ponderação, ha de se admittir ahi qualquer valdevinos...

— Aprelá ! Não me esteja a estrelicar os ouvidos com suas cantigas. O rapaz ha de dar um bom copista. Ande lá ! Tem uma letra chibante !...

— Tire semelhante idea da cabeça, senhora. E com sua licença !...

— Não se ponha commigo nestes pontos, sr. Sebastião. Olhe depois não se arrependa ! intimou a velha, mostrando-lhe a unha do pollegar, que espetava o indicador com frenesi.

Já a meio da porta o Sebastião parou perplexo. As palavras da sogra davam-lhe que pensar ; e não era a primeira vez, que melhor avisado, elle tinha mudado de parecer, diante daquella ameaça da velha.

Boquejavam pela cidade que a Romana Mencia tinha uma bota de potro inteiriça, que fora de seu defunto marido, cheia de meias doblas e patacos em prata ; a qual, segundo os novelleiros, estava enterrada por baixo do oratorio da casa.

Si fora essa bota o talisman que prendera o Sebastião aos encantos da Miquelina, não resa a chronica ; mas que era ella o condão com que a velha amansava o turrão do genro, e lhe abaixava a grimpa no meio de seus frenesis ; nisso malda-

vam os murmuradores, quando ao cahir da tarde, na Ribeira do Peixe, tomando a fresca e assistindo á chegada das canoas dos pescadores, tasquinhavam na vida alheia.

Verdade, ou não, o caso é que o tabellião já a meio da porta, parou atado, e esteve um instante a considerar no meio de tirar-se da embrechada. A Romana que esperava pela volta, disfarçou :

— Emfim não havemos de brigar por causa disto ; disse afinal o Sebastião virando-se.

— É como queira ; eu cá danso segundo me tocam ; replicou a velha.

— Vou pensar sobre o caso ; e depois fallaremos.

— Está bem aviado ! Ainda vai pensar ? Pois eu cá não sou de sanxa e marraixa ; já pensei e repensei. Basta que trouxe o rapaz commigo, para d'uma feita deixa-lo no cartorio. E por signal que ha de estar bem cansado de esperar, o coitado, feito pé de muro, ahi de frente da casa.

— Então a senhora já contava com a cousa ?... perguntou o Sebastião sentindo revoltar-se a sua dignidade de homem e de tabellião.

— Pois eu podia capacitar-me de que o senhor

rejeitasse um tão bom achado?... Olhe, que o rapaz escreve que é mesmo um debuxo.

O tabellião sacudiu os hombros desdenhosamente.

— Mande-m'o cá, senhora, que eu lhe tirarei os pontos.

Sumiu-se o Sebastião pelo corredor, em demanda do cartorio, onde em pouco foi acha-lo a sra. Romana, que levava o nosso Ivo á sirga, tirado pela aba do gibão.

---



## CAPITULO XII

## DO PRIMEIRO TRASLADO QUE O IVO TIROU NO CARTORO

Pouco demorou-se a matrona. Empurrando o rapaz á frente do genro, disse-lhe :

— Ahi o tem ; ha de ser preciso tosa-lo seu tanto, que está muito pelludo.

E voltando sobre os pés, foi-se a sra. Romana á sua obrigação.

— Pelludo !... resmoneou o tabellião entre dentes, quando eu o acho delambido de mais !  
Todavia hei de po-lo a geito.

Esticou-se o Sebastião no tamborete, equilibrando o gancho dos oculos em cima do beque, abriu a boceta com um estalo sonoro, e sorvida em cada venta a pitada mestra com um estrepito solemne ; dirigiu a palavra ao Ivo, que o estava espreitando atravez do acanhamento de se ver mettido naquella arrioseca.

— Com que então, moço, você quer ser da obrigação deste cartorio ?

— Si for do gosto de vossa mercê; que eu estou prompto a ser não só da obrigação, mas tambem da devoção.

— Como se entende isto ?...

— Saberá vossa mercê que isto subentende-se.

— Falle-me raso e chão, moço, que eu não sou homem de remoques.

— Com perdão de Vm. eu queria dizer que hei de esforçar, não só pela vontade de ganhar, sinão pelo gosto de o servir.

O tabellião fungou o resto da pitada, arregaçando as ventas; o que nelle equivalia á interjeição de suspeita e desconfiança.

— As fallas não são más, resta ver as obras.

Mettendo uma costaneira de papel entre o indice e maximo da mão esquerda, com a direita escolheu na pilha de bacamartes que tinha ao lado um volume.

— Tire-me o traslado desta escriptura; disse o Sebastião Ferreira abrindô o volume no lugar onde estava marcado com um tira de couro.

— É para copiar palavra por palavra? perguntou o Ivo, que não sabia o que era traslado.

— E sem faltar uma virgula.

— Em que lettra quer vossa mercê que eu co-

pie. Em letra redonda, cursiva, grifa, italica ou bastarda?

— Hemh! hemh! fez o tabellião, embasbacado com aquella nomenclatura. Nada, moço; aqui não se querem dessas artes e novidades, que são boas para copistas de pergaminho. Escreva-me letra de mão e bem corrida, como está ahi nas notas.

Ajoelhou-se o Ivo do outro lado da mesa, e sacando do bolso o seu tinteiro de chifre e a penna de ganço bem aparada, preparou-se a tirar o traslado do bacamarte reclinado diante d'elle sobre um enorme cunhete de jacarandá. Tinha o rapaz a maior confiança no seu bonito talhe de letra e esperava sahir-se bem das provas; mas surgiu-lhe um embaraço com o qual não contava, e que o fez descoroçoar da empreza.

Era a escripta do Sebastião Ferreira a mais tabelliõa, que se pode imaginar: difficilmente conseguiam os velhos escreventes metter-lhe o dente. Uma linha tremida estendendo-se horizontalmente, e com umas pontas que lhe sahiam para cima e para baixo, tal era o aspecto desse gregotim indecifrável.

Debruçado sobre o bacamarte, o Ivo concentrava todos os esforços para destrinçar aquelle texto

emmaranhado, e já lhe corria o suor pela testa abaixo, sem que tivesse conseguido soletrar duas palavras.

Extenuado, reconhecendo a impossibilidade de penetrar jamais o sentido daquelle jerogliphio, assentou o rapaz dar de mão á empreza, e voltou-se para o tabellião na intenção de communicar-lhe a resolução em que estava. Mas o Sebastião Ferreira, de todo entregue ao desempenho do officio, parecia não dava fé, nem do que ia pelo cartorio, nem mesmo da presença do Ivo, ali, á dois passos d'elle.

Ficou pois o rapaz com os olhos pregados no tabellião, acompanhando-lhe a penna que ringia sobre o papel e á espera da primeira pausa, para encartar a sua despedida. No mais attento de sua observação estremeceu de susto.

Na porta a que dava costas o tabellião, se abriera uma fresta por onde enfiou o olhar curioso de um cantinho apenas dos mais lindos olhos castanhos, que dar-se podem. Si não fosse a volta da testa de marfim que apparecia no batente da porta, o rapaz não se teria apercebido da apparição.

Esqueceu o Ivo tudo, o cartorio onde estava, o tabellião e mais o seu gregotim, para espreitar aquelle cantinho de olho que o espiava pela fresta.

da porta. Era elle capaz de jurar que a dona do olhar de maliciosa se estava rindo dos apertos em que o via.

Com receio de que o sorprendesse o Sebastião no mais doce de seu enlevo, arranjou-se de novo o Ivo em posição de escrever, puxou á frente o grosso *infolio* para lhe servir de baluarte contra os oculos do tabellião, e assentou no alto do papel segundo as regras caligraphicas a mão prompta a lançar o rasgo da primeira letra no mais aceiado bastardo.

Mas sentiu certas coegas nas pontas dos dedos, e sem saber como, achou-se a fazer a bico de penna a copia fiel daquella fresta da porta, onde apparecia o céu de uma testa de marfim, e um olhar, que era a estrella do tal céu.

Bem percebeu Martha pelos modos, que o moço lhe estava tirando as feições; e escondeu-se de vergonhosa, mas para voltar logo depois, descobrindo um pouquito mais do rosto. Disfarçava a sonsa, fingindo-sé attenta para outro ponto da sala, e a descuido mostrava o lindo perfil; até que de repente sumia-se, como si então sómente descobrisse o Ivo a observa-la.

Não obstante as negaças da menina, traçara o rapaz o seu desenho, e aproveitando uma vez em

que Martha se mostrava mais, a contemplava com olhos de amante e artista, para dar os ultimos toques á figura.

No mais absorto, assustou-o certo ruido cavernoso, semelhante ao ornejo de um jumento, e que não era sinão o estrepito da pitada do Sebastião Soares, echoando pelas cavernas ou fossas nasaes. Achou-se então o rapaz em face do carão descarnado e impassivel do tabellião, que lhe estava observando o pasmo.

— Que faz você ahi embasbacado, moço? perguntou o tabellião.

Teve o Ivo um estremeção, que ia dando em terra com o bacamarte. Felizmente segurou-o a tempo, quando elle escorregava pela aba da mesa.

— Estava á espera do senhor tabellião: respondeu o Ivo aproveitando a primeira desculpa que lhe acudiu.

— Á minha espera!... Não está má!

— Pois não é Vm. que dicta?

— Dictar o que, moço, si já lhe apontei ahi a escriptura...

— Ah! é para copiar deste livro?...

— Então, moço! E avie-se, que isso de lesmas, não servem cá para escreventes. Quer-se sujeito despachado!

Receioso de ser recambiado do cartorio, arranjou-se o Ivo para dar conta da tarefa, e outra vez com a penna embutida nos tres dedos, abriu o corte da primeira maiuscula. Mas ahi estava a difficuldade. Que lettra lançaria elle sinão conseguira destrinçar ainda as rabiscas do tabellião ?

Relanceou para a porta um olhar de desespero ; mas já a fresta se havia cerrado, e não viu ali para consola-lo em sua afflicção, nem sequer o olhar á sorrelpha, que poucos momentos antes, o viera desinquiatar. Com o espirro paterno, Martha fugira espavorida.

Nestas estreitas sentiu o rapaz no peito do gibão o amarrotar de um papel ; e indagando da novidade descobriu que era uma folha de almaço a sahir do bacamarte, e justamente pelo verso da maldita escriptura que estava condemnado a copiar sem entender.

Examinando o manuscrito, pareceu-lhe pelo geito, ser um traslado da tal abstrusa escriptura, começado á tirar por algum escrevente do cartorio. Sem mais e á ventura, poz mãos á obra, e com pouco estendeu sobre o papel todo o traslado em um bastardinho bem lançado e do mais lindo talho.

Levantou-se o rapaz, e por cima da mesa apre-

sentou a copia ao tabellião, mas vendo que este não se distrahia lá da sua tarefa metteu-lh'a por diante do nariz.

— Hemh !... Então já acabou, moço ?

— Veja o senhor tabellião !

— Está bom ; já se vai desasnando ! Ora vejamos lá isso !

Fincou bem os oculos no cavallete, encrespou o sobrolho sobre a testa, enfeiou a carranca, e empinando-se no tamborete, esticou a folha de papel aberta á dois palmos do nariz.

Immediatamente a cara tabelliôa decompoz-se toda, e embrulhou-se n'uma careta displicente, como uma bexiga assoprada, quando lhe falta o ar, e se enruga.

O Ivo ficou frio.

— Sempre arranha no officio ; mas olhe, moço, esta lettra casquilha e delambida, pode servir lá para illuminações e griffarias ; cá no foro não se admittem estas desenvolturas. Está entendendo?... Quer-se um talhe de lettra corrida, e que seja composta e sisuda como se requer nas cousas de justiça. Uma escripta a tóa como esta, que ahi todo o gato e sapato pode ler sem trabalho, sem titubear, não vai bem n'uns autos ! Isto de papel forense, nem todos lhe mettem o dente ; é preciso

ter pratica. Faça-me uma lettra pelo molde da minha, e vamos bem. É deixar correr a penna!

Ouviu o Ivo com espanto esta lição de caligraphia forense; e revoltado nelle o sentimento do bello, ia protestar, quando pareceu-lhe que de novo entreabria-se a fresta da porta, e tanto bastou para dar-lhe a força de conter-se. Não eram aquelles gregotins que o obrigavam a fazer e a decifrar, os elos que ó prendiam á casa de Martha?

No dia seguinte tomou o Ivo conta da mesa de cedro em que o encontramos.

Ficava-lhe a dois passos a mesa de um outro escrevente, de nome Sabino, moço como elle, e que não se conformava com a presença desse intruso, pois vinha disputar-lhe o lugar de calouro do cartorio, que elle até ali occupara sem rival.

Tinha o Sabino vinte annos, e como esses vermes que se formam no coco, e tomam-lhe a feição e o gosto, parecia o rapaz um feto concebido e criado no cartorio. Borrado de tinta e poento como uns autos; a cutis era de almaço amarrotado, os beiços arregaçados como as beiras do protocollo; e a cabeça arripiada que nem as abas de baeta preta que desciam da mesa.

Quando se dirigia á seu canto, percebeu Ivo o

olhar com que o examinava o collega; e conheceu que ia ter nelle um amolador. Felizmente dividia-os um panno de prateleira, que interceptaria a espionagem.

---

## CAPITULO XIII

## UMA EDICÇÃO ANTIGA DO PRELADO MODERNO

Ao tempo destes acontecimentos, cuja importancia talvez escape ao leitor indifferente, que não prescruta os arcanos da historia, nem se occupa do encadeamento dos factos; ainda a leal cidade de S. Sebastião não tinha bispo, e muito menos capellão mór.

Mas por isso não deixava o povo fluminense de ser menos religioso, do que é hoje em dia; nem tambem de grassar pela recente colonia essa lepra social, que chamam com a maior propriedade de *lazarismo*, e que vai cada vez mais carcomendo a consciencia da grande cidade imperial.

Era então administrada a igreja fluminense por uma simples prelazia creada desde 1557 por breve de Gregorio III; e no anno de 1659 occupava esse cargo o doutor Manoel de Souza e Almada, presbitero do habito de S. Pedro.

Nomeado por provisão de 12 de dezembro de

1655 tomara posse em julho de 1659, e sem apresentar o seu titulo de nomeação entrou a exercer a jurisdicção ecclesiastica na diocese, com aquelle escandalo do abuso, que tão bem aclimatou-se cá na terra.

Era o doutor Almada, um padre ás direitas. De mediana estatura e bem apessoado, envergava a batina e os habitos talaes com uns modestos ademanes que dão o cunho á elegancia ecclesiastica. Tambem não havia quem no altar fizesse com tanta graça uma genuflexão, nem suspendesse o sagrado calice.

Doce e mansueto, sempre envolto em uma cordura que o vestia como sobrepeliz, o canonico doutor nunca se alterava. Assim deixou fama de sua grande affabilidade e prudencia, do que se encontra noticia no almanach historico do Rio de Janeiro, interesssante chronica de Duarte Nunes, tenente de bombeiros desta capital no fim do seculo passado. Felizmente ainda não havia a praga das gazetas, do contrario com a labutação de escrever noticias de incendios, em louvor proprio, não teria o homem folga para esmerilhar anti-gualhas.

Voltando ao nosso doutor, havia quem dissesse que sob aquelle bioco de alfenim que lhe assuca,

rava o risonho semblante, dormia uma cholera fradesca, terrível em suas explosões; e tanto mais para temer, quando receiosa do escandalo, ella subtrahia-se á todas as vistas para estrebuchar em segredo, escondendo os seus esgares.

Destes accessos, parece que lhe ficava uma rai-va fria e cruel, que elle embainhava no coração.  
\* Era como a bráza de ferro que se bate na forja, e da qual se tira a lamina fina e buida do estilete.

A verdade é que o novo prelado da igreja fluminense no seu fervor de curar do rebanho e grangear o amor de suas ovelhas, se houve por modo, que annos depois os cariocas já bastante edificadros por suas virtudes, assestaram-lhe contra a casa uma peça de artilharia, devidamente escorvada, com a mecha accesa, e calculada para dar tempo aos autores da graça de se porem ao fresco.

Isto corre por conta do tenente de bombeiros; que não nos diz si do tiro resultou incendio, nem si antes deste declarado já tinha elle comparecido. Apenas sabemos que o canonicô doutor escapou da entrosga, e como lhe cheirasse a cousa á chamusco, foi tratando de passar-se á Portugal, privando assim esta ingrata cidade do espectaculo de suas virtudes.

Apenas mitrado, isto é, empossado da mitra a que lhe conferiu o breve do Santo Padre, deu o doutor Almada, a amostra do panno de que era feita a sua batina.

Refogado na soberba que o clero oppunha naquelle seculo ainda á decadencia de sua antiga primazia; imbuído nas falsas doutrinas consagradas pela bulla da ceia; o doutor Almada, como em geral os sacerdotes daquelle tempo e muito mais os prelados, julgava-se revestido de um poder superior á toda autoridade temporal, qualquer que fosse a sua jerarchia.

Recebendo do rei, a graça e merce de sua nomeação, entendia que uma vez provido, escapava á mesma jurisdicção da qual lhe provinha o cargo; e não só isso, mas que lhe competia incontestavel proeminencia e cênsura sobre a coroa e seus ministros para defeza da religião catholica.

O prelado fluminense, e como elle os mais, acreditava-se ingenuamente revestido de autoridade para excommungar qualquer ministro secular, e até o proprio rei, si o embaraçasse no exercicio de sua jurisdicção ecclesiastica. É verdade que nem pôr sombras se lembrara elle de jamais desembainhar o seu gladio espiritual e affrontar-se com a propria corôa, contentando-se em arranhar-

lhe o braço secular na pessoa de seus ministros. Tinha o clero de então a manha que dura ainda hoje, na igreja e no estado, de amaciar a cabeça com toda a especie de bajulação, para devorar o corpo.

Foi a mudança da sê, o ponto que o novo prelado escolheu para exhibir-se, e mostrar a suas ovelhas o pulso com que tangia o cajado apostolico.

A cidade de S. Sebastião, que então era simplesmente *leal*, pois não havia ainda praticado o insigne heroismo de receber D. João VI e a sua corte de validos; a futura capital do reino unido e depois do grande imperio, formava naquella epocha uma só freguezia, cuja matriz era a velha igreja de S. Sebastião, do orago da cidade e de sua primitiva fundação.

Situada no cimo do morro do Castello, onde o seu esqueleto ainda em pé campea sobre a bahia, e onde assentou-se a primitiva povoação; a igreja de S. Sebastião, symbolo da expulsão dos francezes e conquista da terra, tinha para o povo fluminense um character legendario. Ahi estavam, naquelles muros, archivadas as primeiras e gloriosas tradições da sua cidade. Esse

templo fora como o berço da religião para a nascente colonia.

Mas contra esse generoso sentimento do povo, surgiu como sempre succede o fermento do egoismo que subleva a camada superior da sociedade. Com o incremento natural da população, foi a cidade descendo das encostas da collina e estendendo-se pelas varzeas que a rodeavam, sobretudo pela orla da praia que cinge o regaço mais abrigado da formosa bahia, e corre em face á ilha das Cobras.

Ahi, fronteiro ao ancoradouro dos navios, com o fomento do commercio, se ergueram as tercenas e os caes, onde não tardaram a agrupar-se em volta das casas das alfandegas e dos contos as lojas e armazens dos mercadores. Apoz essas, embora já mais arredadas da beira mar, vinham as outras classes trazidas pelo desejo de estarem mais proximas ao centro do povoado, onde é mais activo o trafego.

A medida que a cidade abandonava as alturas para se espriar na planicie, a matriz ia ficando longe para os moradores do bairro mais povoado. As ladeiras do Castello, principalmente a do becco do Cotovello, primam no ingreme da rampa, talhadas como foram pelo molde das es-

cadinhas e zig-zags de Lisboa e Porto. Galgar uma subida dessas, em horas de soalheira, e na força do verão é uma estafa capaz de arrefecer a mais sincera devoção.

Solitaria no alto do morro historico, em face dos bastiões aluidos do antigo castello roqueiro; já isolada das residencias do governador e ministros de el-rei, outrora grupadas em torno della; começou a velha sé á ser desdenhada. Com excepção dos carolas e das beatas, a quem não faziam mossa, nem o sol, nem a chuva, os fieis buscavam de preferencia para seus actos de devoção algum templo mais proximo; e só iam á matriz nas festas da municipalidade ou para actos parochiaes.

Com a sagração da igreja de S. José, que se acabara de construir, foi a velha sé despojada de sua proeminencia politica; pois o senado, por sugestão do governador e á empenho dos principaes moradores, começou a celebrar « as festas do estado », como então se chamavam as nacionaes, em o novo templo, que ficava na melhor posição.

Então cahiu a matriz em completo abandonó e deleixo, não conservando de sua primazia, como casa parochial, mais do que um nome vão. Ao proprio domingo já não concorriam fieis á missa

parochial; corriam os banhos e liam-se as excommunições, para as paredes, que não havia na igreja viva alma. As festas da Paschoa e do Natal, unicas entre as annuaes, que ainda ali celebravam-se, para terem quem as assistisse, levava o vigario a sua negralhada, que o acompanhava mal contente por se ver privada de ir ao Collegio dos Padres ou a S. Bento, onde havia outra pompa.

Estavam as cousas neste ponto, quando empunhou o baculo o doutor Almada; e visto por elle e examinado o caso, resolveu logo mudar a sé para a ermida do patriarcha S. José.

Mal constou a determinação, assanharam-se os homens da governança, despeitados com o prelado pela arrogancia com que este dispunha em negocio de tanta monta e tão do interesse do povo, sem ouvir seus procuradores e conselheiros.

---

## CAPITULO XIV

ONDE SE MOSTRA QUE SI OS POVOS SERVEM  
DE INSTRUMENTO, TAMBEM OS REIS SERVEM AS VEZES  
DE PRETEXTO

Ninguém mais do que o illustrissimo senado desejava a transferencia da sé, que em grande parte promovera, retirando da igreja de S. Sebastião os assentos dos camaristas. Si não a levara avante, fora pelo receio de desagradar a el-rei, obrando em negocio que excedia a sua alçada. Agora porém o caso mudava de figura; e cumpria-lhe zelar na manutenção de seus privilegios, menoscabados pelo prelado.

Preparados de antemão os bandos de sequazes, que usurpam o nome do povo, convocou-se sessão extraordinaria para assentar no que mais convinha; e ahi em presença do governador, ouvidor geral, provedor, e officiaes da camara, levantou-se Francisco Pires Chaves, procurador do conselho para representar contra a mudança que á sua noticia

chegara. E depois de bem exposto o caso, concluiu por este teor :

— « Basta que S. Sebastião é o divino Padroeiro, por cuja protecção se tomou a cidade, obrando nessa empreza façanhas e milagres, que os antigos experimentaram sensivelmente por signaes visiveis, e os presentes veneram por tradição viva na memoria do povo. Essa efficaz protecção ainda agora a logramos, assim nas materias de guerra, ficando esta cidade sómente livre dos inimigos que invadiram todas as praças do Brazil ; como tambem no tocante á saude, livrando-nos de peste e contagio, como cada um por si tem testemunhado.

« E porque mudada a fabrica da igreja do Santo Padroeiro, para outra de orago diverso, como se intenta fazer, altamente perde-se a primeira instituição parochial, e o primeiro ser e nascimento da igreja fluminense ; acrescendo o receio em que ficariam os moradores de que, diminuida a devoção, que sempre lhe tiveram, e tirada á cidade a invocação de seu nome, se dispensasse o nosso santo Padroeiro, que sempre o foi, de acudir-nos em nossas necessidades ; por isso e mais razões obvias e naturaes, requiero em nome do povo, e na presença das suas autoridades

se resolva no melhor parecer, para que o glorioso S. Sebastião não perca o seu título de Padroeiro de sua igreja e parochia, que tem desde o nascimento da cidade. E nestes termos receberei justiça e mercê. »

Ouvidos os pareceres e tomados os votos, que sem discrepancia adoptaram as razões deduzidas pelo procurador do Conselho, assentou-se em camara que ficasse o negocio da matriz no mesmo estado em que até então se havia conservado, em quanto se esperava que Sua Magestade attendendo ao que se lhe havia avisado sobre a materia, decidisse como fosse á bem do povo ; e desta determinação. mandou-se dar communicação ao prelado.

Bufou o doutor Almada ao ler a carta que lhe enviara o Senado nesse mesmo dia 3 de agosto ; e enxergou nelle um attentado contra sua jurisdicção. Não viu que pelo direito do padroado, á corôa exclusivamente competia destinar o lugar do culto e nem admira tal cegueira em um prelado do seculo xvii, quando do mesmo, sinão peor achaque, padecem os bispos de hoje.

No dia seguinte « desembainhando as armas spirituaes », como disse o Senado á el-rei, o imperioso prelado, despediu contra a illustrissima camara uma bomba eclesiastica de formidavel

calibre. Avalie-se da força do projectil, por esta intimativa: « Agora lhes digo, que se em tres dias que lhes dou pelas tres canonicas admoestações que começarão da entrega desta, não revogam e assento que fizeram, os hei de declarar aos que se acham assignados na sua carta por incorridos na excommunhão da bulla da ceia, e do mesmo modo hei de declarar á qualquer pessoa que nesta materia fizer qualquer impedimento directa ou indirectamente. E por esta os notifico á Vms. para dita declaração. »

A essa bomba não admira que respondesse o povo annos depois com o tal canhão que embocaram á porta do prelado ; e si em vez de uma, os gaiatos carregassem a peça com tres balas, não fariam mais nem menos do que praticou o doutor Almada com as tres canonicas admoestações.

Hoje em dia talvez muita gente ignore o que é excommunhão. Não foi assim naquelles tempos de prisca fé, quando bastava a palavra para fazer arrepios, e com razão, que era bem má graça ficar a gente, como pesteados, de quem todos fogem, e a vagar por este mundo como um refugio do inferno, á espera de que o leve o demo, ou se lhe cosa na pelle.

Por isso não deve surpreender que arrefecesse

um tanto o enthusiasmo do senado pela defensão do padroado real, em pró do qual alias não duvidariam os camaristas « pôr suas cabeças » como disseram na carta de 6 de novembro á Affonso VI. Responderam ao prelado protestando que no accordão tomado nunca fora seu intento encontrar a jurisdicção ecclesiastica, sinão só acudir a sua obrigação, por ser a sé, igreja do padroado d'El-rei para que em tempo nenhum se lhe pudesse dar em culpa, e arguir de pouco zelosos no serviço do dito Senhor ; pelo que esperavam que não continuasse com a censura notificada.

Interpoz o governador seus bons officios, e afagada a soberba do prelado com o tom submisso do senado, condescendeu este em suspender a excommunhão intimada, até resolução de el-rei, a quem se dirigiram as duas partes, pela frota de novembro, a primeira que partiu depois desta occurrencia.

Resa a chronica que no intuito de justificar a sua determinação de mudar a sé, affirmava o doutor Almada que a igreja de S. Sebastião estava em matto ; sendo preciso que o vigario lhe abrisse caminho para o transitio dos fieis nas festas e procissões. Não faltava a verdade o reverendo ; apenas omittia uma circumstancia bem insignifi-

cante ; que o mato era de malvãs, bredos e gramma.

Assim terminou o conflicto entre a mitra e o senado ; ou antes, sopitou-se para rebentar pouco depois, e com maior violencia, como veremos.

---

## CAPITULO XV

UTILIDADE QUE UM NAMORADO PODE TIRAR DOS RIVAES  
E DOS PINTOS

A' rua da Quitanda, nome que lhe viera da banca de marisco, já então mudada para a Praia do Peixe, foi morar o reverendo doutor Almada, em uma casa proxima ao canto da rua do Ouvidor, e fronteira ao quintal do tabellião.

Construida ao gosto do tempo, de regulares dimensões, o que se via mais notavel na tal casa era uma grande pitombeira que havia na cerca, onde servia de regalo á vista pela belleza de sua copa frondosa, e de refrigerio á calma pela fresca sombra que derramava no horto.

Era costume naquelle tempo, mais do que hoje, de acompanharem-se as dignidades da igreja de não pequeno numero de famulos, de ordinario mancebos que na qualidade de minoristas cursavam as aulas e se preparavam para tomar as ordens maiores. Formavam essas familias ecclesiasticas,

pequenos seminarios, que se não eram de profanidades, como dizia um celebre pregador, não estavam isentos dellas.

Entre os famulos do nosso prelado e primeiro dos minoristas, contava-se um sobrinho, Claudio de nome, endiabrado rapaz, que fazia-as todas e dava sota e bastos ao mais arteiro dos garotos da cidade.

As horas de folga e os dias de sueto, passava-os aquella rapazia trepada na pitombeira, comendo fructa e desinquiando as visinhas, aquem atiravam as cascas e perseguiam de galhofas. De todas porém as mais expostas ás chacaras dos minoristas eram a Miquelina, mulher do tabellião, e sua filha Martha, por ficarem defronte.

Das grimpas da arvore, occultos pela folhagem, devassavam os rapazes não só todo o quintal, como a varanda de jantar, e os quartos do outão. Não punham mãe e filha o pé na cerca, nem passavam por perto das janellas, que não fossem alvo dos remoques e chacotas dos brejeiros.

Advertido o Sebastião do desaforo, uma vez sahiu á varanda com a sua mais grave compostura tabelliôa; e em voz de audiencia, fanhosa e estri-dente, intimou aos rapazes que se comedissem. A resposta foi uma tremenda surriada e um granizo

de caroços de pitomba, que bombardeou a respeitavel penca do Sebastião Ferreira.

Vendo em grave risco, não somente a integridade de sua pessoa, como a dignidade de seu character publico, o tabellião bateu em retirada, e abrigou-se por detraz de uma pilastra da varanda.

Com os escreventes acudira o Ivo, que aproveitara a occasião de avistar-se mais de perto com Martha, e atirar-lhe um segredinho ao passar por alguma porta entreaberta. A vista do desacato que soffrera o Sebastião, correu o rapaz a elle:

— Deixe-os estar senhor tabellião, que amanhã virei munido de meu bodoque, e então lhes faremos as contas. Hão de ver o que é mais rijo, si as suas pitombas, ou os meus carolos de barro.

Ficou o tabellião um instante perplexo, e como saboreando o antegosto daquella desforra que lhe offerecia o escrevente; mas ao cabo pensando bem no caso, resolveu não consentir na travessura do rapaz.

— Nada de vias de facto, moço, que não condizem com um official de justiça de el-rei. Estou que elles com a ceboleta que lhes dei se aquietarão; e quando não, irei então ás vias judiciaes, e terão de haver-se comigo.

Longe de se aquietarem, redobraram os mino-

renses as diabruras e tão apouquentadas se viram a Miquelina e a filha, que todo o santo dia, viviam encerradas na sala da frente, para escaparem ás chansonas dos formigões. Não tardou porém que desconfiassem do couro, e então levavam a espiar pela rotula, atirando bouquinhas e escriptinhos pelas frestas.

Quando se tornavam por demais insupportaveis, a senhora Miquelina mandava pela filha chamar o tabellião, o qual tomando a competente pitada, sobraçava o seu espadim de cerimonia, encaixava na cabeça o enorme tricornio, e sabia fora flanqueado dos escreventes armados de reguas, cunhetes e cabos de vassouras. Com a apparição daquelle piquete, desaparecia o bando dos minorenses, que se occultava no canto da casa, á espera de vez para outra investida.

A principio mordia-se o Ivo com a maganeira dos minorenses, porém mais tarde, cogitando melhor, se consolou da perseguição que faziam á moça, pelas occasiões que lhe davam de vela no cartorio, quando ia ao pai com recado da senhora Miquelina.

Além dessas rapidas entrévistas, arranjava o Ivo um meio engenhoso de communicar-se innocentemente com Martha.

Tinham as casas antigas uma particularidade, de que nunca me deram cabal explicação. Havia nas portas interiores junto ao solo, uma pequena aberta em meia lua, de palmo de altura. Si era para não impedir ao bichano a caça dos ratos ; si para dar á estes passagem franca, evitando que roessem a taboa, ou esburacassem o soalho; é ponto este de archeologia que ainda não foi decidido, e espera a profunda investigação dos que desenterraram os ossos de Estacio de Sá.

O certo é que na porta da serventia interior do cartorio havia um rombo daquelles ; e que uma gallinha com a sua ninhada de pintos, abusando da liberdade, que as donas de casa costumam deixar nesse periodo interessante da criação ; todas as manhãs se introduzia no sanctuario forense, e faltando com o respeito devido á veneranda poeira daquella arca, levava a ciscal-a por baixo das mesas e prateleiras.

Foi essa visita uma fortuna para o Ivo, que sentia a sua jovial mocidade suffocada pelo silencio espesso e pulvurento daquella atmospha de alfarrabios. Desde o primeiro dia em que appareceu-lhe a ninhada no cartorio, buscou elle entrar na privança, e ganhar a amizade daquella familia galinacea. Mas a poedeira mostrou-se arisca, lem-

brada sem duvida dos pontapés que lhe disparavam o tabellião e seus escreventes, quando ella passava-lhes por baixo da mesa.

Mudaram essas disposições logo ao outro dia, pelo cuidado que teve o rapaz de levar no bolso do gibão um broa seca de milho, a qual lhe servia não só para ir merendando emquanto copiava, mas tambem para familiarisar-se com a ninhada, espalhando as migas, que ella vinha comer á seus pés.

A cabo de uma semana, estavam intimos, á ponto que em toda confiança deixava a galinha ao Ivo apanhar-lhe algum dos pintainhos, e alisar-lhe a penugem dourada. Então levou o rapaz de casa certo papelinho, onde havia pintado um coração com azas que voava pelos ares, como se fôra um pombinho, e que era de subito trespassado por uma seta cruel.

Esse papelinho feito em rolo e atado com um fio de seda cor de rosa, guardara-o o rapaz no peito da vestia, com todo o resguardo porque nem o perdesse, nem o amarratasse.

Na volta do meio dia, vinda que foi a ninhada ao cheiro da broa, apanhou o Ivo um dos pintinhos; e pondo-lhe no pescoço á guisa de collar o papelinho enrolado, guardou-o na gaveta, tendo

o cuidado de o regalar de migas, para evitar que piásse muito forte, e avisasse o tabellião.

Não tardou que assomasse á porta o rostinho de camafeu da Marta, que vinha á recado da mãe, por causa das perseguições dos rapazes do prelado. Como os olhos da menina, embora com disfarce, de curiosos que eram, todas as vezes se enfrestavam pelo vão dos armarios; viram o pintainho, que lhes mostrava o Ivo, e mais a redoma de papel que tinha ao pescoço.

Si ella entendeu a mimica, não se sabe; mas no dia seguinte quando a ninhada beliscava-lhe os pés impaciente pelos farelos da broa, notou o bregreiro do escrevente que um dos pintainhos tinha uma crista artificial. Era nada menos que uma perpetua branca, na qual contra todas as noções da botanica, achou o nosso namorado um perfume suavissimo.

Desde então se estabeleceu por aquelle novo correio uma correspondencia innocente e pittoresca; pois de uma parte escreviam as pinturas e da outra as flores.

É preciso advertir que apesar da espertesa do Ivo, não passavam de todo desapercibidas do Sabino estas artes.

---



## CAPITULO XVI

PERIGO DE METTER UMA FRANGA NO POLEIRO, QUANDO  
NÃO SE TEM O COSTUME DE LIDAR COM A CRIAÇÃO

Cedo veio uma manhã, fatal manhã, que dissipou os fagueiros sonhos do nosso Ivo, e annuiu-lhe os dias prasenteiros, ali fruidos naquelle soturno aposento, que lhe fora um seio de Abraham.

E todavia raiava o sol brilhante, e o ceo ria-se de tão azul e transparente. Os passarinhos chilreavam entre os ramos das arvores, meneadas pela fresca brisa do mar, que já começava a soprar; e o escrevente de coração farto, e espirito folgasão, esforçava com ardor e prazer no trabalho, para adiantar o cumprimento da obrigação, de modo a distrahir uns momentos, os mais felizes da sua vida, quando pingasse meio dia da torre de S. Bento.

Ainda faltava cerca de meia hora; mas a galinha, ou porque esse dia se expedisse nas suas cor-

rerias, ou porque se fosse cada vez mais amando ao lugar, apresentou-se com a ninhada. Recebeu-a o rapaz com o costumado alvoroço, que logo cedeu á grande desconsolo; pois desta vez não traziam os pintainhos a prenda a que se acostumara o nosso namorado.

Já se sabe, que não ganharam as migas da broa; além de parecer-lhe justo castigar a pouca diligencia do mensageiro que vinha de balde; entendia o rapaz que era o modo de escorraçar d'ali a ninhada, e fazer que a menina reparasse o seu esquecimento, sinão era antes alguma pirracinha.

Piavam os pintos e cacarejava a galinha, á espiçarem-lhe as pernas, e elle a enchota-las com a ponta do pé e a regoa; donde tal ruido se levantou, que já era um escandalo naquelle soturno asylo da murmuração forense. Felizmente o Sebastião Ferreira, quando se embrenhava em um alfarrabio não dava pelo que ia cá fora.

Nessa conjunctura soou pelo cartorio um *zute*, ao qual levantaram os escreventes a cabeça de sopetão para fitarem o vulto do tabellião. Este segurando na mão esquerda um auto, com a direita erguida e espetado para o Ivo o indicador, tres vezes fechou em croque e abriu a formidavel phalange.

De prompto acudiu o rapaz ao chamado, acercando-se da mesa grande.

— Um edital por este theor e forma ! disse o tabellião com o laconismo do costume.

Mas a gallinha e sua ninhada não deixavam de atormentar o Ivo á gana das migas de broa ; e faziam tal matinada e cacarejo por baixo da mesa e entre as pernas do Sebastião Ferreira, que deu elle emfim pelo atrevimento dessa profanação de seu cartorio transformado em terreiro de criação.

— Enchote-me esta cambada, moço ! gritou o velho escriba.

Fe-lo o Ivo, mas debalde que a ninhada lhe voltava no encalço.

— É teimar em vão, já agora tomou esta manha.

— Feixe a porta que já não tornam.

— E o buraco ? retorquiu Ivo apontando para o rombo. O remedio é prende-la no gallinheiro.

— Pois prenda-a, e não me atormentem.

Isto, disse o Sebastião ao Ivo e á gallinha conjunctamente.

Lesto, como o galgo que aventou a caça, tangeu o rapaz diante de si a ninhada pelo corredor á fora em busca do quintal, com o ouvido alerta e olhar á espreita na esperança de lobrigar

de longe a filha do tabellião. Mas não viu sombra da linda imagem que trazia n'alma.

Encaminhou-se pois ao gallinheiro, bem desconsolado de sua vida; e lá deixou com a ninhada a esperança de receber naquelle dia a lembrança do costume. Ao voltar tropicou com a fraqueza e tremor que lhe deu das pernas.

E não era para menos. Encontrara-se rosto á rosto com a Martha, que ali estava diante d'elle, palpitante, como um passarinho sob o olhar do gavião, e fechada em seu enleio, como a flor que abrocha em botão, com o temporal.

Tinha a menina cingida ao seio pelo braço esquerdo uma franga de pennas mui alvas, que a brancura de sua tez escurecia. Andava triste aquella diva do polleiro, talvez pelo seu estado interessante, pois achava-se no primeiro choco. Daí vinham os disvellos de Martha, que depois de a tratar, ia leva-la ao gallinheiro.

Com o susto que sentiu a rapariga dando com o Ivo em frente a si, escorregou-lhe do braço a franguinha, que passado o primeiro instante do atordoamento disparou a correr. Apoz ella partiu Martha, e no encalço de ambos Ivo, que se não fez esperar.

Começaram então as corridas e reviravoltas, d

que se lembra com saudade quem em menino se divertiu a apanhar uma galinha no terreiro da casa paterna. E os logros que pregava a maldita, e as quedas que se davam no brusco torcer do corpo, e as boas gargalhadas com que se adubava a travessura?

No meio do péga que ia pelo quintal, não sei como foi, que os dous em vez de apanharem a ranga, se agarraram a si. Um maldoso era capaz de cuidar que se tinham abraçado.

— Ai! gritou Martha soltando-se da cadeia que a prendia.

Tremulo, o rapaz não teve animo, nem forças para rete-la: e ficou palerma, a olhar, balbuciando em voz sumida:

— Não foi por querer!...

— É capaz de me pegar?... acodiu Martha com petulancia, acenando uma corrida. Nem nada!

— Quer ver?

E o Ivo disparou atraz da menina uma nova corrida, que depois de muitas negaças e risadas, veio como a primeira acabar em abraço.

Desta vez, naturalmente pelo cansaço, deixaram-se ficar os namoradas como estavam, arriados a uma latada de m'racujás, juntinhos e entrelaçados pela cintura.

Apague! Que tremenda algazarra soou de repente na copa da pitombeira onde já estavam encarapitados o Claudio e seus companheiros.

— Está bonito!

— Ai! que desejos!

— Mais outro!

— Bem apertadinho!...

— Agora uma beijoca!

— Ora sem cerimonia!

— Sô malandro!...

— E o velho tonto quem dá pela maroteira!...

— Pato choco!

— Quia! Quia! Quia!...

— Abraça, abraça, que da pelle te ha de sahir!

— Gostas, hem? Pois hei de dar-te um bem apertado, mas é de embira!...

— Ora vejam que patola!

— Bigorrilhas!

— Desavergonhado!

Esta saraiva de chufas e dicterios misturada de caroços de pitomba, não veio aos esguichos, o que talvez se induza das fallas assim apanhadas. Foi uma vaia e cahiu de roldão sobre os dous miseros namorados, como o fracassar de um raio que os fulminasse.

Martha, creando-lhe azas o pejo, sumiu-se no

interior da casa. Quanto ao Ivo, seu primeiro impeto foi affrontar a récua dos minoristas, e expugna-los a pedra. Mas lembrou-se do tabellião, e esfriou; embiocando-se no gibão e esgueirando-se pela cerca, pode ganhar o corredor.

— Que ficou a cheirar lá por dentro, moço? gritou-lhe o tabellião ao ve-lo entrar.

— Saberá vossa mercê que... Sim, senhor, que... a franga deitou a correr, e foi preciso apanha-la !...

— Apanhar... apanhar... repetiu o Freire arremedando o Ivo com o seu mais esganiçado falsete. Apanhar precisava você na cabeça, mas era um carolo desta regoa.

— Alto lá, senhor Sebastião, que os truques não foram do ajuste.

— Não me respingue, hem !

Ainda uma vez soffreu o rapaz o seu impeto, lembrando-se de Martha cujo piso subtil lhe parecerá ouvir do lado da porta.

---



## CAPITULO XVII

PROGNOSTICO TIRADO POR UM TABELLIÃO DA ASCENÇÃO  
OU GRAVITAÇÃO DO NARIZ DE SEU ESCRIVENTE

Sentado á mesa de cedro, no meio da furna de prateleiras e autos, o Ivo jurou á si mesmo recuperar o tempo vadio, dando conta com a maior presteza da tarefa do edital.

Mas si o corpo ali estava em face da folha de almagão estendida sobre a mesa, o espirito lá andava-lhe á correr pelo quintal, fazendo estrepolias por causa da franga, e escondendo-se em um seio palpitante, coberto por um justilho perfido.

No meio destas scismas, deu o Sebastião Ferreira um tremendo espirro que arrancou o escrevente ao seu enlevo, e o poz de penna armada, prompta á accommetter a abstrusa giria do edital. Por uma coincidencia que mostra quanto é verdade haverem dias caiporas, ou nefastos, como lhe chamaram os romanos, succedeu que no alto do manuscrito campeava uma lettra maiuscula, de golpe bastardo, e essa lettra era um M.

Possuido de um repentino fervor, começou Ivo a talhar no ar com o bico da penna os contornos da lettra, que afinal se desenhou no papel com um traço finissimo, como se faz no primeiro esboço da pintura. Satisfeito de sua obra, ficou a contempla-la com certo enlevo.

Era aquella a inicial do nome querido ; e pois nã o admira que ahi se viessem agrupar as doces reminiscencias e os fagueiros pensamentos que lhe enchiam a alma, ainda mais n'aquella hora tão proxima do primeiro abraço.

Todas estas abundancias do coração namorado, se derramavam no papel, sobre aquelle M adorado, mas pelos bicos da penna em cetrarias ou arabescos de toda a sorte e nos mais delicados labores de paisagens. Aqui em um ditorno da lettra, eram pombinhos arrullando beijos ; ali pelos travados e ligamentos, anginhos á brincar esvoaçando entre as flores, colibris beliscando as fructas, e por toda a parte emblemas de amor, como corações agrilhoalhos, molhos de setas, e cupidinhos vendados.

Tudo isto, ia o rapaz penneando sobre o papel, com extrema rapidez, e no fogo da inspiração. Passada porém a primeira effusão, depois que verteu a flor de sua imaginação, no desejo de

variar os ornatos, e compor novas figuras para as cetras e taboes, entrou a banzar.

Nesse ponto, rondando o cartorio com um olhar de esguelha, como era seu costume, o Sebastião Ferreira descobriu o Ivo na postura de um scismatico, immovel, com os cotovelos fincados na mesa, a cabeça presa entre as mãos espalmadas, e os olhos pasmados para o tecto.

— Humh !... fez o tabellião sorvendo uma pitada.

Na sua mocidade gostava o Freire de caçar, e tinha seus galgos e perdigueiros. Dahi veio achar elle certa analogia entre um escrevente de cartorio e um cão de caça. Ensinara-lhe a experiencia que o nariz do bom escrevente, deve sempre cheirar o papel, como a venta do bom podengo farisca o chão. Escrevente que anda com o nariz ao vento, perdeu o rumo, e não ha que fiar nelle.

Em vista desta regra cinegetica applicada ao tabellionato, o Sebastião Ferreira, ergueu-se devagarinho e rodeando por detraz das estantes, na ponta dos pés, achegou-se ao Ivo pelas costas ; mas recuou espavorido quando viu o grande M historiado que borrava toda a folha de papel destinada á um edital !

Horriavel profanação ! Escandalo inaudito, e que

podia damnar um cartorio sempre conceituado entre os mais graves ! Fazer de um papel forense uma borradeira cheia de poucas vergonhas ! Sem duvida que era uma inconcebivel enormidade, de memoria d'homem nunca vista.

Atarascado pela indignação, que o impava como a um velho odre, o tabellião bem quiz pregar no atrevido a mais tremenda descalçadeira, que é possivel imaginar ; mas a raiva apertava-lhe o gasnete, e com violento esforço apenas esguichou uma palavra, que levou a rilhar entre os dentes, de tão cerrados que estavam os queixos.

— Birrrrr... bante!...

Essa cascata de erres despenhou-se como um cesto de cacaréos por escada abaixo, e estrondou na sillaba final.

Não teve o Ivo tempo de voltar á si do susto, pois travando-o pela golla do gibão, o Freire levou-o de arastão até a porta da entrada, e empurrou-o na rua. Depois do que pela janella varejou o chapéo, o tinteiro de chifre, e tudo o mais quanto pertencia ao perverso rapaz.

Restava a folha de papel onde se estavam desvergonhadamente derregando os horriveis penneados. Mas o Freire não se animou á tocar nessa obscenidade :

— Suma-me daqui esta pouca vergonha! intimou ao mais velho dos escreventes. Reduza-a á pó que não fique signal.

Limpo assim o cartorio da praga que o infestara, voltou o tabellião ao seu tamborete, mas não á occupação, que estava ainda muito cheio do desafforo para cuidar em outra cousa. Comtudo não esbravejava; apenas resmungava entre si umas cousas que se não entendiam; e lá de vez em quando assentava uma regoada no proximo bacarmarte, e acompanhava-a de uma exclamação neste gosto.

— Maráo !...

Ou sinão :

— Excomungado !...

Foi assim que em um momento viu-se o Ivo transportado dos jardins esplendidos de seus castellos encantados para o olho da rua do Aleixo, onde ainda se achava atordoado com o que lhe acontecera.

Mas não era elle rapaz que succumbisse com um contratempo. Deitou-se á andar para a casa e em pouco voltou armado de um bodoque. Saltando a cerca do tabellião, na esperanza de rever Martha e fallar-lhe, o estouvado rapaz, consolou-se da sua desventura, fusillando o Claudio e sua

recua, com bolotas de barro e coquinhos da praia, de que trazia os bolsos atopeitados.

Os minoristas ainda lá estavam na pitombeira, a espreita de Martha, para a atormentarem com as costumadas pilherias e requebros. Assaltados de repente pela metralhada do bodoque, tentaram affronta-la despejando sobre o Ivo um balde de ameaças e insultos; como porém a replica lhes vinha em carolos que doiam; e já lhes começavam á pular os gallos na cabeça, e os vergões nas costas; tramaram afinal descer para escovar o pello ao atrevido, o que percebido pelo assaltante, inspirou-lhe o prudente arbítrio de se pôr fora do alcance da tal sucia de malandros!

---

## CAPITULO XVIII

DA PESCA FAMOSA QUE FEZ O IVO NOS BAGRES  
QUE LHE PERSEQUIAM A PIABINHA

Emquanto, como o rato no miolo do queijo, o Ivo cocava a menina de seus olhos, dentro da propria casa, as impertinencias e filistrias dos minorenses, si por um lado faziam-lhe certas cocegas, por outro não deixavam de trazer-lhe seu proveito.

Não era esse atrevimento dos rapazes que fazia a senhora Miquelina mandar a Martha com recado ao pai afim de vir pôr cobro a taes demasias; e que portanto lhe dava a elle Ivo, o contentamento de ver a moça, e gozar-se de seu meigo sorriso?

Uma vez porém despedido da casa, e por modo tão duro, imagine-se a gana que tinha o ex-escrevente aos minorenses, sobretudo com a lembrança da vaia que lhe tinham passado e a Martha. Além de que, era o Claudio um rapaz bem apessoado; e portanto ao engeitado deviam ferver os ciumes, vendo-o a requestar a moça com tamanho afinco.

La escapando que na semana decorrida depois

de sua despedida, tentou o Ivo meios de obter do tabellião que relevasse a primeira falta, e de novo o tomasse ao serviço do cartorio. Valeu-se para isso do empenho da senhora Romana, que já lhe tinha servido de madrinha da primeira vez, e a quem para melhor dispor-lhe a vontade levou de mimo um S. João Baptista pintado por elle.

Desta vez porém o Sebastião Ferreira mostrou-se inexoravel, e toda a costuma da petulancia da velha não pode com elle. Basta que a lembrança do cano de bota recheado de moedas, achou-o impenetravel. Nada, que tratava-se da honra do officio publico, e decore de seu cartorio.

Reduzido pois, mas não resignado, á antiga e triste condicção de pé de muro, vivia o ex-escrevente a rondar as cercanias da casa do Freire, obrigado a se esconder do tabellião, como dos minoristas que não lhe perdoariam as bodocadas.

De tudo, o que mais ralava ao nosso namorado era essa espionagem dos famulos do prelado, a qual não só lhe mettia sua ponta de ciume, como impedia-lhe de aproveitar as furtivas occasiões de fallar á Martha.

Um dia faltou-lhe a paciencia ; e assentou de acabar com aquella penitencia ainda que sahisse uma estralada. Levou a cogitar a noite ; e pela

manhã cedo, foi a ribeira do Rocio do Carmo, e lá arranjou de um camarada pescador um anzol de garoupa com uma guita capaz de aguentar um tubarão.

Como era uso n'aquella epocha, a entrada da casa do Sebastião Ferreira tinha além da grossa porta intêiriça, uma rotula com seus postigos. Mas esta em vez de se conservar fechada, como succedia no geral das moradas, andava sempre escancarada por causa da passagem frequente das partes e moços do cartorio que iam e vinham na cōstante labutação forense.

Esquivou-se o Ivo pelo corredor e agachou-se atraz da porta à espreita.

Não esperou muito tempo. Apenas souo meio dia ouviu-se um vozeio na rua, entremeiado de risadinhas abafadas. Eram os minorenses que vinham na forma do costume bolir com a Miquelina e a filha, e se apinhavam junto a rotula.

Desde certo tempo a mulher do tabellião, para defender-se da apouquentação dos formigões fechava uma das janellas, e abrigava-se com Martha nesse canto da sala, onde não a podiam bispar os peraltas por mais que enfiassem os olhos entre as gretas.

Mas os diabretes desconcertaram-lhe o plano. Em

achando fechada a janella mettiam-se no corredor, á espiar pelo buraco da fechadura. Era ah i que os esperava o Ivo, aquem desde o principio não escapara a manobra.

Nesse dia, pois quando o Claudio e mais tres companheiros estavam mais entretidos em espiar, revesando cada um sua vez de pôr o olho á fechadura ; o engeitado reunindo sutilmente as fraldas das sotainas, prendeu-as com o anzol, cujo cordel tivera antes o cuidado de atar com segurança ao trinco da porta.

Executada a empreza, escapuliu-se o Ivo sem que o pressentissem, e chegando á rotula do cartorio, fronteira do tabellião, collou a boca na fresta para gritar com disfarce na voz.

— Uh! uh! velho urubú!

Ergueu-se furioso o tabellião, que brandiu o espadim e precipitou-se para a porta, mas depois de revestir-se da solemnidade precisa, encasquetando o grande tricornio. Seguiram-no os escreventes, armados, como de costume, de vassouras, reguas e tamboretas.

Ao ranger da chave na fechadura, os minorennes advertidos escamaram-se para não serem apanhados em flagrante. No meio da rua porém, esticada a guita dô anzol, esbarrrou-os de repente

na carreira, dando com elles de trambolhão em terra.

Nesse momento chegava a porta o tabellião que vendo prostrado o inimigo o apostrophou com extrema vehemencia :

— Corja de biltres!... Malandros!... Sevandijas!... O que vocês mereciam era que eu lhes tonsurasse as orelhas, para dar-lhes juizo, brejeiros!

Entretanto arremettiam os escreventes, de reguas e vassouras em punho, bem dispostos a sacudir a poeira do costado dos rapazes, e applicar-lhes uma sova mestra. Sentindo fervilhar-lhes o lombo, além de lhes arder as orelhas, afinal levantaram-se os minorensees disparando novamente á correr; mas outra vez a cambulhada dos rapazes, empencados ao anzol, estrebuchou no chão.

Nesse momento além, na rua, soou uma surriada formidavel.

— Formigão!... Uh!... Formigão!...

— Fião!... Fião!...

— Basculho de igreja!...

— Murrão de tocheiro!...

— Minhoca de sacristia!...

— Rabadilha de frade!...

E todo este berredo cortado de assobios estridentes, e acompanhado pela matinada infernal de

umas matracas improvisadas com taquara rachada, e pelo ronco de um immenso caramujo.

Era author dessa grasinada de ensurdecer, um bando de estudantes leigos, á quem o Ivo tivera o cuidado de avisar, promettendo-lhes um fartão de riso, sem comtudo explicar-lhes a peça que ia pregar. Sempre houve, e ainda subsiste uma birra dos estudantes leigos com os seminaristas ou meninos do côro, aquem appellidam de formigão por achar-lhes certa semelhança com a sauva, uma das especies desse termita. Com que prazer pois não acceitaram os rapazes o convite do Ivo, e não se esconderam na visinhança por detraz de uma cerca, á espera do momento?

Surprehendidos com o apparecimento dos estudantes, e vendo-se na presença de testemunhas, os escreventes que sabiam o valor da prova, desistiram da sova que se dispunham á dar. Além de que, percebendo-se afinal a causa dos repetidos trambolhões dos minorenses, dispararam todos em uma estrepitosa gargalhada.

Fustigados por esse riso implacavel, Claudio e os companheiros arrancaram tão furioso sacalão, que afinal escaparam-se deixando no anzol um farrapo da sotaina.

## CAPITULO XIX

MOSTRA-SE A VERDADE DOS DOIS ANEXINS ; QUE  
« O BOCADO NÃO É PARA QUEM O FEZ » E QUE  
« PAGA O JUSTO PELO PECADOR. »

Restituído ao tamborete furado, que lhe servia de curul, o Sebastião Ferreira repoltreou-se contente de si, e tossiu uma risada, o que antes só lhe acontecera duas vezes na sua vida de tabellião; a primeira ao receber a carta que o confirmava no officio; a segunda, quando teve a sentença favoravel nos embargos oppostos ao esbulho que o escrivão da provedoria tentou fazer de suas prerogativas.

A lição famosa dada aos minoristas de prelado vingava-o não só das continuas amofinações com que elles o atormentavam e á familia todos os dias; mas sobretudo do insolito desacato de que fora victima quando pretendeu desaloja-los da pitombeira.

— Quem seria o da lembrança ! disse o tabellião para os escreventes que olhavam-no embas-

bacados. Olhem que merecia umas paschoas ; e eu que lh'as daria de boa vontade.

Entreolharam-se os escreventes, como consultando a resposta.

— Então não atinam com o cujo ?

— A peça foi de truz ; agora quem a pregou !... Isso lá como se pode saber ! acodiu um.

— Elle parece que não passou... ia dizendo o outro.

— Pois não estão vendo que foi o sonso do Sabino ? atalhou o tabellião.

O bioco do rapaz, com a cabeça entre os hombros, fingindo uma certa vergonha de ver descoberta sua estrepolia, escondia de modo a dar-lhe mais tom, um sorriso maligno, empastado nos labios amarellos.

— Eu não !... respondeu elle dando uma cotovelada na ilharga, o que era signal certo de grande emoção.

Essa negativa com o sotaque particular, que lhe imprimiu o rapaz e o revirado d'olhos que lhe servia de asterisco, era a mais ingenua das confissões voluntarias.

São de todos os tempos e de todos os dias estes e quejandos disfarces ; pois no fim de contas a lei

deste mundo tem por mote aquelle versiculo do bom Virgilio ; *Sic vos, non vobis*.

Abençoados e felizes da terra, são os *vobis* para quem trabalhamos nos outros. Na cabeça do rol estão os primazes, *vobis* coroados, que se divertem a nossa custa, atirando ás rebatinhas dos grandes vassallos, sacos de ouro e massos de cédulas, fabricados com o suor do pobre e o pello que tosam á este povo bonacho !

Voltou emfim o cartorio ao habitual socego e modorra. Acabada a feria, na sahida, o tabellião, (espantoso successo) atirou um peteleco na ventá do Sabino, e introduzio-lhe sorateiramente na munheca um tostão de prata.

Assim foram surripiadas ao Ivo, as honras e o que mais é o proveito da engenhosa pescaria de formigões, que tivera a fortuna de engendrar não sómente para descanso de Martha e allivio seu, como para entrar nas boas graças do tabellião.

Tambem o culpado fora elle, que durante os trambolhões dos minorenses se deixara ficar escondido atraz da cerca, no meio dos estudantes, que instigava, mas longe da porta onde ficara atado o cordel do anzol.

Entretanto os minorenses, desesperados com a

vergonha que tinham soffrido, e abespinhados como os moribondos quando os assanham ; ardiam por tomar sua desforra do tabellião, a quem principalmente attribuiam a armadilha de que tinham sido victimas. Bem desconfiavam elles que ahi andava o dedo e a ronha do Ivo, mas dispostos a pespegar-lhes uma sova á proposito, o primeiro impeto foi contra o Sebastião, a cujo mandado obedecera o escrevente. Ignoravam ainda a despedida do garatuja.

Na tarde daquelle mesmo dia, estava o «peccador» do Ivo escondido no quintal em segredinhos com Martha ; quando o «justo» Sebastião Ferreira, já de retorno, vinha pela rua da Quitanda em busca da sua casa á esquina da rua do Aleixo.

Fora o tabellião dar seu giro do costume, e aproveitara para referir em cada porta o caso engraçado. Agora voltava deleitando-se ainda com a lembrança das gargalhadas que o tinham applaudido, e caminhava teso e compassado ao longo da cerca do prelado.

Fatal imprudencia !

De repente sentiu o Freire metter-se-lhe entre as tibias, um objecto que elle a principio cuidou ser a propria bengala ; mas não teve tempo de averiguar, porque apesar de sua grave compos-

tura foi obrigado á ir de ventas ao chão e esborrochar a respeitavel penca.

Babatando com esforço pode erguer-se, mas sem bengala nem tricornio, quando outra vez esgrimiu-lhe pelas canellas a taquara que o Claudio com os companheiros, enfiavam pelo buraco da cerca. As ventas do tabellião de novo se achatarem ; e mais uma figueira foi plantada.

Finalmente fulo de pô e bilis, conseguiu erguer-se o Sebastião Ferreira, mas foi para receber a mais tremenda encapellação, que já soffreu atrevido calouro no pateo de uma academia.

Os minorenses saltando da cercà, tinham cahido sobre elle de petelecos e chufas :

. — Uh !... Uh !... mestre urubú !...

— Velho fuinha !

— Estaes tonto, pato choco !

— Ora vejam, que pascacio ? A cahir pelas ruas !

— Si estará triscado !

— Qual ! São manhas do sendeirò !

— Aguenta, ó paxvobis !

— Olha o casquete, que te esquece ! disse o Claudio fincando-lhe d'um murro o tricornio na cabeça.

— Este traste será proprio ? acodiu outro empolgando a penca afogueada do tabellião.

— Com certeza é postição !

— Puxa-o tu que logo verás ! Eu cá aposto que é beque de algum saveiro !

Tanto exprememam as ventas do pobre homem, que afinal rompeu uma descarga de espirros, á modo de fusilaria, e respingou de tabaco e monco os olhos e a boca dos rapazes. Diante desse fogo rolante fugiram os assaltantes, tomados de nojo e perseguidos pelas galhofas dos ~~companheiros~~ que haviam escapado á metralha narigal.

Nesse momento assomou o prelado á porta da rua, e com sua habitual mansuetude exortou os seus famulos, ordenando-lhes que se recolhessem :

— Pode seguir descançado, senhor tabellião, que já os accomodei. Isto de rapazes, são como cachorros, que em pilhando a porta aberta, embestegam por ella afora, e não ha ter mão nelles.

O Sebastião Ferreira não se dignou ouvir. Amarrado pela encapellação na qual entretanto nunca perdera a sua gravidade, enveredou para a casa, onde chegou bufando de cansaço e de raiva. O pavio de uma candeia não arderia mais do que o magriço tabellião acceso em ira.

No emtanto o Ivo, desaperebido do que succe-

dera, obtinha de Martha mais um abraço, que vinha completar as duas duzias em tres dias; e animado com esse successo atreveu-se ainda que balbuciante a pedir uma boquinha.

Teve em resposta um muxoxo, e viu desaparecer como por encanto o vulto da menina, que deitara á correr espavorida.

---



## CAPITULO XX

UM BECA DO SECULO XVII QUE NÃO CHEGA AOS  
CALCANHARES DOS MODERNOS THEMUDOS

A rua da Misericórdia, proximo do beco do Cotovello, onde tinha residencia, estava o ouvidor geral Dr. Pedro de Mustre Portugal, em sua recamera particular, atarefado com o despacho de processos.

Era homem de boa fevera, nedio e socado, com uma dessas gorduras massiças e rubicundas, verdadeira polpa fradesca, da que se cria ao grosso unto do refeitório, e na manga lassa do habito.

Cá, por fóra dos conventos, tambem a terra produz dessa fecula substancial, quando a paxorra se mette em bombaixas ou cuecas, e deita a dormir a consciencia. Foi naturalmente por esse modo que o Dr. Pedro de Mustre Portugal obteve a rija cárnadura que lhe realçava a compostura, e dava-lhe um aspecto, sinão magestoso, certamente que importante pelo volume.

Sentado no telonio, sobre o estrado, esclarecido pela frouxa luz de um lampada de azeite de mamona; o primeiro ministro da justiça de el-rei, folheava os autos e os ia aviando, não sem escapar-lhe algumas observações, que nada tinham com as ordenações e os provarás.

— Hanh-hanh!... murmurava com certo sonsonete; cá está o Mathias Cosme!... Havemos de ver agora, em que param as soberbias!... Si torna a voltar a cara para não se desbarretar quando eu passar? Tornará!...

Salpicou o magistrado esta ultima palavra com um riso de mofa, e guardou no fundo da gaveta os taes autos; passando a examinar o seguinte da rima que tinha a esquerda, e que á um e um transferia para a direita.

— Oh! oh! oh!... exclamou entre riso. Patrono do réo, o Duro! Ha de levar a liçõesinha do costume, para não se ter em conta de grande lettrado!... Cuida la de si para si que pode ensinar aos mais, o pedante!...

Sem consultar a ordenação, nem recorrer ao sujo canhenho, travou o nosso magistrado da penna, e escreveu d'um jacto, *Indeferido*, tendo o cuidado de calcar a mão para fazer uma lettra bem grossa; já que não podia em voz ainda mais

grossa chimparr o despacho laconico e peremptorio, na bochecha do bacharel.

Destas ingenuidades que tinha o Mustre á sos e entre si, não vão fazer mão juízo á seu respeito. Passava por um dos magistrados mais honestos, que desde a criação da ouvidoria geral do Rio de Janeiro haviam nella servido.

Em seu tempo, e isto basta para honrar sua memoria, cessou uma balella que toda a gente repetia na cidade. Corria que certos mercadores de S. Sebastião, mettiam-se com os ouvidores logo que estes chegavam á terra, e tanto faziam que os induziam a acceitar de emprestimo alguma somma, com que os tinham á geito para seus pleitos e os de seus adherentes.

Tambem diziam de outros, que rendidos aos encantos de alguma nimpha da Carioca, trocavam a venda de Temis pela de Cupido; e lá se iam ao sabor dos affagos, as sentenças com que Venus comprava seus attavios e galas.

Ninguem ousou jamais suspeitar o Dr. Mustre de uma peita ou suborno. Cumpria á risca a ordenação não recebendo cartas relativas á demandas; e levava este escrupulo ao ponto de tratar as partes desabridamente, quando o procuravam. Tinha pois a consciencia de ser um magistrado

integerrimo. E seguro de que não o pouiam comprar, nem influir por empenho ou ameaça, no exercicio de sua jurisdicção ; do mais não se preocupava. Assim entendia que lhe era licito sophismar uma lei para dar quináo em um advogado ; demorar um processo para vexar a parte e obriga-la á bajulação ; inclinar-se em um ponto controvertido á decisão que favorecia seus amigos ; satisfazer emfim todos seus caprichos e velleidades, dando-lhes a feição de opiniões.

É esta a peor especie dos máos juizes. Acastelados na sua honestidade, que nem sempre é inexpugnável, põem a justiça ao serviço de suas paixões e venetas ; e quando vem o clamor, não falta quem os defenda como integros, lançando á conta de erro, o que alias foi astucia.

Serião oito horas da noite, quando bateram rijo á porta exterior da recamera. Sorpreso de que o viessem perturbar aquella hora em seu trabalho, ergueu-se o Dr. Pedro de Mustre para ver quem o procurava.

— Com licença de vossa mercê senhor doutor ouvidor geral ! disse o Sebastião Ferreira arremettendo pela porta á dentro.

— Servo do senhor doutor ouvidor geral !...

disse da porta o licenciado João Alves de Figueredo, já nosso conhecido.

— Pode entrar, senhor licenciado; boa noite, Sebastião Ferreira! Que novidade ha?

Ainda revoltado pela scena da encapellação, o homem não esperou que voltasse o ouvidor á seu telonio, e foi desde a porta acompanhando-o com a sua queixa.

— Aqui me tem vossa mercê em sua presença para querelar do Prelado e seus famulos que esta mesma tarde me perseguiram com voltas e assuadas, chegando sua malvadeza a ponto de me maltratarem gravemente o corpo em diversas partes, como vossa mercê pôde ver, sem o menor respeito, já não digo á minha pessoa, mas á justiça de El-rei, nosso Senhor, de cuja sou official.

Fallou neste geito por meia hora o Sebastião Ferreira, contando os pormenores da affronta que soffrera e acabou apresentando ao Dr. Mustre sua querela em que requeria devassa na forma da Ordenação.

Advinhou logo o Ouvidor que o requerimento era obra do licenciado, e preparou-se para notar-lhe os lapsos ou descuidos, afim de acachapar o velho advogado com a sciencia que lhe dava o pro-

vimento de El-rei ; porque da que se bebe nos livros, tinha bem pouca.

Essa presumpção de grave jurista ia a ponto no magistrado, que sua rubrica era Dr. Portugal, querendo assim reviver para si a fama de seu homonymo o Dr. Domingos Antonio Portugal, desembargador da Casa da Supplicação e author da obra — *Tractatus de donationibus regis*.

Entretanto apezar dessas fumaças, o nosso ouvidor não queimava as pestanas sobre os livros, e alem das *Ordenações* e das *Extravagantes*, era milagre encontrar-se em casa d'elle outra qualquer letra de fôrma.

Acabando de ler o requerimento espálmou o doutor a mão sobre o papel e disse com um sorriso :

— Careço de competencia, senhor licenciado !

— Com a devida venia, a ord. do liv. 2.º tit. 1.º § 27 é expressa.

— Sem duvida, quando ao tempo em que foi commettido o maleficio não andava o querellado em habito e tonsura.

— *Verum tamen!* replicou o licenciado em-pertigando-se na emphase doutoral. Pondere vossa mercê que o fôro secular tem a primazia,

pois a regra é que ninguém pode escapar á *manus regia*. É assim que a devassa se deve abrir, e os minorenses que venham com os seus artigos na forma da Ordenação, pois á seu tempo se verá si hão de receber-se.

Bem desejava o Dr. Pedro de Mustre dar uma lição ao Prelado e Vigario da vara pelas continuas picardias que praticavam, intromettendo-se á cada instante com as cousas seculares. Mas empenhado o seu amor proprio na questão com o licenciado, esqueceu tudo e metteu os pés a parede.

— Implorando a venia do senhor Ouvidor Geral... disse o tabellião curvando-se.

— Diga!

— Penso que não haverá duvida, pois os bil-tres, com perdão de vossa mercê, tem habito sim, mas de tonsura nem signal.

— Está bem certo?

— Assim estivesse de obter desagravo.

— Pois hade obte-lo, que lh'o digo eu. Amanhã abrirei a devassa. Desque não são tonsurados!...

---



## CAPITULO XXI

COMO SE ARRANJAVA OUTR'ORA UM MOTIM PARA  
DESFASTIO DO BOM POVO FLUMINENSE, EM VEZ DAS  
INSIPIDAS LUMINARIAS QUE LHE DÃO AGORA.

No dia seguinte abriu o Dr. Pedro de Mustre a devassa e inqueridas as testemunhas, mandou em segredo de justiça lhe fosse o feito concluso para julgar.

Quando chegou á noticia do Prelado que o Ouvidor estava devassando de seus famulos, o reverendo urrou com a affronta, e no primeiro momento disse cousas que muito haviam de alegrar a Satanaz, si as ouviu. Vindo a reflexão, mandou chamar o Vigario Foraneo, o licenciado Villalobos, e com elle praticou, encerrados ambos na Camera Ecclesiastica.

N'essa mesma tarde apresentou-se em casa do Ouvidor o Padre Raphael Cardoso.

Era uma sexta-feira, e contava-se 30 de outubro. Estava o Dr. Pedro de Mustre aproveitando o tempo em arranjar uma pacotilha para a via-

gêm: que tinha de fazer por aquelles dias ao Es-  
pirito Santo onde ia em correição tirar devassa  
da morte do capitão mór assassinado á boca de  
fogo, assim como de outros graves maleficios.  
Apreciador do bom prato, o digno magistrado não  
deixava nas suas excursões judiciariás, de levar  
soffrivel provisão de alguns temperos predilectos,  
que naquelle tempo, e talvez que ainda hoje, si  
não encontravam pelo interior.

Já tinha elle diante de si na mesa varios em-  
brulhos de drogas, e ajuntava uma porção de co-  
minhos espalhados na gaveta, quando entrou-lhe  
o Padre Raphael Cardoso.

— Deus dê boas tardes ao Senhor Ouvidor.

— As mesmas a Vossa Reverendissima. O que o  
traz por esta sua casa? perguntou o magistrado  
com fingida simpleza.

— Motivo bem desagradavel, Senhor Ouvidor,  
mas está nas mãos de Vossa Mercê que d'ahi não  
venham outras e peiores consequencias.

— Como então ?

— Bem a meu pesar, e por obediencia ao supe-  
rior, que é um dos preceitos da nossa Santa Reli-  
gião, venho por ordem do Reverendissimo Senhor  
Vigario Geral, Licenciado Francisco da Silveira  
Villalobos, notificar a Vossa Mercê para devolver

*incontinenti* a devassa tirada por esta Ouvidoria contra os famulos do Reverendissimo Preladò, ao juizo ecclesiastico de quem só releva este assumpto.

— Ah! Foi só a isso que veio? E si eu não quizer receber semelhante notificação?...

— O Senhor Ouvidor não fará isso!

— E porque o não farei, Reverendo, si desconheço a authoridade com que o Vigario Geral ou ainda o Administrador se intromette na jurisdição secular, e tem a protervia de mandar intimações á mim, Ouvidor Geral desta comarca?

— Assim Vossa Mercê persiste?

— Tenho dito.

— Neste caso sou forçado a consignar a Vossa Mercê tres dias para cumprir a notificação sob a pena de excommunhão maior, que em nome do Senhor Vigario Geral lhe communico pelas tres canonicas admoestações.

Ao ver o tom citatorio, que tomou o beleguim do Vigario Geral, e sobretudo ao ouvir a ameaça de excommunhão, teve o Dr. Pedro de Mustre impetos de agarrar o padre pelo gasnete, e atiral-o pelo janella fóra. Mas avisou que seria derrogar de sua hierarchia, tomar ao serio aquella farça ecclesiastica.

Entretanto havia o Rev. Raphael sacado do

bolso da batina um rolo de papel, e depois de ler por tres vezes a canonica e paternal admoestação, estendeu o rolo ao magistrado.

— Vem á ponto! disse o ouvidor com ar zombeteiro. Estava mesmo a cata de um papel para embrulhar este cominho!

E seu dito, seu feito.

— Cautella, Senhor Ouvidor! Veja o que faz!...

O Dr. Pedro de Mustre cresceu para o padre, e calcou-lhe a manopla no hombro:

— O Reverendo já fez as suas tres admoestações; agora quero eu fazer-lhe uma, uma só e que não tem nada de canonica. Suma-se e não me exgote a paciencia.

Não recalcitou o Padre Raphael Cardoso, que só ao transpor o limiar da porta sentiu dissipar-se o calafrio que produzira nelle o olhar do Ouvidor.

Ficou em segredo essa occurrencia, da qual não transpirou nova na cidade. Por sua parte o Ouvidor acreditando que a tal notificação não passava de uma ameaça para metter-lhe medo, persistiu em não tomar ao serio a empofia do Prelado; e a ninguem fallou do caso, que elle tinha como não succedido.

Quanto ao Prelado e sua roda, como esperassem reduzir o magistrado a abrir mão da devassa, as-

sentaram que não era prudente mette-lo em brio com a divulgação do facto, o que tornaria indispensavel a excommunhão. Embora resolvido a não recuar da grave censura, quando a necessidade o exigisse, entendia o Prelado que não devia levar o Ouvidor a tal extremo, tendo por mais prudente prevenir do que punir.

Assim decorreu o triduo da notificação e veio o dia de finados que esse anno cahiu em domingo. Durante esse tempo preparou-se o doutor Pedro de Mustre para a viagem do Espirito Santo, fixando sua partida precisamente para a segunda feira.

Já o galeão que o Governador pozera á disposição do presidente da comarca para transportalo em sua correição, estava sobre amarra, defronte do Rocio do Carmo, aprestado para a viagem e só esperava o magistrado para levar d'ancora e fazer-se ao mar.

A viagem do Ouvidor era naquella epocha facto importante, e pois servia de thema á parlicedade das calçadas e boticas. Succedeu que ouvindo falar da proxima partida do doutor Pedro de Mustre, a qual estava para a madrugada seguinte, o Padre Raphael Cardoso soltou uma risadinha sarcastica.

— Ve-lo-hemos !

— Cuida V. Revm. que não se partirá o Ouvidor ?

— Não sei ; tornou o padre, mettendo-se na concha. Si nesta terra, onde tudo anda em bolandas, se consente commercio com excommungados.

— Mas então ?...

Rompera essa exclamação do pasmo que deixaram na roda as palavras encobertas do padre.

— Deus lhe dê as boas noites; disse o Reverendo embrulhando-se na capa ; e sem mais abalou.

Derramou-se immediatamente pela cidade, o boato assustador de que o Dr. Pedro de Mustre ia ser excommungado pelo Prelado, si aquella hora da noite, sete dadas, já não estava. Uns recebiam a nova persignando-se ; outros volviam os olhos em torno, como si receiassem o contacto do reprobado ; e por toda a parte o rebato ia assoprando no animo da população o terror e o assombro.

Não foi Ivo dos ultimos a saber da novidade ; e atinando com a razão do conflicto armado entre o Prelado e o Ouvidor, sem mais detença tomou seu partido.

Immediatamente deitou-se para o Beco do Cotovello ; mas em vez de buscar a casa, bateu a rotula da tia Poncia :

— Quem é? perguntou a regateira acodindo ao bater.

— Sou eu, tia Poncia, não me conhece?

— Ah! O engeitadinho?... Ora, esta minha lingua escorrega, que é um Deus nos accuda. Mas não foi por mal, menino. E para bem dizer não é crime ser engeitado, ainda que... Está bem, isto agora não vem ao caso. Então, menino, que bom vento o trouxe por cá? É grande novidade.

— Pois não sabe o que vae pela cidade?

— Eu?... Sou lá alguma abelhuda mexeriqueira para andar mettendo o nariz por toda a parte! Mas visto isso succedeu alguma cousa? O que é, menino? Ande, não se faça de rogado! Diga de uma feita!

— Ora faça-se de novas? Então ainda lhe não sôou que o Prelado ia excommungar o Ouvidor?

— *Abrenuntio!*... *Credo!*... Quem se pode julgar seguro quando a gente grande leva dessas!... Mas é que alguma elle fez, o tal doutoraço, que tambem não é la boa rez. Eu desde que vi aquelle toutiço de frade, que lhe tirei as inquirições.

— O Ouvidor não fez nada de mais, tia Poncia. O Prelado ou lá sua gente, que eu não duvido fosse elle mesmo, começou a desinquiatar a familia do tabellião, e como este não esteve pela graça,

deram-lhe uma assuada. Era caso de devassa, e o Dr. Pedro de Mustre por queixa do Sebastião Ferreira, tratou logo de tira-la, como tinha de obrigação. D'ahi vem tudo.

— O caso é este?... disse a velha piscando os olhinhos. Pois, menino, adeus, que tenho mais em que cuidar.

Fechou a Poncia a rotula ; mas poucos instantes decorridos o Ivo occulto n'uma esquina a viu sahir á surrefa embrulhada na mantilha e enfiar rua a cima á trote batido.

Era o que elle esperava.

Uma hora depois nos quatro cantos da cidade corria a voz de que o motivo da excommunhão fulminada pelo Prelado não era outro no fundo, sinão a raiva de ver burlados os seus requebros pela filha do tabellião.

A tia Poncia tinha lançado em um ou duas casas de terço, por onde passou, aquella semente que brotou com rapidez espantosa. O povo murmurava : e teria dado desde logo signaes de descontentamento, si não fosse a hora da noite, pois já estavam muitos recolhidos.

Em todo o caso o motim ficava armado pelas comadres, tão geitosamente como o fariam as gazetas, que são as comadres do tempo d'agora.

## · CAPITULO VXII

UMA CEREMONIA QUE JÁ NÃO SE VÊ HOJE EM DIA,  
APEZAR DE AINDA HAVER PROCISSÕES E MASCARA-  
DAS DE IGREJA.

Amanheceu o dia 3 de novembro sob a grave expectação de um grande acontecimento.

Muito antes das primeiras e tenues alvoradas, abriam-se as portas das casas e os moradores vinham a soleira, na esperança de colher algum vago rumor, que lhes communicasse o começo do successo extraordinario, que todos esperavam, mas ninguem previa qual fosse.

Avistando-se uns aos outros, inquiriam-se mutuamente acerca do caso, que os punha em alvoro; mas nada com isso adiantavam, pois nada mais sabiam alem do zumzum, que tinha corrido a noite passada, e a que dera causa a indiscripção do Padre Raphael Cardoso.

Quando a primeira barra listrou o horisonte sereno e esclareceu os cimos da Jurujuba, o Dr. Pedro de Mustre Portugal sahio de sua casa, e

acompanhado por sua comitiva composta de dois beleguins e um gallego, dirigia-se ao porto afim de embarcar para o Espirito Santo.

A' porta os visinhos e alguns curiosos que tinham vindo ao cheiro da novidade, se despediam do magistrado com os costumados votos:

— Boa viagem, Senhor Ouvidor !

— Deus o acompanhe !

— Amen ! E o traga a salvamento.

— Que Vossa Mercê torne, como vae, na paz do Senhor !

E outras muitas variantes da mesma cortezia, a que o Dr. Pedro de Mustre respondia :

— Obrigado, minha gente ! Obrigado ; até a volta em que espero acha-los á todos em paz com a sua consciencia e com a justiça.

Nisso rompeu entre os presentes o Padre Raphael Cardoso, acompanhado de dois acolytos com tochas accesas. Perfilando-se em frente ao magistrado, desdobrou um papel onde se via o grande sello da igreja, e alçando-o com a mão esquerda á guisa de estandarte, levantou-se no bico dos pès afim de fulminar do alto com a palavra e o gesto ao corpulento magistrado :

— « *Auctoritate Dei Patris Omnipotentis et Filii et Spiritui Sancti et beatæ Dei genitricis Mariæ,*

*omniumque Sanctorum, pro Vicario generale, te excommunicamus, doctor Petrus de Mustre Portugalis, et anathematisamus, et a limitibus sanctæ matris Ecclesiæ sequestramus; et nisi resipuerint et ad satisfactionem venerint, sic extinguetur lucerna eorum ante viventem in sæcula sæculorum. »*

Depois de ter ejaculado de um jorro a formula do ritual romano, o Reverendo engorgitou-se como um odre, para gritar, vibrando a axecração com o braço hirto :

— *Anathema sit! Amen! amen! amen!*

O povo em torno cahira de joelhos e authomaticamente, possuido de indisivel terror, ia repetindo : — *Amen!*

Ficara o Dr Pedro de Mustre atordoado com a excommunhão maior que lhe acabava de lançar o padre. Alem de não acreditar que o Vigario Geral fosse capaz de levar a effeito a sua ameaça ; a solemnidade da cerimonia e o terror que infundia no povo, o deixaram profundamente abalado.

Quando deu por si, estava só, no meio da rua ; já o isolamento do reprobó cahia sobre elle ; nas esquinas ainda apparecia alguma gente á olhar o maldito ; mas não ousava aproximar-se ; e os proprios meirinhos, um tanto arredados, procuravam um pretexto para se escamarem.

Ordenou-lhes o Ouvidor que levassem aviso do acontecido a alguns amigos e pessoas de conselho, pedindo-lhes para virem à sua casa ; feito o que recolheu-se á esperar que chegassem para deliberar com elles no mais consoante á difficil conjunctura, em que se achava.

Entretanto o povo affluia para a casa da Camara, onde, naquelle tempo se consultavam e decidiam os mais graves negocios da governação e regimento da terra ; pois ahi estavam os juizes e procuradores do povo, que formavam o senado da cidade.

Isto succedia naquelle bom tempo de governo absoluto, em que havia franqueza e lisura. Agora que se diz por ahi vivermos em regimem constitucional, ainda se ajuntam no mesmo sitio, onde era a antiga Vererança, os que se inculcam de representantes da nação ; mas já nas suas horas de afflicção, nos seus dias inquietos, o povo não afflue mais para ali, pois tem os olhos voltados para S. Christovão.

Ao rebate que ia pela cidade accudiu logo o juiz do povo, João Baptista Jordão ; como presidente que era da Camara, convocou todos os Officiaes della, e bem assim os homens bons e o povo, para em vereação avisar-se sem perda de tempo sobre o

caso estranho e tão fóra da norma commum, que não havia exemplo de outro.

Estavam já bem excitados os animos. A insistencia que fizera o prelado para a mudança da matriz, era ainda muito recente, e deixara viva no espirito popular certa indisposição contra o Dr. Almada.

O povo tem a religião do passado: elle venera as tradições da patria e da cidade; deleita-se com as reliquias e antigualhas, que lhe são como recordações da infancia, e lhe retraçam o berço onde se embalou á sombra da fé rude de seus antepassados. Por isso não ha mais puro sanctuario da historia, do que seja o povo.

Os fluminenses daquella era, em que a vida não se tornara ainda uma empreza á commanditar, tinham seu fraco pela velha igreja, que primeiro se erguera na terra selvagem da Guanabara; e eram particularmente devotos de S. Sebastião, que, na sua crença ingenua, se mudara para o Rio de Janeiro afim de servir de patrono á essa terra de sua predilecção.

Esse fermento de desfavor contra o Dr. Almada, veio azeda-lo a excommunhão do ouvidor, geralmente attribuida na cidade aos escandalos do Prelado que sabiam ser derretido por mulheres,

e que se metterá a engraçar com a filha do tabellião.

Si ainda havia alguma consideração nos animos tolhidos pelo respeito á Igreja, desapareceu de todo com a irrupção que fez na praça um magote de rapazes. Era a corporação dos estudantes, que vinha tambem requerer á Camera remedio contra o excesso e exorbitancia da authoridade ecclesiastica.

Já naquelle seculo, essa respeitavel corporação tinha aquelle *diabo no corpo*, que no tempo de hoje faz estrepolias nos exames, e mais tarde deve produzir a alma nova da nação, a moidade regeneradora de uma sociedade catholica.

Não era de admirar pois a parte activa que tomavam os estudantes no motim; sobretudo sabendo-se que Ivo estava a frente delles, e os faziarrir á gargalhadas.

---

## CAPITULO XXIII

ONDE SE VÊ TRABALHAR A GOVERNANÇA ANTIGA, E SE RECONHECE QUE NESSE MECHANISMO HAVIA DE MAIS UM CILINDRO CHAMADO POVO, QUE HOJE NÃO EXISTE.

Agora que são conhecidas as causas do alvoroço em que se achava esta pacata cidade na manhã de segunda feira, 3 de novembro de 1659, podemos continuar a narrativa dos successos que occorrem depois.

Acabava de entrar no Rocio o Dr. Pedro de Mustre Portugal, com o seu acompanhamento da gente de justiça; encaminhou-se elle direito a Vereança onde era esperado, e foi recebido no maior silencio, com uma tão anciosa curiosidade, que modernamente na linguagem parlamentar chama-se — *movimento geral de attenção* — e é a canella com que os tachigraphos, umas vezes por ironia e outras por lizonja, polvilham a insipida aletria de certos discursos.

— Senhor Juiz do Povo, Officiaes da Camera, homens bons da cidade e quantos me ouvem: A

Vossas Mercês em Camera, venho expor o mais grave attentado commettido contra a magestade de el-Rei, nosso Senhor, e sua authoridade que á todos nós fieis subditos, cumpre deffender.

Narrou o ouvidor o conflicto suscitado pelo vigoario geral á proposito da devassa; e arrazoando largamente sobre a incompetencia da authoridade ecclesiastica para avocar á si o processo da alçada; declarou que ia ordenar a a prisão dos authors da assuada, por ser caso disso; e concluiu com a excommunhão que naquella manhã lhe fora lançada.

— D'essa iniqua e exorbitante censura, attentatoria da authoridade real de que estou investido e com a qual officiaava, já appellei *coram probo viró*, e de novo appello *ante omnia á precepto cominationis*, porque desconheço qualquer jurisdicção que possa tolher a execução da lei, e empecer no exercicio de suas prerogativas, ao Soberano de quem todos, ecclesiasticos e prelados, são vassallos e subditos, como o restante do povo. E assim requireiro que se tome em Camera a minha appellação para produzir seu effeito suspensivo, até que Sua Magestade resolva.

Em vista da gravidade do caso, deliberou o Senado pedir ao Governador e Capitão General a sua

assistencia pessoal em Camera; ao que deferiu elle permittindo que viessem os Vereadores á seu quartel ou residencia, no que se accordou para o dia seguinte. E não só por dar maior solemnidade ao acto, como para melhor esclarecer o intrincado ponto de praxe forense, sujeito á disputação, deliberou a Camera convidar os mais afamados doutores *in utroque jure*, que floresciaam então na heroica cidade de S. Sebastião

Foram segundo resam as memorias do tempo os seguintes luminares, de cujos nomes sacudimos a poeira dos tempos para envia-los á posteridade com esta chronica; os Reverendissimos Frei Pedro e Frei Mauro da Trindade da ordem de S. Bento; os carmelitas Padre Mestre Frei Francisco de Lima, Frei João Pacheco e Frei Antonio da Conceição; o Padre Francisco Madureira, da Companhia; e o Padre Mestre Pregador da ordem de S. Francisco; estes na classe dos theologos; quanto aos juristas sabemos do licenciado João Alves de Figueiredo (que era o patrono do tabellião), e mais Gaspar Leitão Arnovo, Dionisio Mendes Duro, Antonio de Barros e Bartholomeu de Oliveira.

Bem se vê quanto já era abundante de lettrados a cidade de S. Sebastião e si naquelle tempo es-

tivesse em uso a empreitada de codigos e leis, não faltaria quem a tomasse.

Entre aquelles nomes que citamos figuraram tambem o D. Abbade de S. Bento, o Prior do Carmo, e o Provincial dos Jesuitas, pela razão mui simples de que, sendo os cabeças de sua ordem, não podia haver ahi sabedoria que não viesse delles, por mais duro que tivessem o casco.

Deviam estes luzeiros da sciencia solver a importante questão de que dependia aquella hora a paz e socego da cidade; a saber, si a appellação interposta da excommunhão tinha ambos os effeitos e portanto suspendia a pena espiritual. Hoje não se faria tamanho barulho e gasto de saber com uma questão forense; cada juiz nasce mestre; tem a jurisprudencia infusa; não carece de ler, nem de consultar; é o que sahe.

Emquanto nas livrarias dos conventos e telonios de advogados se deitam abaixo as rimas de bacarmartes, e se vão espoando os alfarrabios de cujo ventre hão de sahir as eruditas citações para lardear as consultas; os Vereadores, tendo provido á urgencia do caso, trataram de jantar. Pautados pelo antigo anexim romano — *Sine Cerere et Bacho friget Venus*, já naquelle tempo entendiam os conspicuos senadores fluminenses, que de bar-

riga vazia não se pôde deliberar sobre a governança e regimento dos povos.

Por outro lado, pensaram elles que era de bom conselho deixar esse intervallo de um dia para arrefecer a irritação popular. Donde se vê que a protelação, esse achaque de nossa administração, vem de longe ; é mal chronico.

O motim, que se formara pela manhã, não tinha augmentado, mas conservava-se no mesmo estado de surda agitação, como a tempestade encadeada pela calmaria. Sentia-se ali dentro, no seio da turba a ebullição da cholera popular ; mas alguma força occulta a sopitava.

O respeito tradicional à religião, o terror da Igreja, e os sentimentos de devoção que animavam os fluminenses ; deviam conter os impetos da indignação popular contra o prélado, que no fim de contas, apesar do quanto o accusavam, era não somente um sacerdote, mas a primeira authoridade ecclesiastica da igreja fluminense.

O povo é sempre assim ; uma força magna e irresistivel, porem cega. Carece de quem o dirija, e o maneje. O que dispõe desse poder, tem a revolução fechada em sua mão.

Era essa cabeça, que faltava então ao povo fluminense. O motim ali estava no meio da praça

como uma bombarda carregada de metralha; a espera que lhe accendessem a mecha, e o arrojasse contra a arrogancia ecclesiastica, para a derrocar em um momento.

Qual seria porem esse que ousasse empunhar o cutello popular? Os principaes da cidade, aquelles que andavam na governança e e estavam no costume de conduzir a plebe; esses ainda mesmo servindo-se della para promover seu interesse, temiam-se da agitação mais forte que podesse desencadear-lhe as iras.

Naquella emergencia, estimaram os Vereadores a manifestação popular que os apoiava; mais do que isto porem seria perizoso, e fóra de toda a regra; pois tinha o povo seus procuradores e conselheiros para avisarem no que mais convinha, e prover á tudo que fosse para seu bem.

Estava portanto gorado o levante, si o Ivo percebendo o geito que tomaram as coisas não se incumbisse de arranjar a cabeça que faltava ao tronco popular.

Veremos como se houve nesse mister.

---

## CAPITULO XXIV

PROCESSO PELO QUAL INVENTOU O IVO O QUE HOJE  
SE CHAMA O HOMEM DA SITUAÇÃO

Ao toque de meio dia foram-se dispersando os magotes da gente. Os moradores tornaram á casa onde esperava o caldo, pois não havia naquelle tempo quitandeiras e freges, onde o popular achasse jantar a qualquer hora e em cada canto.

Depois da refeição as ruas de novo se encheram; mas como nada mais occorrera de novo, e as cousas continuavam no pé em que as tinha deixado pela manhã o senado fluminense; concentrou-se o animo da população na expectativa do dia seguinte, no qual á vista no accordão tomado em Camera, com a assistencia do governador e conselho dos luzeiros da sciencia, se tinha de decidir a questão,

Correram pois as horas da tarde em socego; os ranchos de povo que desfilavam pelas ruas, embora animados ainda por um resto do alvoroço.

da manhã, já não tinham aspecto irritado e frego ; mas ao contrario palravam com moderação á respeito das occurencias do dia.

O assumpto que de preferencia os occupava o voto dos theologos e jesuitas consultados so a intrincada questão ; faziam conjecturas e commentos á cerca das disposições de cada um, e alvitre que adoptaria.

— Olhem ! accudiu um orador de esquidos que hoje abundam. Os padres do Collegio, es podem ter certesa que são contra o Almada, poi seu costume andar sempre a jogar as cristas c os bispos, prelados *et reliqua*. Lá quanto aos out é perder a esperança ; então os Benedictinos ! Si o Almada não se sahe do mosteiro !...

No meio destas diversões veiu a noite, e com e outra vez se escoou o poviléo, deixando ermas ruas escuras. A pouco e pouco foram-se extinguindo os fogos, e não tardou que a cidade de misse a somno solto.

Lá pela volta das dez horas, foi o silencio profundo da noite quebrado por um tanger de sin que despertou parte da população. Pelo toque lo se reconheceu que era rebate no campanario Camera, o que ainda mais espanto causou, s bretudo no estado em que se achavam os animo

Abrindo as portas, e sahindo á rua, avistaram os moradores por cima dos telhados lá para as bandas do Rocio do Carmo, um clarão, que avultava no meio da profunda escuridão da pequena cidade, a qual não conhecia ainda nem os lampões de azeite de peixe, quanto menos o gaz.

— É fogo ! disseram.

Os primeiros despertos correram direitos ao ponto e de caminho iam dando vozes e rebates de fogo, que avisavam os mais ; de modo que em poucos instantes meia cidade corria pelas ruas, e a outra não tardava a acompanhá-la.

Esbarrou-se a multidão com uma cousa que não esperava.

No alto do pelourinho estava um retabulo armado com pintura de transparente. A tela esclarecida pelo anverso com cabeças de breu representava em grande o vulto de S. Sebastião, baixando do ceo ao morro do Castello. Com uma vergasta que tinha na mão direita o divino padroeiro expellia da sua cidade uma caterva de porcos que se tinham introduzido nella e estavam a fossar-lhe os muros. Na mão esquerda tinha o tanto arvorada sua bandeira, e a confiava á guarda do Sebastião Ferreira Freire, ali pintado em propria figura.

Mas o traço, sobre todos notavel do painel, era que os porcos tinham tonsura e cara de gente; vendo-se no maioral da frente a do prelado, e em seguida toda a fradaria, que o rodeiava, desde o Vigario geral até o Claudio minorensense.

Atinando com a allegoria, a multidão disparou em um frouxo de riso, cujo borbórinho cobriu o murmurio das ondas a rolar na praia. Rompeu a revolução da gargalhada, a mais assoladora, e ás vezes a mais cruel de todas as revoluções.

O respeito de que o seu character sacerdotal cingia o Prelado, a força moral, essa formidavel barreira que resiste ás iras populares, nos seus mais terriveis assomos; o ridiculo a acabava de aluir com um scpro.

Era obra do Ivo, bem se percebe, a tal allegoria ou como hoje diriamos, a caricatura, e não ficava somenos nem pelo chiste, nem pelo desenho, as melhores que figuram ahi pelas ruas da côrte em dias de carnaval.

Desde meio dia trabalhara o Garatuja sem descanço, ajudado pela malta de estudantes que pulava de contente com a estrepolia, e applaudia a lembrança do rapaz, sem importar-se com o desacato a religião, que estavam preparando naquelle retabulo.

Emquanto elle pintava, os outros preparavam a armação e as cabeças de breu para o transparente.

O rebate foi dado por um pirralho, que animosamente trepou ao telhado da casa da Camera, e lá se foi com a sutileza de um gato até o campanario, onde debruçado a beirada, conseguiu tanger o sino.

Entretanto o povo, passada a primeira impressão, indagara entre si do author dessa lembrança; e não faltava quem attribuisse o inesperado e misterioso apparecimento do retabulo á intervenção do poderoso S. Sebastião que ahi se representava para assim communicar sua vontade aos moradores da cidade. Esse encanto do maravilhoso é irresistivel para a imaginação popular.

Aproveitando o momento de commoção, Ivo saltou os degraus da pilastra hasteando uma bandeira de S. Sebastião, em tudo semelhante a do pannel;

— Povo de S. Sebastião é preciso entregar sua bandeira aquelle á quem o nosso divino Padroeiro escolheu para deffende-la!

— Bem avisado! gritou uma voz.

— Vamos sem mais detença á casa do senhor Sebastião Ferreira, nosso tabellião.

— A casa do tabellião! gritaram todos.

Estremunhado de sômnio, saltou o Freire da cama aos clamores que appellidavam, e ás tontas chegou á janella para ver o que lhe queriam ; mas não antes de lhe assegurarem de fóra que eram de paz.

N'um instante a turba multa o envolveu e arrebatou ; de modo que o pacifico tabellião achou-se sem accordo proprio e quasi sem conhecimento de si, no meio da rua, levado em charola, com a bandeira de S. Sebastião arvorada na sinistra, e uma catana empunhada na dextra,

Como isto se fizera não o sabia elle. Viu-se no meio de um torvellinho de gente, e cercado de fogarêos, que lançavam pelas ruas onde passavam uns lampejos sinistros e faziam-lhe calafrios, lembrando-lhe os autos de fé.

Eis como inventou o Ivo o *homem da situação*. O que elle fez com o seu pincel, ainda hoje ha quem o faça com uma gazeta, e com o mesmo desembaraço e petulancia. Do que não se precisa mais é de povo, essa antigualha sem serventia. Paga-se a musica dos allemaens ; abre-se uma finta com o nome de subscrição para retrato ou jantar ; e ahi está uma notabilidade, um chefe de partido, um medallhão.

---

## CAPITULO XXV

UM DOS CASOS EM QUE A AUTHORIDADE OBTEMPERA  
PROMPTAMENTE Á VONTADE DO POVO, E TIRA A  
SARDINHA COM A MÃO DO GATO.

A troça dos estudantes com o Ivo á frente, servia de vanguarda ao motim, e fazia uma algazarra tremenda ao estalo da matraca, e ao zunido das cegarregas.

- Abaixo o prelado !
- E a mais a sua clerezia !
- Fora com a sucia !
- Não queremos semonia !
- Á fogueira com elles !
- E os formigões ?...
- Havemos de pôl-os á viola !
- Qual viola, uma pisa !
- E o tal Claudio ?...
- Eu cá, em o pilhando, migo-lhe os focinhos !  
Tomando a direcção, que lhe deu o Ivo, chegou a multidão em frente á casa do Ouvidor, a quem

saudou com repetidos clamores, instando por sua presença.

Velava ainda o Dr. Mustre, cogitando nos successos do dia e suas consequencias; e pois ouvindo os reclamos do povo, acudiu prompto. Foi recebido com estrondosa ovação ao apparecer no lumar da porta.

— Viva o Dr. Portugal !

— Viva !...

— Por muitos e longos annos !

— Viva !

— S. Sebastião, pelo nosso Ouvidor !

— Peio nosso Ouvidor !

Destacou-se o Ivo, e acenando aos sujeitos que traziam em charola o Sebastião Ferreira para chega-lo á frente, assim fallou ao magistrado :

— Aqui estamos, os povos da cidade, e o snr. Sebastião Ferreira Freire, a quem por influição do seu e nosso divino padroeiro, escolhemos e nomeamos por nosso procurador para defender-nos contra a arrogancia da cleresia; e todos vimos para requerer a vossa mercê, como ouvidor de nossos aggravos e principal ministro da justiça de El-Rei, aquella que nos é devida, pela affronta que soffremos na pessoa do nosso tabellião.

— Queremos despica-lo !

— Cala te d'ahi ! Deixa fallar o rapaz.

— Está conclusa em mão de vossa mercê, continuou o Ivo ; a devassa tirada contra os creados do prelado ; e porque não é bem que se retarde a punição dos culpados, pedem os povos aqui reunidos que vossa mercê profira sua respeitavel sentença, para ser executada esta mesma noite ; assim que d'aqui não sahiremós sem ella.

— Venha a sentença ! gritou a turba.

Não podia o Dr. Mustre cogitar melhor desforra contra o prelado do que essa que lhe acabava de suggerir o Garatuja.

Vendo-se apoiado pela effervescencia popular, e podendo em todo o tempo escusar-se á pretexto de coacto ; decidiu-se o magistrado a responder á mitrada com uma chibata la de sua vara branca de ouvidor.

— Despachar os feitos com a maior prestesa, é da obrigação do juiz : como é da minha satisfação prover as urgencias dos povos de minha jurisdicção, e deferir á suas supplicas, sendo ellas fundadas em boa razão. Esperai em quanto torno !

Já se dissipara o atordoamento em que havia cahido o Sebastião Ferreira ; mas ao passo que fôra sahindo desse embotamento moral, o começara a invadir uma sorte de embriaguez ; era a

carraspana dessa gerebita, que chamam popularidade, e á qual não resistiam os pacíficos tabelliães de outrora, como também não lhe escapam hoje os nédios e massiços barões.

Vendo-se á testa daquelle ajuntamento de gente, que requeria dos ministros d'El-Rei em tom de mando, e não de supplica; o nosso tabellião revestiu-se da sua importancia de cabeça dos povos de S. Sebastião, e enchendo-se de enthusiasmo, exclamou :

— A sentença, Senhor Ouvidor, pois si recusaes a estes povos a justiça real; não estranheis que appellem elles para a justiça de Deus!

— Sim; appellaremos!

— Appellemos já!

— A toca do padre!

— Deite-se fogo á casa!

— De vagar, camaradas; clamou Ivo; é preciso fazer as cousas em regra. Si os bichos tem de ir lá parar, que vão com todas as ceremonias.

— Assim é!

— Esperemos a sentença.

Esta não se demorou. Breve assomou de novo á porta o Dr. Mustre, que deu leitura do decreto judicial pelo qual declarando procedente a devassa, sugeitava a prisão e livramento aos minorense,

famulos do prelado, ordenando se incluisse seus nomes no rol dos culpados, e se expedisse mandado de captura.

Com uma salvá de applausos foi acolhida a sentença; da qual o escrivão *ad hoc* lavrou logo o termo de publicação, passando incontinentemente o mandado de captura, que foi entregue aos beleguins da ouvidoria para o cumprirem com assistência dos povos.

Poucos momentos depois atopetava-se a multidão na rua da Quitanda em frente da morada do prelado, cuja cerca foi invadida, e posta em sitio a casa. Esta conservava-se fechada como estava, e em silencio, apesar do vozeio e borborinho do povo.

Adiantou-se o beleguim, e batendo na porta com a vara, proferiu a seguinte intimação :

— Em nome d'El-Rei, e por ordem do Senhor Ouvidor geral, intimo os moradores da casa, ou quem nella estiver, a que abram a porta afim de cumprir a deligencia que me foi ordenada, e não o fazendo á 3.<sup>a</sup> notificação procederei o arrombamento e penetrarei á viva força e de mão armada, si for preciso.

Mal acabava o beleguim, que de sopetão abriuse a porta e assomou nella o vulto do prelado.

— Retirem-se desavergonhados, que não se pisá a soleira desta casa, sem nossa venia!

— Venia? Nós do povo lh'a excusamos.

— Avie com isso, meirinho!

Impellido pelo arrojo do popular, o meirinho desenrolou o mandado:

— Com o presente mandado de captura, requeiro á Vossa Reverendissimas snr. Dr. Manoel de Sousa Almada que entregue á prisão os seus famulos, Claudio de Sousa...

— Insolente, bradou o padre, cuja cholera fez explosão. Desafio-te e á essa canalha, que transponham o batente desta porta. Aquelle que o fizer será maldito; em nome de Deus o excommungo, e o tecto desta casa se abata sobre os impios que a profanarem.

Ante essa execração, feita com gesto solemne e voz retumbante, a multidão recuou pavida; mas ali estavam os estudantes para metterem o padre a ridiculo, desarmando-o assim do prestigio que devia exercer no espirito daquella gente.

Rapazes, em lhe dando para rir, não respeitam as cousas mais sagradas; assim que soltaram os garotos um chorrilho de improperios:

— Como grunhe o cevado! gritou um brejeiro alludindo ao painel.

— Anda lá, acudiu outro farçola ; deita os bacorinhos para fora !

Romperam as gargalhadas e chacotas com que a multidão, de novo excitada, assaltou a casa do Prelado.

Terríveis deviam ser as consequencias desse embate da onda popular, e não era dado prever os excessos que praticaria essa plebe, irritada com a resistencia, e dirigida por meia duzia de rapazes estouvados.

— Entregue os reus !

— Queremos os minorenses !

— Havemos de trancafia-los na cadeia.

O Prelado esmagou-os sob o olhar altivo e recolheu-se com a dignidade de um ministro da Igreja.

---



## CAPITULO XXVI

AINDA UMA VEZ SE PROVA QUE O POVO É EM TODOS OS TEMPOS A MESMA CREAÇÃO TRAVESSA, AQUEM SE ENGAMBELLA COM UM DOCE OU UM BONECO.

Felizmente nesse momento da maior exacerbação, appareceram ali os camaristas, acompanhados de outros moradores que andavam na governança da terra, e tinham preponderancia sobre o povo.

Avisados do tumulto que ia pela cidade, e do perigo que ameaçava o Dr. Almada; receiosos por um lado dos desmandos populares, e por outro do desagrado d'El-Rei que por certo não levaria a bem o desacato á Igreja com offensa da dignidade prelatia; tinham os principaes accudido com presteza no intento de evitar algum desastre.

Chãos e simples, como eram, os *homens bons* daquelle tempo, valiam mais sem contestação do que os *eminentes estadistas*, que por ahí andam á granel, pois não ha gazeteiro que os não amasse em

tal quantidade que o forneiro mór occupado em cozinhal-os para ministros, não lhes dá vasão.

Ás suasões do Baptista Jordão, o juiz ; ás advertencias e rogos dos mais camaristas e principaes, moderou-se a turba, soffrendo os impetos com que já investia contra a casa do Prelado. Porventura obteriam os prudentes que se retirasse o ajuntamento, e aguardasse o povo a resolução que ia tomar o Senado ; si não fosse a rapaziada, que embirrou em levar a sua avante.

— Sem os formigões, d'aqui não arredaremos o pé !

— Querem que nos retiremos ? Pois deem os culpados á prisão.

— Cumpra o mandado !...

— Ou havemos nós de cumpri-lo.

— Não reconhecemos couto !

— Faremos respeitar a justiça d'El-Rei !

— Não o affrontarão na pessoa do seu ministro, que não consentimos !

Estas vozes carregadas de ameaças, circunscriptas no principio ao tropel dos estudantes, se propagavam logo pelo grosso da multidão. Conheceram os camaristas a dificuldade de obter a dispersão do povo, sem até certo ponto attender á sua reclamação, que no fundo era da maior justiça, pois

não pedia mais do que a execução de um mandado expedido pela Ouvidoria da Comarca.

Assentaram então os apaziguadores do motim em instar com o prelado para entregar os mineiros á prisão, por bem da paz e para evitar damno irreparavel.

— É preciso lavar o auto de resistencia; ponderou um dos camaristas.

— Meirinho !...

O beleguim sacou do bolso o tinteiro de chifre, e sentando-se na soleira da porta, começou a lavar sobre o joelho o auto de resistencia que precede ao arrombamento.

Approveitaram-se os camaristas dessa pausa para interpirem sua mediação ; e avisado o meirinho que demorasse quanto pudesse a sua gripharia ; alcançaram o juiz e o procurador que o Prelado os admittisse a entrar para conferirem sobre o caso.

A principio mostrou-se intratavel o Reverendo ; mas ouvindo a vozeria do povo, que já revolvía-se impaciente com a demora da conferencia, e percebendo o terror de que se achavam possuidos os proprios camaristas, assustados com os excessos em que ia romper o motim, tornou-se mais accessivel a accommodação.

Insistira o juiz nestes termos :

— Não dizemos que Vossa Reverendissima entregue seu sobrinho, ou aquelles famulos seus de mór estimação ; porem os outros... si os entregasse, podia-se alcançar do povo que se aquietasse, enquanto que assim recusando-lhe tudo, vae-se irritando, e ao cabo quem soffre somos todos nós.

— Os clerigos menores de habito e tonsura, famulos da Igreja, de que sou humilde ministro, esses, Senhor Juiz, não ha poder que m'os faça entregalos á justiça secular, da qual não são subditos.

— Neste caso caia sobre Vossa Reverendissima o peso das calamidades, que vai acarretar a sua obstinação.

— Havia um meio; insinuou o Prelado.

— Vossa Reverendissima dirá.

— Tenho ahi dois moços que ainda não receberam a tonsura, mas destino-os tambem para clerigos, si forem aptos. Esses, vestindo-lhes o habito, podiam servir para apaziguar a canalha, si Vossas Mercês interpuzerem seu bom conselho.

O primeiro impulso dos camaristas foi repellir essa mystificação, masurgia um remedio qualquer, sinão queriam ver desencadear-se a furia popular, alagando a cidade de sangue.

Vieram os taes moços, como o chamava o prelado. Eram um moleque, e um caboclo, ambos captivos, os dois coitados, que iam servir de victimas expiatorias das estropelias dos minorenses. Vendo-os, quizeram recuar òs camaristas ; mas o povo fóra rugia de cholera, e começava a assaltar as janellas com pedras e calhãos.

— Ao menos, observou o Chaves que era gracioso ; arranjemos-lhe uma tonsura ou coisa que se pareça. Venha lá uma thesoura.

Emquanto se mettiam o moleque e o caboclo em habito e tonsura, sahiu o juiz á porta :

— Moradores de S. Sebastião, e povos da cidade. Por bem da paz e socego de todos pensamos em conferenciar com o Reverendissimo Prelado sobre a entrega dos reus ; e mostrando a plena justiça da vossa reclamação o ređuzimos a restituir desde já á prisão dois dos culpados, fazendo o mesmo aos outros logo que os tenha á mão.

— Todos, queremos todos e já !

— Mas como ? gritou o Chaves ; Si amollaram as palanganas, e lá se vão zunindo !

— Aonde ?

— Para o mosteiro em busca de asylo. Agora é assobiar lhes ás botas, ou aos calcanhares.

— Péga ! exclamou um mais ardente e disparou a correr.

Outros o seguiram machinalmente. Ao mesmo tempo o meirinho com seus acolythos, capturando os dois improvisados minorenses, se affastaram com elles, levando apoz a maior porção de povo.

Assim conseguiram os camaristas salvar a casa do Prelado da devastação que a ameaçava.

A poucos passos de distancia, os estudantes expulsando os beleguins tomaram conta dos presos e fizeram com elles coisas do arco da velha. Basta que, no dia seguinte o coboclo amanheceu em cuecas, atado a um mastro, á guisa de judas em sabbado d'alleluia, e com o couro pintado de azul. Quanto ao moleque, nú em pelo, com uma crosta de vermelhão que o envolvia do cabello a sola dos pés, e com o appendice de um cabo de navio servindo-lhe de cauda, saltava no meio da rapaziada em figura de diabrete, e representava menos mal o seu papel de palhaço do inferno.

Era já dia claro ; e ainda o motim percorria as ruas da cidade, esperando a hora da sessão, que a camara convocara para o quartel do governador.

---

## CAPITULO XXVII

ONDE SE VÊ A IMPORTANCIA JURIDICA DO MEDO NA  
DECISÃO DOS CASOS MAIS INTRICADOS DA THEOLOGIA

A casa de residencia do governador, ou seu quartel, como diziam então pelo respeito ao elevado posto de capitão geral, ainda estava por aquella epocha na rua da Cruz, que depois veio a ser rua Direita, e ultimamente com o sestro em que deu a nossa Vereança passou á rua de 1.º de Março.

Essa mania de mudar os nomes as ruas e pô-las á moda, é nada menos que uma barbaria e degradação igual a que se perpetrava com os antigos monumentos e quadros empastando-os de arrebiques á moderna. Em um caso profanação da arte; em outro profanação da historia; dois relicarios do coração humano.

Nas mudanças successivas porque passa o nome de uma parte da grande cidade, escreve o povo fluminense um capitulo da sua historia intima.

Assim folheai essa pagina de pedra e cal, que se chamava até o anno atrazado, *Largo do Paço*?

Sua primeira designação, nos tempos primitivos, foi campo do *Ferreiro da Polé*. Subiu depois a *Rocio*, quando as casas o cercaram. *Carmo*, attesta a edificação do convento dessa ordem; *Terreiro do Governador*, a residencia da primeira authoridade da capitania; *Praça do Palacio*, a elevação de cidade á capital de vice-reinado; e finalmente *Paço*, a côrte real que pouco tardou em trocar-se por imperial.

Entretanto que significa *Pedro II* escripto n'aquellas esquinas? Simples lisonja de cortesãos. O augusto filho do fundador do imperio não tem particularidade alguma com essa praça, onde estão os paços que, si hoje o hospedam, foram de seu pai e de seu avô; e triste d'aquelle a quem cinje uma corôa, si carecesse de uma esquina de rua para ir á posteridade!

O que dizemos do primeiro cidadão, applica-se aos patriarchas, e aos outros medalhões da politica. Erijam-lhes estatuas de ouro, si quizerem; levantem-lhes monumentos de bronze; dediquem-lhes templos e altares, mas não se metta a camara a tralhona, usurpando essa prerogativa do povo

soberano, de crear os nomes e formar as tradições de sua cidade natal.

Si não mente a chronica era no lugar onde está hoje a Caixa da Amortisação e Correio, que se levantava a residencia do governador, a qual foi destruida na invasão dos francezes em 1710.

Para ahi se dirigiram desde as 7 horas o Juiz e Officiaes da Camera, bem como as pessoas gradas e sabedoras pelo Senado convocadas; iam todos sollicitos de accudir com prompto remedio ao successo extraordinario que desde a vespera trazia em alvoroço a cidade.

Esperava-os o governador Thomé Corrêa de Alvarenga, não menos soffrego de pôr termo á agitação do povo. Durante a noite, sciente do que ia pela cidade, mandou ficar sua guarda assim como a gente do terço á postos e de promptidão para o que podesse acontecer; mas fez-se desentendido, e absteve-se da menor intervenção.

Empenhado em arranjar uma representação da Camera e povos de S. Sebastião pedindo a El-Rei para provel-o a elle Thomé Corrêa no effectivo governo das capitánias no sul, que estava servindo interinamente; tratava de agradar á todos e pois não lhe convinha tirar razões e ir ás mãos com o motim que era lá com a clerisia.

Ao entrar a sessão, ouviu-se na rua grande alarido. Era a troça dos estudantes que voltava, trazendo no centro o Tabellião e á frente o moleque lambreado de vermelho, e montado em um cabrito. Atraz vinha uma sucia de meninos que seguravam a cauda do diabrete, como si fosse a amarra de uma anchora.

— Senhor Juiz e Officiaes em Camera ; gritou o Ivo. Aqui trazemos á vossas mercês, este eximio theologo para consultar sobre o caso intrincado. E grande sabedor de excommunhões, brucharias e demonices,

Gargalhada estrondosa, seguida de formidavel apupada.

— Salta, capeta !

— Silencio, que o cabrito vae espirrar !

— Não é espirro. E um latinaço que lhe esguichou pelas ventas.

— Então o cabrum é doutor ?

— De borla e capello.

— Quiá !... Quiá !... Quiá !...

De vespera esperava-se que a sessão convocada pela Camera fosse das mais importantes de que havia noticia, já pela gravidade das circumstancias e já pelos grandes luzeiros da sciencia que tinham de dar seu voto.

Nessa conformidade se tinham preparado os theologos e juristas, recheando-se de latim, abarrotando-se de citações abstrusas, para desbancar os argumentos *ex adverso*. Dir-se-hiam os improvisadores do actual parlamento em vespera de um debate solemne.

Bom é saber se que dos theologos, só os jesuitas propendiam para o Ouvidor, por espirito de opposição á mitra ; e dos juristas apenas o licenciado Figueiredo, por ser patrono do Tabellião, encostava-se ao parecer d'aquelles.

Os mais, ou pelo anexim popular de que *lobo não come lobo* ou pelo receio de jogar as cristas com a Igreja, eram todos pelo Prelado ; e se dispunham a sustentar em Camera com uma torrente de doutores, que a excommunhão fôra decretada conforme o direito e leis da Igreja e do Reino ; não podendo suspender-se pela interposição do recurso, que só tinba o effeito devolutivo.

Durante a noite porem operou-se grande mudança no espirito dos sabios theologos e juristas ; parece que o livro do povo ali, á rua, aberto em todas as paginas, ensinou-lhes mais em uma hora, do que haviam aprendido toda a vida em commentarios e tratados de praxistas.

Assim, logo cedo compareceram, não mais para

arrazoados juridicos, sinão para tomar uma deliberação, com que o povo se accomodasse. Do prurido de disputações, si algum ainda tinha resquícios, a vaia dos estudantes acabara de applaca-lo de todo:

Decidiram em Camera por unanimidade que a appellação interposta suspendia a excommunhão como entre outros doutores sustentavam Farinacio, Scacia, e o senador Themudo ; e pois continuava o Ouvidor no exercicio de sua jurisdicção, devendo aguardar-se a decisão superior, e representar-se a El-Rei sobre a necessidade de uma providencia que de futuro evitasse tão graves conflictos entre a authoridadé ecclesiastica e secular.

Neste sentido, diz o Dr. Balthasar da Silva Lisboa, escreveu-se ao prelado intimando que suspendesse a censura até determinação de Sua Magestade.

Assim terminou aquellá refrega do povo fluminense, cujo ultimo acto foi conduzir em triumpho à sua casa o cabeça do motim.

O velho e pacato Sebastião Ferreira Freire ia um tanto amarrotado das bolandas em que andara; porem satisfeito a mais não poder com a desforra que tomara do Prelado e sua gente.

---

## CAPITULO XXVIII

MAIS UM EXEMPLO DA INGRATIDÃO DAQUELLES A QUEM  
A POPULARIDADE ELEVA AO PINACULO DA GLORIA

Tres dias depois dos acontecimentos referidos, terminado o jantar espaciava o tabellião pela cerca, saboreando ainda a ovação que havia recebido, e pavoneando-se em sua importancia.

Ao passar junto de um arvoredó embastido, pareceu-lhe ouvir um sussurro de vozes, e espreitando por entre a folhagem descobriu sua filha Martha em requebros e galanteios com o Ivo.

O rapaz instava por aquella beijoca, a tanto tempo pedida e desde então negaceada pela sôsa da menina, que bem desejos tinha de a receber, mas faltava-lhe o animo de consentir. Coisas de namorados.

Cançado já de instancias, queixumes e arrufos, que tudo havia debalde empregado, usou o Ivo de espertesa. Disfarçando para apanhar Martha desprevenida, enlaçou-a de repente pela cin-

tura, e prendendo-lhe os braços, conchegou-lhe o talhe ao peito, para colher os labios vermelhos, que em vão tentavam fugir.

Já o beijo abria as azas arrulando sobre a mimosa boquinha; quando se interpoz como uma cabeça de meduza, o ruivo chinó do tabellião.

— Alto lá!... gritou o Sebastião Ferreira.

Confusos e tremulos, os dois namorados encolhiam-se como si esperassem esconder-se dentro em si ao sobr'olho crespo do pai irritado. Contemplou-os o Sebastião alguns instantes a gosar do seu enleio, e travando a cada um do braço, levou-os de roldão ao cartorio.

Ainda lá estava o escrevente juramentado, aproveitando a ultima restea de dia.

—Lavre-me uma escriptura de esponsaes, visto ser eu suspeito, e competir-lhe a substituição. Sem detença.

— Prompto! respondeu o escrevente com o livro aberto.

— Entre partes, 1º Outorgante Martha Sebastiana Ferreira Freire, por um lado, e pelo outro Ivo... Ivo... Ivo de que? perguntou ao engeitado attonito.

— Ivo das Ervas...

— Escreveu?

— Das Ervas ; disse o escrevente repetindo a deixa.

O tabellião deu tempo a fazer o cabeçalho da escriptura. Martha, morria-se de susto e vergonha, não atinando com o que vinha a ser aquella cerimonia. Tão peço não era o rapaz, que estremeçia, mas de commoção e jubilo.

— E pela 1ª Outorgante foi dito que de sua mui livre e expontanea vontade, sem a menor coação, e com o consentimento de seu pai e mãe, promete casar-se com o 2º Outorgante na fórmula do Sagrado Concilio Tridentino, levando-lhe em dote o direito de successão deste officio de tabellião e a quinta parte do que render o contado, em vida do actual serventuario, pai della outorgante. Mas declara que é isto sob a condicção de nunca mais trabalhar o dito 2º Outorgante como artifice de pincel, ou cousa que se pareça, deixando para todo o sempre o baixo mister da pintura, e occupando-se tão sómente do serviço do cartorio, o que ha de firmar sob juramento, e não o cumprindo, ficarão de nenhum effeito estes esponsaes.

— Mas... ia recalcitrando o Ivo.

— Si quizer é assim. Pintor é casta que me não entra cá na familia. Martha ha de casar-se com um escrevente, para que eu tenha successor.

O Ivo coçou a orelha.

— Mas podia Vossa Mercê esperar pelo neto, que lhe havemos de dar.

— Arranje-se vossê lá com elle ; eu cá preciso segurar-me, que já estou maduro.

Tinha o Ivo amor á seus pinceis e sonhava com a gloria ; mas os olhos pretos de Martha volviam para elle com um tão mavioso requembro.

— Decida ! tornou o tabellião.

— Aceito.

— E pelo 2º Outorgante foi dito que de sua parte acceitava e promettia sob juramento, *et cetera, et cetera*. Menina, chama tua mãe para assignar.

Em quanto o escrevente punha o fecho da escriptura, o Sebastião Ferreira fez o Ivo jurar sobre um missal a condicção a que ficava sujeito para obter a mão de Martha.

Concluida e cerimonia, voltou-se o tabellião para os dois noivos :

— Agora podem-se beijar, na conformidade da lei.

Mas esse beijo *ob veniam paternam*, e como sancção do contracto esponsalicio, era desenxabido e não tinha o samete daquelle que o velho tão desastradamente perturbára. O Ivo pousou ao de

leve os labios na fronte rubescente de Martha, promettendo-se mais tarde, naquella mesma noite talvez, roubar á boca faceira de sua amada, outro beijo mais saboroso.

O casamento dos noivos effectuou-se um anno depois. Já compenetrado da realidade da vida, o Ivo esquecera os seus pinceis, para tornar-se um escrevente de cartorio, ao gosto do futuro sogro, a quem devia succeder. Viveu feliz : e si alguma vez lhe perpassavam pela mente os sonhos de gloria, que haviam emballado sua juventude, era nuvem passageira.

A leal cidade de S. Sebastião perdera um artista, o primeiro talvez que nasceu em seu seio ; mas nem se apercebeu disso, como não se apercebe ainda hoje dos talentos que a sua indiferença vae mirrando, e cahem por ahi esmagados sob a pata do charlatanismo insolente.

FIM.



# ERRATA

---

PAG.	LINHA	ERRATA	EMENDA
IX	15	velho infolio	poento infolio
17	3	direito	direita
»	»	feito	feita
27	6	ella, só	ella só
31	14-15	morava	morara
33	16	comisura	commisura
39	2	infrestava	enfrestava
40	8	á prumo	á meio
44	12	Romana Freire	Romana Mencia
47	23	se	si
55	8-9	amaçar	anaçar
65	3-4	da Ajuda	do Aleixo
»	17	rubre	rubra
67	20	pão ouro	pão d'ouro
75	14	Esta se etc.	Esta não se etc.
91	2	nada	—
100	9	parecia	—
102	7	Sebastião Soares	Sebastião Ferreira
104	24	sem trabalho	—
107	11	carcomendo	carcomido
110	1	da mitra a	da mitra
117	17	nelle	nella
123	22	de justiça	da justiça
138	16	ditorno	dintorno
139	2	taboes	tabões
140	24	derregando	derrengando
143	3	filistrios	filostrias
148	23	Sacalão	sacalão
149	2	ropoltreou-se	repotreu-se
152	6	andava	andavam
157	1	A rua	Á rua
»	12	bombaixas	bombachas

PAG.	LINHA	ERRATA	EMENDA
158	5	escapar-lhe	oscaparem-lhe
»	11	Tornará	Tornara
161	16	de cuja sou	cuja sou
172	10	surrefa	surrelfa
175	1	<i>omniuumque</i>	<i>omniumque</i>
»	9	axecração	execração
185	3	onde esperava	onde os esperava
190	2	que appellidavam	que o appellidavam
195	22	o arrombamento	â arrombamento

---

# INDICE

---

<b>CAVACO.</b>	v
<b>CAP. I.</b> — Tres antigos luzeiros escapos a poeira dos tempos .	13
<b>CAP. II.</b> — A mais afiada lingua entre as famosas que então havia na leal cidade de S. Sebastião	25
<b>CAP. III.</b> — Um typo que já não se encontra hoje em dia.	31
<b>CAP. IV.</b> — Porque o Sebastião Freire não fechava mais os olhos para fazer o signal publico.	37
<b>CAP. V.</b> — Como se ajeitava um engeitado naquelle seculo pudico.	43
<b>CAP. VI.</b> — Desacato que commetteu o Ivo contra as reverendissimas ventas da companhia .	51
<b>CAP. VII.</b> — O caipora que foi causa de toda a embrulhada da excommunhão	57
<b>CAP. VIII.</b> — Sumiço que levou um cupido armado em guerra e estampado em pergaminho .	65
<b>CAP. IX.</b> — Prova-se a boa razão que teve Camões para entrelaçar a mythologia com o catholicismo.	73

CAP. X.— Do alvoroço que produziu um grillo na noite da novena . . .	81
CAP. XI.— No fim de contas ei-lo o rato dentro do queijo . . .	89
CAP. XII.— Do primeiro traslado que o Ivo tirou no cartorio . . .	97
CAP. XIII.— Uma edicção antiga do prelado moderno	107
CAP. XIV.— Onde se mostra que si os povos servem de instrumento, tambem os reis servem as vezes de pretexto . .	115
CAP. XV.— Utilidade que um namorado pode tirar dos rivaes e dos pintos . . .	121
CAP. XVI.— Perigo de metter uma franga no poleiro quando não se tem costume de lidar com a criação .	129
CAP. XVII.— Prognostico tirado por um tabellião da ascenção ou gravitação do nariz de seu escrevente . . .	137
CAP. XVIII.— Da pesca famosa que fez o Ivo nos bagres que lhe perseguiam a piabinha.	143
CAP. XIX.— Mostra-se a verdade de dois anexins « que o bocado não é para quem o fez; » e que « paga o justo pelo peccador »	149
CAP. XX.— Um beca do seculo XVII que não chega aos calcanhares dos modernos Themudos.	157
CAP. XXI.— Como se arranjava outr'ora um motim para desfastio do bom povo fluminense, em vez das insipidas luminarias que lhe dão agora . . .	165

CAP. XXII.— Uma cerimonia que já não se vê hoje em dia apesar de ainda haver procissões e mascaradas de igreja.	173
CAP. XXIII.— Onde se vê trabalhar a governança antiga e se reconhece que nesse mecanismo havia de mais um cilindro chamado povo que hoje não existe.	179
CAP. XXIV.— Processo pelo qual o Ivo inventou o que hoje se chama o homem da situação	185
CAP. XXV.— Um dos casos em que a authoridade obtempéra promptamente á vontade do povo e tira a sardinha com a mão do gato	191
CAP. XXVI.— Ainda uma vez se prova que o povo é em todos os tempos a mesma creança travessa, a quem se enganbella com um doce ou um boneco.	199
CAP. XXVII.— Onde se vê a importância juridica do medo na decisão dos casos mais intrincados do theologia.	205
CAP. XXVIII.— Mais um exemplo da ingratidão daquelles a quem a popularidade eleva ao pinnaculo	211
ERRATAS	217



## Obras que se acham á venda na mesma casa :

### J. M. de Macedo

O FORASTEIRO, romance. 3 v. in-8º enc. 7\$000, br....	5\$000
OS QUATRO PONTOS CARDEAES. — A MYSTERIOSA, romances. 1 v. in-8º enc. 3\$000, br.....	2\$500
UM NOIVO Á DUAS NOIVAS, romance. 3 v. in-8º br. 6\$, enc.	8\$000
A NAMORADEIRA, romance. 3 v. br. 6\$000, enc.....	8\$000
NINA, romance, 2 v. br. 4\$000, enc.....	5\$000
AS MULHERES DE MANTILHA, romance historico 2 v. br. enc.....	4\$000 5\$000
A LUNETTA MAGICA, romance. 2 v. in-8º br. 4\$000, enc.	5\$000
AS VICTIMAS ALGOZES, quadros da escravidão. 2 v. br. enc.....	5\$, 7\$000
A MORENINHA. 1 v. com estampas, enc.....	3\$000
A NEBULOSA. 1 v. enc.....	3\$500
CULTO DO DEVER. 1 v. enc.....	3\$000
MEMORIAS DE UM SOBRINHO DE MEU TIO. 2 v. enc..	5\$000
MOÇO LOURO. 2 v. enc.....	5\$000
OS DOUS AMORES. 2 v. enc.....	5\$000
ROMANCES DA SEMANA. 1 v. enc.....	3\$000
ROSA. 2 v. enc.....	5\$000
VICENTINA, 3ª edição. 3 v. br. 5\$000, enc.....	7\$000
THEATRO COMPLETO. 3 v. enc.....	9\$000
LUXO E VAIDADE, PRIMO DA CALIFORNIA, AMOR E PATRIA, comedias. 1 v. in-8º br.....	2\$000
LUSBELLA, comedia. 1 v. in-8º br.....	1\$500
FANTASMA BRANCO, comedia. 1 v. in-8º br.....	1\$500
NOVO OTHELLO, comedia. 1 v. in-8º br. ....	500
O PRIMO DA CALIFORNIA, comedia. 1 v. in-8º br....	1\$000

### J. M. Pereira da Silva

ASPASIA, romance. 1 v. in-8º enc. 3\$000, br.....	2\$000
MANOEL DE MORAES, chronica do Seculo XVII, romance historico. 1 vol. enc. 3\$000, br.....	2\$000
JERONYMO CORTE REAL, chronica do Seculo XVI, romance historico. 1 v. enc.....	3\$000

### J. Norberto de Souza e Silva

RÔMANCES E NOVELLAS. 1 v. br. 3\$000, enc.....	4\$000
BRAZILEIRAS CELEBRES. 1 v. in-8º enc.....	2\$000
FLORES ENTRE ESPINHOS. 1 v. in-8º enc.....	2\$000

### Machado de Assis

CONTOS FLUMINENSES, contendo: Miss Dollar, Luiz Soares, A mulher de preto, O segredo de Augusta, Confissões de uma viuva moça, Frei Simão, Linha recta e linha curva. 1. v. enc.....	3\$000
RESURREIÇÃO, romance. 1 v. in-8º br. 2\$000, enc... 3\$000	3\$000

### L. Guimarães Junior

HISTORIA PARA GENTE ALEGRE. 2 v. in-8º enc 5\$, br..	4\$000
CURVAS E ZIG-ZAGS. <i>Caprichos humoristicos</i> . 1 v. in-8º br. 2\$000, enc.....	3\$000
CONTOS SEM PRETENSÃO: A Alma do outro Mundo, o Ultimo Concerto, o Homem e o Cão. 1 v. in-8º enc. 3\$000, br.	2\$000
CARLOS GOMES, Perfil biographico. 1 v. in-4º br.....	1\$000
FLAGRANAS. 1 v. in-8º, enc 3\$000. br. ....	2\$000

### Moreira de Azevedo

MOSAICO BRAZILEIRO ou collecção de ditos, respostas, pensa- mentos, epigrammas, poesias, aneddotas, curiosidades e factos historicos de brasileiros illustres. 1 v. in-8º enc.....	3\$000
CRIMINOSOS CELEBRES: Episodios historicos. Pedro Hespanhol, Vasco de Moraes, Os Salteadores da Caqueirada. 1 v. in-8º enc. 3\$000, br.....	2\$000
OS FRANCEZES NO RIO DE JANEIRO, romance historico, 1 v. in-8º enc. 3\$000, br .....	2\$000

### C. Paulo de Kock

A NOIVA DE FONTENAY-DAS-ROSAS. 1 v. in-8º enc.	3\$000
br .....	2\$000
CAROTIN. 3 v. in-8º enc. 4\$500, br.....	3\$000
GALUCHO. 4 v. br. 4\$000, enc.....	6\$000
PAULO E SEU CÃO. 8º v. br.....	4\$000
FRIQUETTE. 2 v. in-12, enc. 3\$, br.....	2\$000

### Edmond About

O NARIZ DE UM TABELLIÃO. Versão do francez por A. Gallo. 1 v. in-12, enc. 1\$600, br.....	1\$000
--	--------

### A. Belot

A MULHER DE FOGO, 2 vol. in-12, enc. 3\$000, br....	2\$000
---	--------

### Sylvio Dinarte

A MOCIDADE DE TRAJANO, 2 v. enc. 6\$000, br.....	4\$000
--	--------

### A. Dumas filho

O HOMEM-MULHER, 1 v. in-12, enc. 1\$600, br.....	1\$000
--	--------

### Maria Desraismes

EVA CONTRA A. DUMAS FILHO. Refutação do Homem-Mulher, br. in-12.....	600
---	-----

### Joaquim<sup>s</sup> Nabuco

LE DROIT AU MEURTRE. Lettre à M. Ernest Renañ sur l'Hom- me-Femme. 1 v. in-8º br.....	1\$000
--	--------

**ALFARRABIOS**

## Obras á venda na mesma casa :

### J. M. de Macedo

O FORASTEIRO, romanc. 3 v. in-8º enc. 7\$000, br....	5\$000
OS QUATRO PONTOS CARDEAES. — A MYSTERIOSA, romances. 1 v. in-8º enc. 3\$000, br.....	2\$500
UM NOIVO Á DUAS NOIVAS, romance. 3 v. in-8º br. 6\$, enc.	8\$000
A NAMORADEIRA, romance. 3 v. br. 6\$000, enc.....	8\$000
NINA, romance, 2 v. br. 4\$000, enc.....	5\$000
AS MULHERES DE MANTILHA, romance historico 2 v. br.	4\$000
enc.....	5\$000
A LUNETA MAGICA, romance. 2 v. in-8º br. 4\$000, enc.	5\$000
AS VICTIMAS ALGOZES, quadros da escravidão. 2 v. br. 5\$, enc.....	7\$000
A MORENINHA. 1 v. com estampas, enc.....	3\$000
A NEBULOSA. 1 v. enc.....	3\$500
CULTO DO DEVER. 1 v. enc. ....	3\$000
MEMORIAS DE UM SOBRINHO DE MEU TIO. 2 v. enc..	5\$000
MOÇO LOURO. 2 v. enc.....	5\$000
OS DOUS AMORES. 2 v. enc.....	5\$000
ROMANÇES DA SEMANA. 1 v. enc.....	3\$000
ROSA. 2 v. enc.....	5\$000
VICENTINA, 3ª edição. 3 v. br. 5\$000, enc.....	7\$000
THEATRO COMPLETO. 3 v. enc.....	9\$000
LUXO E VAIDADE, PRIMO DA CALIFORNIA, AMOR E PATRIA, comedias. 1 v. in-8º br.....	2\$000
LUSBELLA, comedia. 1 v. in-8º br.....	1\$500
FANTASMA BRANCO, comedia. 1 v. in-8º br.....	1\$500
NOVO OTHELLO, comedia. 1 v. in-8º br.....	500
O PRIMO DA CALIFORNIA, comedia. 1 v. in-8º br....	1\$000

### J. M. Pereira da Silva

ASPASIA, romanc. 1 v. in-8º enc. 3\$000, br.....	2\$000
MANOEL DE MORAES, chronica do Seculo XVII, romance historico. 1 vol. enc. 3\$000, br.....	2\$000
JERONYMO CORTE REAL, chronica do Seculo XVI, romance historico. 1 v. enc.....	3\$000
HISTORIA DA FUNDAÇÃO DO IMPERIO BRAZILEIRO. 7 volumes encadernados.....	37\$000
OS VARÕES ILLUSTRES DO BRAZIL durante os tempos colo- niaes ; 3ª edição. 2 v. enc.....	8\$000

### J. Norberto de Souza e Silva

ROMANÇES E NOVELLAS. 1 v. br. 3\$000, enc.....	4\$000
BRAZILEIRAS CELEBRES. 1 v. in-8º enc.....	2\$000
FLORES ENTRE ESPINHOS. 1 v. in-8º enc.....	2\$000

J. DE ALENCAR

---

ALFARRABIOS

CRONICA DOS TEMPOS COLONIAES

---

II

O ERMITÃO DA GLORIA

---

III

A ALMA DO LAZARO

---

RIO DE JANEIRO

**B. L. GARNIER**

LIVREIRO - EDITOR DO INSTITUTO HISTORICO

69, Rua do Ouvidor, 69



## AO LEITOR

---

São de outro tom, os singelos contos que formam este segundo volume dos *Alfarrabios*.

Não convidam ao riso, que tão excellente especiaria é para um livro de entreter. Bem longe d'isso, talvez que espremam dos corações mais ternos e sentimentaes uns fios de lagrimas.

Caso assim aconteça, será com bem pezar meu, pois sinceramente acbo de mau gosto lembrar-se alguém de produzir choros d'artificio, á guisa de fogos de vista, quando não faltam motivos reaes de tristeza e afflicção.

Prometto porem desde já em expiação deste peccado litterario, que o terceiro volume dos *Alfarrabios* irá mais brincalhão do que o primeiro.

Rio de Janeiro maio de 1873.

J. de ALENCAR.



# O ERMITÃO DA GLORIA

LENDA

---

I

AO CORSO

Cahia a tarde.

A borrasca tangida, pelo nordeste, desdobrava sobre o oceano o manto bronzeado.

Com a sombra que projectavam os negros castellos de nuvens, carregava-se o torvo aspecto da costa.

As ilhas que bordam esse vasto seio de mar, entre a Ponta dos Buzios e Cabo Frio, confundiam-se com a terra firme, e pareciam apenas saliencias dos rochedos.

Nas aguas da ilha dos Papagaios balouçava-se um barco de borda rasa e um só mastro, tão

cosido á terra, que o olhar do mais pratico marinheiro não o distinguiria a meia milha de distancia entre as fraguras do penedo e o farilhão dos abrolhos.

Pelas amuradas e convez do barco viam-se recostados ou estendidos de bruços, cerca de dez marujos, que passavam o tempo a galhofar, molhando a palavra em um garrafão de bôa cachaça de S. Gonçalo, cada um quando chegava a sua vez.

No tilhá sobre alva esteira de côco estava sentada uma linda morena, de olhos e cabellos negros, com uma boca cheia de sorrisos e feitiços.

Tinha ao collo a bella cabeça de um rapaz, deitado sobre a esteira, n'uma posição indolente, e com os olhos cerrados, como adormecido.

De momento a momento, a rapariga debruçava-se para pousar um beijo em cheio nos labios do moço, que entreabria as palpebras e recebia a caricia com um modo, que revelava quanto já se tinha saciado na ternura da meiga cachopa.

— Accorde, preguiçoso! dizia esta galanteando.

— Teus beijos embriagam, amor! Não o sabias? respondeu o moço fechando os olhos.

Nesse instante um homem, que descera a abrupta encosta do rochedo com extrema agilidade,

atirou-se á ponta da verga, e travando de uma dritça deixou-se escorregar até o convez.

O desconhecido, que assim chegava de modo tão singular, era já bem entrado em annos, pois tinha a cabeça branca e o rosto cosido de rugas; mas conservára a elasticidade e nervo da idade viril.

Com a arfagem que o movimento do velho imprimiu ao navio, sobresaltou-se toda a maruja; e o moço que estava deitado na esteira, ergueu-se de golpe, como si o tocára occulta mela.

Nesse mancebo resolutó, de nobre e altivo parecer, que volvia em torno um olhar sobranceiro, ninguem por certo reconheceria o indolente rapaz que dormitava pouco antes no collo de uma mulher.

Na postura do moço não havia a menor sombra de temor, nem de surpresa; mas sômente a investigação rapida, e o arrojo de uma natureza ardente, prompta a affrontar o perigo em toda a occasião.

Do primeiro lanço viu o velho que para elle caminhava:

— Então, Bruno?

— Ahi os temos, senhor Ayres de Lucena; é só fagar-lhes os arpéos. Uma escuna de truz!

— Uma escuna !... Bravo, homem ! E diz-me cá, são flamengos ou inglezes.

— Pelo geito, tenho que são os malditos francezes.

— Melhor ; os francezes passam por bravos, entre os mais, e cavalheiros ! A termos de acabar, mais vale que seja a mãos honradas, meu velho.

A esse tempo já a maruja toda a postos esperava as ordens do capitão para manobrar.

Ayres voltou-se para a rapariga :

— Adeus, amor ; talvez nunca mais nos avistemos neste mundo. Fica certa porém que levo comigo duas horas de felicidade bebidas em teus olhos.

Cingindo o talhe da rapariga debulhada em lagrimas, deu-lhe um beijo, e despediu-a atando-lhe ao braço uma fina cadeia de ouro, sua derradeira joia.

Instantes depois, uma canoinha de pescador afastava-se rapidamente em demanda da terra, impellida a remo pela rapariga.

De pé, no portaló, Ayres de Lucena, fazendo á maruja um gesto imperioso, commandou a manobra.

Repetidas as vozes do commando pelo velho Bruno, collocado no castello de prôa, e executada

a manobra, as vellas desdobraram-se pelo mastro e vergas, e o barco singrou veloz por entre os parceis.



## II

## ULTIMO PAREO

No anno de 1608 em que se passam estas scenas, a cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, tinha apenas trinta e tres annos de existencia.

Devia de ser pois uma pequena cidade, decorada com esse pomposo nome desde o primeiro dia de sua fundacção, por uma traça politica de Estacio de Sá, neste ponto imitado pelos governadores do Estado do Brazil.

Aos sagazes politicos pareceu da maior conveniencia semear de cidades, e não de villas, e menos de aldeas, o mappa de um vasto continente despovoado, que figurava como um dos tres Estados da corôa de Sua Magestade Fidelissima.

Com esse plano não é de admirar que um renque de palhoças ás faldas do Pão de Assucar se chamasse desde logo cidade de S. Sebastião, e

fosse dotada com toda a governança devida a essa jerarchia.

Em 1608 ainda a cidade se encolhia na crista e abas do Castello ; mas quem avaliasse da sua importancia pela estreitesa da aria occupada, não andaria bem avisado.

Estas cidades coloniaes, improvisadas em um momento, com uma população adventicia, e alimentadas pela metropole no interesse da defesa das terras conquistadas, tinham uma vida toda artificial.

Assim apezar de seus trinta e tres annos, que são puericia para uma villa, quanto mais para uma cidade, já ostentava o Rio de Janeiro o luxo e os vicios que sómente se encontram nas velhas cidades, cortezãs eméritas.

Eram numerosas as casas de tavolagem ; e nelas, como hoje em dia nos alcáçares, tripudiava a mocidade perdularia, que esbanjava o patrimonio da familia ao correr dos dados, ou com festas e banquetes a que presidia a deosa de Cithera.

Entre essa mocidade estouvada, primava pelas extravagancias, como pela galhardia de cavalheiro, um mancebo de dezoito annos, Ayres de Lucena.

Filho de um sargento-mór de batalha, de quem

herdára dois annos antes abastados haverés, se atirára á vida de dissipação, dando de mão á profissão de marítimo, a que o destinára o pai e o adestrára desde criança em sua fragata.

os dous annos decorridos foi Ayres o heróe de todas as aventuras da cidade de S. Sebastião.

Ao jogo os maiores pareos eram sempre os seus; e ganhava-os ou perdia-os com igual serenidade, para não dizer indifferença.

Amores, ninguem os tinha mais arrojados, mais ardentes, e tambem mais voluveis e inconstantes; dizia-se delle que não amava a mesma mulher tres dias seguidos, embora viesse no decurso de muito tempo a ama-la aquelle numero de vezes.

Ao cabo dos dous annos achava-se o cavalheiro arruinado, na bolsa e na alma; tinha-as ambas vazias; estava pobre e gasto.

Uma noite mettu na algibeira um punhado de joias e pedrarias que lhe restavam de melhores tempos; e foi-se á casa de um usurario. Apenas escapou a cadeia de ouro, que tinha ao pescoço e de que não se apercebeu.

Com o dinheiro que obteve do judeu se dirigiu á tavolagem resolvido a decidir de seu destino. Ou ganharia para refazer a perda abastança, ou

empenharia na ultima cartada os destroços de um patrimonio e uma vida mal barateados.

Perdeu.

Toda a noite passára-a na febre do jogo ; ao arraiar da alvorada, sahiu da espelunca e caminhando á toa foi ter a Ribeira do Carmo.

Levava-o ali o desejo de beber a fresca viração do mar, e tambem a vaga esperança de encontrar um meio de acabar com a existencia.

Naquelle tempo não se usavam os estupidos suicidios que estão hoje em voga : ninguem se matava com morphina ou massa de phosphoro, nem descarregava em si um revólver.

Puxava-se um desafio ou entrava-se em alguma empreza arriscada, com o firme proposito de dar cabo de si ; e morria-se combatendo como era timbre de cavalheiro.

---

## III

## A BALANDRA

Embora expulsos das terras da Guanabara, e destruída a nascente colônia, não desistiram os francezes do intento de se assenhorearem de novo da magnífica bahia, onde outr'ora campeára o forte Coligny.

Esperando azo de tentar a empreza, continuavam no trafego do páu-brazil, que vinham carregar em Cabo-Frio, onde o trocavam com os indios por avellorios, utensis de ferro e mantas listradas.

Havia naquella paragem uma especie de feitoria dos francezes, que facilitava esse contrabando, e mantinha a antiga alliança dos tamoios com os guaraciabas, ou guerreiros de cabellos do sol.

A metropole, incommodava-se com a audacia desses corsarios, que chegaram algumas vezes a

penetrar pela bahia a dentro e bombardear o coração da cidade.

Bem longe porém de prover de um modo efficaz á deffensão de suas colonias, tinha por systema deixar-lhes esse encargo, apesar de estar constantemente a sugar-lhe o melhor da seiva em subsidios e fintas de toda a casta.

Baldos de meios para expurgarem a costa da cafla de piratas, os governadores do Rio de Janeiro, de tempos em tempos, quando crescia a audacia dos pichelingues a ponto de ameaçarem os estabelecimentos portuguezes, arranjavam com os minguados recursos da terra alguma expedição, que sahia a desalojar os francezes.

Mas estes voltavam, trazidos pela cubiça, e apoz elles os flamengos e os inglezes, que tambem queriam seu quinhão ; e o tomavam sem a menor cerimonia, arrebatando a presa ao que não tinha forças para disputa-la.

Felizmente a necessidade da deffeza e o incentivo do ganho tinham despertado tambem o genio aventureiro dos colonos. Muitos maritimos armaram-se para o corso, e empregaram-se por conta propria no cruzeiro da costa.

Fazendo presa nos navios estrangeiros, sobretudo quando tornavam para Europa, os corsarios

portuguezes lucravam não sómente a carregação de páu-brazil, que vendiam no Rio de Janeiro ou Bahia ; mas além disso vingavam os brios luzitanos, adquirindo renome pelas façanhas que obravam.

Precisamente ao tempo desta chronica, andavam os mares do Rio de Janeiro muito infestados pelos piratas ; e havia na ribeira de S. Sebastião a maior actividade em se armarem navios para o corso, e municiares os que já estavam nesse mister.

Uma lembrança vaga desta circumstancia fluctuava no espirito de Ayres, embotado pela noite de insomnia.

Affagava-o a esperança de achar algum navio a sahir mar em fóra contra os piratas ; e estava resolvido a embarcar-se nelle para morrer dignamente, como filho que era de um sargento-mór de batalha.

Ao chegar á praia, avistou o cavalleiro um batel que ia atracar. Vinha dentro além do marinho que remava, um mancebo derreado á popa, com a cabeça cahida ao peito em uma postura que revelava desanimo. Teria elle vinte dois annos, e era de nobre parecer.

Logo que abordou em terra o batel, ergueu-se

rijo o mancebo e saltou na praia, affastando-se rapido e tão abstracto que abalroaria com Ayres, si este não se desviasse prompto.

Vendo que o outro passava sem aperceber-se d'elle, Ayres bateu-lhe no hombro :

— D'onde vindes á esta hora, e tão pezaroso, Duarte de Moraes ?

— Ayres !... disse o outro reconhecendo o amigo.

— Eu vos contava entre os felizes ; mas vejo que tambem a ventura tem suas nevoas.

— E suas noites. A minha creio que de todo es-cureceu.

— Que fallas são estas, homem, que vos desco-nheço.

Travou Duarte do braço de Ayres, e voltando-se para a praia mostrou-lhe um barco fundeado perto da Ilha das Cobras.

— Vêdes aquelle barco ? Ha tres dias que ainda era uma formosa balandra. Nella empreguei todo meu haver para tentar a fortuna do mar. Eis o estado a que a reduziram os temporaes e os pira-tas ; é uma carcassa, nada mais.

Ayres examinava com attenção a balandra, que estava em grande deterioração. Faltava-lhe o

pavez de ré e ao longo dos bordos appareciam largos rombos.

— Esmoreceis com o primeiro revez !

— Que posso eu ? D'onde tirar o cabedal para os reparos ? E devia eu tentar nova empresa, quando a primeira tão mal surtiu-me ?

— Que contaes então fazer do barco ? Vende-lo sem duvida ?

— Só para lenha o comprariam no estado em que ficou. Nem vale a pena de pensar nisso ; deixa-lo apodrecer ahi, que não tardará muito.

— Neste caso tomo emprestada a balandra, e vou eu á aventura.

— Naquelle casco aberto ? Mas é uma temeridade, Ayres !

— Ide-vos á casa socegar vossa mulher que deve estar afflicta ; o resto me pertence. Levai este abraço ; talvez não tenha tempo de dar-vos outro cá neste mundo.

Antes que Duarte o podesse reter, saltou Ayres no batel, que singrou para a balandra.



## IV

## A CANOA

Saltando a bordo, foi Ayres recebido ao portaló pela maruja um tanto surpresa da visita.

— D'ora ávante quem manda aqui sou eu, rapazes; e desde já ós aviso, que esta mesma tarde, em soprando a viração, fazemo-nos ao largo.

— Com o barco da maneira que está? observou o gageiro.

Os outros resmungaram approvando.

— Esperem lá que ainda não acabei. Esta tarde pois, como dizia, conto ir mar em fóra ao encontro do primeiro pic'helingue que passar-me por d'avante. O negocio ha de estar quente, prometto-lhes.

— Isso era muito bom, si tivesse a gente navio; mas n'uma capoeira de gallinhas como esta?...

— Ah! não temos navio?... Com a breca! Pois vamos procura-lo onde se elles tomam!

Entreolhou-se a maruja, um tanto embasbacada daquelle desplante.

— Ora bem! continuou Ayres. Agora que já sabem o que tem de fazer, cada um que tome o partido que mais lhe approuver. Si lhe não tôa a dança, pôde-se ir a terra, e deixar o posto a outro mais decidido. Eia, rapazes, ávante os que me seguem; o resto toca a safar e sem mais detença, si não mando carga ao mar.

Sem a mais leve sombra de hesitação, d'um só e mesmo impulso magnanimo, os rudes marujos deram um passo á frente, com o ar destemido e marcial com que marchariam á abordagem.

— Bravo, rapazes! Podeis contar que os peche-lingues levarão desta feita uma famosa lição. Convido-vos a todos para bebermos á nossa victoria, antes da terceira noite, na taberna do Simão Chanfana.

— Viva o capitão!...

— Si lá não nos acharmos nessa noite, é que então estamos livres de uma vez desta praga de viver!...

— E mesmo! É uma canceira! acrescentou um marujo philosopho.

Passou Ayres a examinar as avarias da barlanda, e embora a achasse bastante deteriorada,

comtudo não demoveu-se por isso de seu proposito. Tratou logo dos reparos, distribuindo a maruja pelos diversos misteres; e tão promptas e acertadas foram suas providências, que poucas horas depois os rombos estavam tapados, o apparelho concertado, os outros estragos atamancados, e o navio em estado de navegar por alguns dias.

Era quanto d'elle exigia Ayres, que o resto confiava á sorte.

Quando levanton-se a viração da tarde, a bandra cobriu-se com todo o panno e singrou barra fóra.

Era meio dia; e os sinos das torres repicavam alegremente. Lembrou-se Ayres que estava a 14 de Agosto, vespera da Assumpção de Nossa Senhora, e encommendou-se á Virgem Santissima.

Deste mundo não esperava elle mais cousa alguma para si, além de uma morte gloriosa, que legasse um triumpho á sua patria. Mas o amigo de infancia, Duarte de Moraes, estava arruinado, e elle queria restituir-lhe o patrimonio, deixando-lhe em troca do chaveco desmantellado um bom navio.

Ha momentos em que o espirito mais indifferente é repassado pela gravidade das circumstancias. Collocado já no limiar da eternidade, olhando

o mundo como uma terra a submergir-se no oceano pela popa de seu navio; Ayres absorveu-se naquella scisma religiosa, que balbuciava uma prece, no meio da contricção da alma, crivada pelo pecado.

Uma vez chegou o mancebo a esclavinhar as mãos, e as ia erguendo no fervor de uma supplica; mas deu cobro de si, e disfarçou com enleio, receioso de que o tivesse percebido a maruja naquella attitude.

Dobrando o Pão d'Assucar, com a prôa para o norte, e o vento á bolina, sulcou a balandra ao longo da praia de Copacabana e Gavia. Conhecia Ayres perfeitamente toda aquella costa com seus recantos, por te-la frequentemente percorrido no navio de seu pai, durante o cruzeiro que este fazia aos picheliques.

Escolheu posição strategica, em uma aba da ilha dos Papagaios onde o encontrámos; e collocou o velho gageiro Bruno de atalaia no pincaro de um rochedo, para lhe dar aviso do primeiro navio que apparecesse.

Si o arrojado mancebo tinha desde o primeiro instante arrebatado a maruja pela sua intrepidez; a prestesa e tino com que provêra aos reparos da balandra, a segurança de sua monobra por entre

os parceiros, e a sagacidade da posição que tomára, haviam inspirado a confiança absoluta, que torna a tripolação um instrumento cego e quasi meca-nico na mão do commandante.

Em quanto esperava, Ayres vira do tombadilho passar uma canoinha de pescador, dirigida por uma formosa rapariga.

— Para aprender o meu novo officio de corsario vou dar caça á canôa ! exclamou o mancebo a rir. Olá, rapazes !

Esaltou no batel, acompanhado por quatro marujos que a um aceno esticaram os remos.

— Com certesa é espia dos calvinistas ! Fôrça, rapazes ; carecemos de agarrar-la a todo o transe.

Facilmente foi a canôa alcançada, e trazida a bordo a rapariga, que ainda tremula de medo, todavia já despregava dos labios no meio dos requebros vergonhosos um sorriso brejeiro.

Vira ella e ouvira os chupões que lhe atirava á surrelfa a boca de Ayres apinhada á feição de beijo.

— Toca a deslançar, rapazes, e a refrescar. Eu cá vou tripular esta presa, em quanto não captu-ramos a outra.

Isto disse-o Ayres a rir ; e os marujos lhe res-ponderam no mesmo tom.



## V

## O COMBATE

Desabava a tempestade, que desde o transmontar do sol, estava imminente sobre a costa.

Passaram algumas lufadas rijas e ardentes ; eram as primeiras baforadas da procella. Pouco depois cahiu a refega impetuosa e cavou o mar, levantando enormes vagalhões.

Ayres até ali bordejava com o estais e a bujarrona, entre as ilhas dos Papagaios e a do Breu, mascarando a balandra de modo a não ser vista da escuna, que passava ao largo com as gaveas nos rinzes.

Ao cahir da refega porém, mandou Ayres soltar todo o panno, e metter a prôa direita sobre o corsario.

— Cheguem á falla, rapazes ; gritou o commandante.

Cercaram-n'o sem demora os marujos.

— Vamos sobre a escuna com a borrasca, des-arvorados por ella, traquete rôto e o mais panno a açoutar o mastro. Percebeis?

— Si está claro como o sol!

— Olhai os harpeos, que não nos escape das garras o inimigo. Quanto ás armas, aproveitai este aviso de um homem que elle só a dormir entendia mais do officio, que todos os maritimos do mundo e bem accordados. Para a abordagem não ha como a machadinha; apunhada por um homem destemido, não é arma, senão braço e mão de ferro, que decepa quanto se lhe oppõe. Não se carece de mais; um cabide d'armas servirá para a deffeza, mas para o ataque, não.

Proferidas estas palavras, tomou Ayres a machadinha que lhe fôra buscar um grumete e passou-a na cinta sobre a ilharga.

— Alerta, rapazes, que estamos com elles.

Nesse momento com effeito a balandra acabando de dobrar a ponta da ilha estava no horizonte da escuna e podia ser avistada a cada instante. Á advertencia do commandante, os marujos dispersaram-se pelo navio, correndo uns ás vergas, outros ás enxarcias e escôtas de mezena e traquete.

No portaló Ayres commandava uma manobra,

que os marinheiros de sobreaviso executavam ás avessas ; de modo que em poucos momentos farapos de vella estortegavam como serpentes em furia, enroscando-se ao mastro ; levantava-se de bordo medonha celeuma ; e a balandra corria em arvore secca arrebatada pela tempestade.

Da escuna, que singrava airosamente, capeando á refega, viram os francezes de repente cahir-lhes sobre como um turbilhão, o barco desarvoadado, e orçaram para evitar o abalroamento. Mas de seu lado a balandra carregára, de modo que foi inevitavel o choque.

Antes que os francezes se recobrassem do abalo produzido pelo embate, arremessavam-se no tombadilho da escuna, doze demonios que abateram quanto se interpunha a sua passagem. Assim varreram o convez de prôa á popa.

Só ahi encontraram seria resistencia. Um mancoço, que pelo traje e especto nobre, inculcava ser o commandante da escuna, acabava de subir ao convez, e precipitava-se contra os assaltantes, seguido por alguns marinheiros que se haviam refugiado naquelle ponto.

Mal avistou o reforço, Ayres que debalde buscára com os olhos o commandante francez,

presentiu-o na figura do mancebo, e arrojou-se ávante, abrindo caminho com a machadinha.

Foi terrível e encarniçada a lucta. Eram para se medirem os dois adversarios, na coragem, como na destreza. Mas Ayres tinha por si a embriaguez do triumpho que obra prodigiós, emquanto o francez sentia apagar-se a estrella de sua ventura, e já não combatia sinão pela honra e pela vingança.

Recuando ante os golpes da machadinha de Ayres, que relampeava como uma chuva de raios, o commandante da escuna, acossado na borda atirou-se da pôpa abaixo, mas ainda no ar o alcançára o golpe que lhe decepou o braço direito.

Um grito de desespero estrugiu pelos ares. Soltára-o aquella mulher que lá se arroja para a pôpa do navio, com os cabellos desgrenhados, e uma linda criança constringida ao seio n'um impeto de afflicção.

Ayres recuou tocado de compaixão e respeito.

Ella, que chegára á borda do pavez de ré precisamente quando o mar rasgava os abysmos para submergir o esposo, tomou um impulso para arrojarse apoz. Mas o pranto da filha a retrahiu desse primeiro assomo.

Voltou-se para o navio, e viu Ayres a con-

templa-la mudo e sombrio ; estendeu para elle a criança, e depondo-lh'a nos braços, desapareceu, tragada pelas ondas.

Os destroços da tripolação da escuna aproveitavam-se da occasião para atacar á traição Ayres, que elles suppunham desprecatado ; porém o mancebo, apezar de commovido, percebeu-lhes o intento, e cingindo a criança ao peito com o braço esquerdo, marchou contra os corsarios, que buscaram nas vagas, como seu commandante, a ultima e fallaz esperanza de salvação.

---



## VI

## A ORPHÃ

No dia seguinte, com a viração da manhã, entrava galhardamente a barra do Rio de Janeiro, uma linda escuna, que rasava as ondas como uma gaiivota.

Não fôra sem rasão que o armador francez ao lançar do estaleiro aquelle casco bem talhado, com o nome de *Mouette*, lhe pozera na pópa a figura do alcyon dos mares, desfraldando as azas.

Á pópa, na driça da mesena, tremulavam as quinas portuguezas sobre a bandeira franceza arreiada a meio e cosida como um tropheu.

No seu posto de commando, Ayres embora attento á manobra, não podia de todo arrancar-se aos pensamentos que de tropel lhe invadiam o espirito, e o disputavam com irresistivel tyrannia.

Fizera o mancebo uma presa soberba. Além do

carregamento de páu brazil com que sempre contára, e de um excellente navio mui velleiro e de solida construcção, achára a bordo da escuna avultado cabedal em ouro, quinhão que ao capitão francez coubera na presa de um galeão hespanhol procedente do Mexico, e tomado em caminho por tres corsarios.

Achava-se pois Ayres de Lucena outra vez rico, e por ventura mais do que o fôra; deduzida a parte de cada marujo, e o preço da balandra, ainda lhe ficavam uns cincoenta mil cruzados, com os quaes podia continuar por muito tempo a existencia dissipada que levára até então.

Com a riqueza, voltara-lhe o prazer de viver. Naquelle momento respirava com delicia a frescura da manhã, e seu olhar affagava amorosamente a pequena cidade, derramada pelas encostas e faldas do Castello.

Apenas fundeou a escuna, largou Ayres de bordo, e ganhando a ribeira dirigiu-se a casa de Duarte de Moraes.

Encontrou-o a elle e a mulher á meza do almoço; alguma tristeza que havia nessa refeição de familia, a chegada de Ayres a dissipou como por encanto. Era tal a effusão de seu nobre

semblante, que do primeiro olhar derramou um doce contentamento nas duas almas desconsoladas.

— Boas novas, Duarte !

— Não carecia que fallasseis, Ayres, pois já no-lo tinha dito vosso rosto prasenteiro. Não é, Ursula ?

— Pois não fôra ?... O senhor Ayres vem que é uma paschoa florida.

— E não lhe pareça, que foram paschoas para todos nós.

Referiu o mancebo em termos rapidos e succintos o que havia feito nos dois ultimos dias.

— Aqui está o preço da balandra e vosso quinhão da presa como dono : concluiu Ayres deitando sobre a mesa duas bolsas cheias de ouro.

— Mas isto vos pertence, pois é o premio de vosso denodo. Eu nada arrisquei sinão algumas taboas velhas, que não valiam uma onça.

— Valiam mil, e a prova é que sem as taboas velhas, continuarieis a ser um pobretão, e eu teria a esta hora acabado com o meu fadario ; pois já vos disse uma vez : a ampulheta de minha vida é uma bolsa, com a derradeira moeda cahirá o ultimo grão de areia.

— Porque vos habituastes á riqueza ; mas a mim a pobreza, apezar de sua feia catadura, não me assusta.

— Assusta-me a mim, Duarte de Moraes, que não sei que ha de ser de nós quando se acabar o resto das economias ! acudiu Ursula.

— Bem vêdes, amigo, que não deveis sujeitar á privações a companheira de vossa vida, por um escrupulo que me offende. Não quereis reconhecer que esta somma vos é devida, nem me concedeis o direito de obsequiar-vos com ella ; pois sou eu quem vos quero dever.

— Á mim, Ayres !

— Faltou-me referir uma circumstancia do combate. A mulher do corsario francez arrojou-se ao mar, apoz o marido, deixando-me nos braços sua filhinha de collo. Roubei a essa innocente criança pai e mãe ; quero reparar a orphandade a que voluntariamente a condemnei. Si eu não fosse o estragado e perdido que sou, lhe daria meu nome e a minha ternura !... Mas para um dia corar da vergonha de semelhante pai !... Não ! Não pode ser !...

— Não exagereis vossos peccados, Ayres ; foram os ardores da juventude. Aposto eu que já vão arrefecendo, e quando essa criança tornar-se moça, tambem estareis de todo emendado ! Não pensás como eu, Ursula ?

— Eu sei !... Na duvida não me fiava ; acudiu a linda carioca .

— O pai que eu destino a essa criança sois vós, Duarte de Moraes, e vossa mulher lhe servirá de mãe. Ella deve ignorar sempre que teve outros, e que fui eu quem lh'os roubei. Aceitem pois esta menina, e com ella a fortuna que lhe pertencia. Tereis animo de recusar-me este serviço, de que preciso para repouso de minha vida ?

— Disponde de nós, Ayres, e desta casa.

A um apito de Ayres, appareceu o velho Bruno, carregando nos braços como ama secca, a filha do corsario. Era um lindo anjinho louro, de cabellos anelados como os vellos do cordeiro, com os olhos azues e tão grandes, que lhe enchiam o rosto mimoso.

— Oh ! que seraphim ! exclamou Ursula tomando a criança das mãos rudes e callosas do gaigeiro, e cobrindo-a de caricia.

Nessa mesma noite o velho Bruno por ordem do capitão regalava a maruja na taberna do Simão Chanfana, ao beco da Fidalga.

Ayres ahi appareceu um momento para trincar uma saude com os rapazes.

---



## VII

## O BAPTISMO

Domingo seguinte a bordo da escuna tudo era festa.

No rico altar armado á popa com os mais custosos brocados, via-se a figura de Nossa Senhora da Gloria, obra de um entalhador de S. Sebastião que a esculpira em madeira.

Embora fosse tosco o trabalho, sahira o vulto da Virgem com um aspecto nobre, sobretudo depois que o artifice tinha feito a encarnação e pintura da imagem.

Em frente ao altar achavam-se Ayres de Lucena, Duarte de Moraes e a mulher, além dos convidados da funcção. Ursula tinha nos braços, envolta em alva toalha de crivo, a linda criancinha loura, que adoptára por filha.

Mais longe, a maruja commovida com a cerimonia, fazia alas, esperando que o padre se paramentasse. Este não se demorou, com pouco appareceu no convez e subiu ao altar.

Começou então a cerimonia do benzimento da Virgem, que prolongou-se conforme o ceremonial da igreja. Terminado o acto, todos até o ultimo dos grumetes foram por sua vez beijar os pés da Virgem.

Em seguida se passou ao baptismo da filha adoptiva de Duarte de Moraes. Foi madrinha Nossa Senhora da Gloria, de quem recebeu a menina o nome que trouxe, pela razão de a ter Ayres salvado no dia daquella invocação.

Esta razão porém calou-se; pois a criança foi baptisada como filha de Duarte de Moraes e Ursula; e a explicação do nome deu-se com ter ella escapado de grave doença no dia 15 de Agosto. Por igual devoção tomou-se a mesma Virgem Santissima para padroeira da escuna, pois á sua divina e milagrosa intercessão se devia a victoria sobre os hereges e a captura do navio.

Depois da benção e baptismo da escuna, acompanharam todos em procissão o sacerdote que de imagem alçada dirigiu-se á prôa onde tinham de antemão preparado um nicho.

Por volta do meio dia, terminou a cerimonia, e a linda escuna desfraldando as vellas bordejou pela bahia em signal de regosijo pelo seu baptismo, e veio deitar o ferro em uma sombria e formosa enseiada que havia na praia do Catette, ainda naquelle tempo coberta da floresta que deu nome ao lugar.

Essa praia tinha dois outeiros que lhe serviam como de atalaias, um olhando para a barra, o outro para a cidade. Era ao sopé deste ultimo que ficava a abra, onde fundeou a escuna *Maria da Gloria*, á sombra das grandes arvores e do outeiro, que mais tarde devia tomar-lhe o nome.

Ahi serviu-se lauto banquete aos convivas, e levantaram-se muitos brindes ao heróe da festa, Ayres de Lucena, o intrepido corsario, cujos rasgos de valor eram celebrados com um enthusiasmo sincero, mas de certo afervorado pelas iguarias que trascalavam.

É sempre assim ; a gula foi e hade ser para certos homens a mais fecunda e inspirada de todas as musas conhecidas.

Ao toque de trindade, cuidou Ayres de voltar á cidade, para desembarcar os convidados ; mas com pasmo do commandante e de toda a maruja não houve meio de safar a anchora do fundo.

Certos sujeitos mais desabusados asseguravam que sendo a praia coberta de arvores, na raiz de alguma fagara a anchora, e assim explicavam o accidente. O geral, porém, vendo nisso um milagre, o referiam mais ou menos por este theor.

Segundo a tradicção, Nossa Senhora da Gloria agastada por terem-n'a escolhido para padroeira de um navio corsario, tomado aos hereges, durante o banquete abandonára o seu nicho da prôa e se refugiára no cimo do outeiro, onde á noite se via brilhar o seu resplendor por entre as arvores.

Sabendo o que, Ayres de Lucena botou-se para a praia e foi subindo a encosta do morro em demanda da luz, que lhe parecia uma estrella. Chegado ao tope, avistou a imagem da Senhora da Gloria, em cima de um grande seixo, e ajoelhado defronte um ermitão á resar.

— Quem te deu, barbudo, o atrevimento de roubares a padroeira de meu navio; gritou Ayres irado.

Ergueu-se o ermitão com brandura e placidez.

— Foi a Senhora da Gloria quem mandou-me que a livrasse da fabrica dos hereges e a trouxesse aqui onde quer ter sua ermida.

— Ha de te-la e bem rica, mas depois de servir de padroeira á minha escuna.

Palavras não eram ditas, que a imagem abalou do seixo onde estava e foi sem tocar o chão descendo pela encosta da montanha. De bordo viram o resplendor brilhando por entre o arvoredado, até que chegado á pràia deslisou rapidamente pela flor das ondas em demanda da prôa do navio.

Eis o que ainda no seculo passado, quando se edificou a actual ermida de Nossa Senhora da Gloria, contavam os velhos devotos, coevos de Ayres de Lucena. Todavia não faltavam incredulos que mettessem o caso á bulha.

A cre-los, o ermitão não passava de um matreiro beato, que se aproveitára da confusão do banquete para furtar a imagem do nicho, e leva-la ao cimo do outeiro, onde não tardaria a inventar uma rotagem, para specular com a devoção da Virgem.

Quanto ao resplendor era em linguagem vulgar um archote que o espertalhão levára de bordo, e que servira a Ayres de Lucena para voltar ao navio conduzindo a imagem.

---



## VIII

## A VOLTA

Dezaseis annos tinham decorrido.

Era sobre tarde.

Grande ajuntamento havia na esplanada do largo de S. Sebastião, ao alto do Castello para vêr entrar a escuna *Maria da Gloria*.

Os pescadores tinham annuciado a proxima chegada do navio, que bordejava fóra da barra á espera de vento, e o povo concorria para saudar o valente corsario cujas sortidas ao mar eram sempre assignaladas por façanhas admiraveis.

Nunca elle tornava do cruzeiro, sem trazer uma presa, quando não eram tres, como nessa tarde em que estamos.

Tornára-se Ayres com a experiencia um consumado navegante, e o mais bravo e temivel capitão de mar, entre quantos sulcavam os dois

oceanos. Era de recursos inexgotaveis; tinha ardis para lograr o mais esperto maritimo; e com o engenho e intrepidez multiplicava as forças de seu navio a ponto de animar-se a combater nãos ou fragatas, e de resistir ás esquadras de pichelingués que se juntavam para dar cabo delle.

Todas estas gentilezas, a maruja bem como a gente do povo, as lançava á conta da protecção da Virgem Santissima, acreditando que a escuna era invencivel, emquanto sua divina padroeira a não desamparasse.

Ayres tinha continuado na mesma vida dissipada; com a differença que a sua façanha da tomada da escuna, lhe inculcava o gosto pelas empresas arriscadas, que vinham assim distrahi-lo da monotonia da cidade, além de lhe fornecer o ouro que elle semeava a mãos cheias por seu caminho.

Em sentindo-se aborrido dos prazeres tão gozados, ou escasseando-lhe a moeda na bolsa, fazia-se ao mar em busca dos pichelingués que já o conheciam as leguas e fugiam delle como o diabo da cruz. Mas dava-lhes caça o valente corsario, e perseguia-os dias sobre dias até físgar-lhes os harpeos.

Como o povo, tambem elle acreditava que a intercessão de N. Senhora da Gloria devia a constante

fortuna que uma so vez não o desajudara; e porisso tinha uma devoção fervorosa pela divina padroeira de seu navio, a quem não esquecia de encommendar-se nos tranzes mais arriscados.

Tornando de suas correrias maritimas, Ayres da parte que lhe ficava liquida depois de repartir a cada marujo seu quinhão, separava metade para o dote de Maria da Gloria e a entregava á Duarte de Moraes.

A menina crescera, estava moça, e a mais prendada em formosura e virtude que havia então neste Rio de Janeiro. Queria-lhe Ayres tanto bem como á sua irmã, si a tivesse; e ella pagava com usura esse affecto daquelle que desde criança aprendera a estimar como o melhor amigo de seu pai.

O segredo do nascimento de Maria da Gloria fora respeitado, conforme o desejo de Ayres. Alem do corsario e dos dois esposos, só o gageiro Bruno, agora piloto da escuna, sabia quem realmente era a gentil menina; para ella como para os mais, seus verdadeiros pais foram Duarte de Moraes e Ursula.

Nas torres os sinos á repicarem trindades, e da escuna um batel á largar emquanto roda o cabrestante ao pezo da anchora. Vinha no batel

um cavalheiro de aspecto senhoril, cujas feições tostadas ao sol ou crestadas pela salsugem do mar respiravam a energia e a confiança. Si nos combates o nobre parecer, assombrando-se com a sanha guerreira, infundia terror no inimigo; fóra, e ainda mais neste momento, a expansão jovial banhava-lhe o semblante de affavel sorriso.

Era Ayres de Lucena, esse cavalheiro; não mais o gentil e petulante mancebo; porém o homem tal como o tinham feito as pelejas e trabalhos do mar.

Na ponta da ribeira, que actualmente occupa o arsenal de guerra, Duarte de Moraes com os seus ancioso esperava o momento de abraçar o amigo, e seguia com a vista o batel.

De seu lado Ayres tambem já os avistara do mar, e não tirava delles os olhos.

Ursula estava a direita do marido, e a esquerda Maria da Gloria. Esta fallava á um mancebo que tinha junto de si, e com a mão lhe apontava o batel já proximo á abicar.

Apagou-se o sorriso nos labios de Ayres, sem que elle soubesse explicar o motivo. Sentira um aperto no coração, que se dilatava naquella abençoada hora da chegada com o prazer de volver á

terra, e sobretudo á terra da patria, que é sempre para o homem, o gremio materno.

Foi pois já sem effusão e com o passo moroso que saltou na praia, onde Duarte de Moraes abria-lhe os braços. Depois de receber as boas vindas de Ursula, voltou-se Ayres para Maria da Gloria que desviou os olhos, retrahindo o talhe talvez na intenção de esquivar-se as caricias que sempre lhe fazia o corsario á chegada.

— Não me abraça, Maria da Gloria? perguntou o commandante com um tom de magoa.

Corou a menina, e correu a esconder o rosto no seio de Ursula.

— Olhem só ! Que vergonhas!... disse a dona a rir.

No entanto Duarte de Moraes, pondo a mão na espadua do mancebo, dizia a Ayres.

— Este é Antonio de Caminha, filho da mana Engracia, o qual vai agora para tres semanas nos chegou do reino, onde muito se falla de vossas proezas; nem são ellas para menos.

Dito o que, voltou-se para o mancebo.

— Aqui tens tu, sobrinho, o nosso homem; e be n o vedes que foi talhado para as grandes cousas que tem obrado.

Saudou Ayres cortezmente ao mancebo, mas

sem aquella affabilidade que a todos dispensava. Esse casquilho de Lisboa, que de improviso e á titulo de primo se introduzira na intimidade de Maria da Gloria, o corsario não o via de boa sombra.

Quando á noite se recolheu a casa, levou Ayres a alma cheia da imagem da moça. Até aquelle dia não vira nella mais do que a menina graciosa e gentil, com quem se habituara a folgar. Naquella tarde, em vez da menina, achou uma donzella de peregrina formosura, que elle contemplara enlevado nas breves horas passadas á seu lado.

---

## IX

## PECADO

Ia agora Ayres de Lucena todos os dias á casa de Duarte de Moraes, quando de outras vezes apenas lá apparecia de longe em longe.

Havia ahí um encanto que o attrahia, e este, pensava o corsario não ser outro sinão o affecto de irmão que votava a Maria da Gloria, e crescerá agora com as graças e prendas da formosa menina.

Mui frequente era encontra-la Ayres a folgar em companhia do primo Caminha, mas á sua chegada ficava ella toda confusa e atada, sem animo de erguer os olhos do chão ou proferir palavra.

Uma vez, em que mais notou essa mudança, não se pôde conter Ayres que não observasse :

— Estou vendo, Maria da Gloria, que lhe metto medo?

— A mim senhor. Ayres? balbuciou a menina.

— A quem mais?

— Não me dirá porque?

— Está sempre alegre; mas é ver-me e fechar-se como agora n'esse modo triste e...

— Eu sou sempre assim.

— Não; com os outros não é; tornou Ayres fitando os olhos em Caminha.

Mas logo tomando um tom galhofeiro continuou:

— Sem duvida lhe disseram que os corsarios são uns demonios!...

— O que elles são, não sei; acudiu Antonio de Caminha; mas aqui estou eu que no mar não lhes quero ver nem a sombra.

— No mar tem seu risco; mas em secco não fazem mal; são como os tubarões; replicou Ayres.

N'esse dia, deixando a casa de Duarte de Moraes, conheceu Ayres de Lucena que amava a Maria da Gloria e com amor que não era de irmão.

A dôr que sentira pensando que ella podesse querer a outrem, que não elle, e elle sómente, lhe revelou a vehemência d'essa paixão que se tinha

embuido em seu coração e ahí crescera até que de todo o absorveu.

Um mez não era passado, que appareceram francezes na costa e com tamanha audacia que por vezes investiram á barra, chegando até a ilhota da Lage, apesar do forte de S. João na Praia Vermelha.

Ayres de Lucena, que em outra occasião fôra dos primeiros a sahir contra o inimigo, d'esta vez mostrou-se tibio e indifferente.

Emquanto outros navios se aprestavam para o combate, a escuna *Maria da Gloria* se embalava tranquillamente nas aguas da bahia, desamparada pelo commandante, que a maruja inquieta esperava debalde, desde o primeiro rebate.

Uma cadeia occulta prendia Ayres a terra, mas sobretudo á casa onde morava Maria da Gloria, a quem elle ia ver todos os dias, pesando-lhe que o não podesse a cada instante.

Para calar a voz da patria, que ás vezes bravava-lhe na consciencia, comsigo encarecia a necessidade de ficar para a deffensão da cidade, no caso de algum assalto, sobretudo quando sahia a perseguir os corsarios, o melhor de sua gente de armas.

Sucedeu porem que Antonio de Caminha,

mancebo de muitos brios, teve o commando de um navio de corso, armado por alguns mercadores de S. Sebastião, do que mal o soube, Ayres, sem mais detença foi-se á bordo da escuna, que desfraldou as velas fazendo-se ao mar.

Não tardou que se não avistassem os tres navios francezes, pairando ao largo. Galharda e ligeira, com as velas apoiadas pela brisa e sua bateria prompta, correu a *Maria da Gloria* o bordo sobre o inimigo.

Desde que fôra baptisado o navio, nenhuma empreza arriscada se tentava, nenhum lance de perigo se affrontava, sem que a maruja com o commandante á frente, invocasse a protecção de Nossa Senhora da Gloria.

Para isso desciam todos á camara da proa, já preparada como uma capella. A imagem que olhava o horisonte como a rainha dos mares, girando na peanha voltava-se para dentro, afim de receber a oração.

N'aquelle dia foi Ayres preza de estranha allucinação, quando resava de joelhos, ante o nicho da Senhora. Na sagrada imagem da Virgem Santissima, não via elle senão o formoso vulto de *Maria da Gloria*, em cuja contemplação se enlevava sua alma.

Por vezes tentou recobrar-se dessa alheiação dos sentidos e não o conseguiu. Foi-lhe impossível arrancar d'alma a doce visão que a cingia como um regaço de amor. Não era a Mãe de Deus, a Rainha Celestial que elle adorava n'esse momento, mas a loura virgem que tinha um altar em seu coração.

Achava-se impio n'essa idolatria, e abrigava-se em sua devoção por Nossa Senhora da Gloria; mas ahi estava seu maior peccado, que era n'essa mesma fé tão pura, que seu espirito se desvaiava, transformando em amor terrestre o culto divino.

Cerca de um mez Ayres de Lucena esteve no mar, já combatendo os corsarios e levando-os sempre de vencida, já dando caça aos que tinham escapado e castigando o atrevimento de ameaçarem a colonia portugueza.

Durante esse tempo, sempre que ao entrar em combate, a equipagem da escuna invocava o patrocínio de sua madrinha Nossa Senhora da Gloria, era o commandante preza da mesma allucinação que já sentira; e erguia-se da oração com um remorso, que lhe pungia o coração presago de algum infortunio.

Presentia o castigo de sua impiedade; e se

arrojava na peleja receioso de que o desamparasse emfim a protecção da Senhora aggravada ; mas por isso não lhe minguava a bravura, sinão que o desespero lhe ministrava maior furor e novas forças :

---

## X

## O VOTO

Ao cabo do seu cruzeiro, tornara Ayres ao Rio de Janeiro onde entrou á noite calada, quando já toda a cidade dormia.

Havia tempos que soara no mosteiro o toque de completas; já todos os fogos estavam apagados, e não se ouvia outro rumor a não ser o ruído das ondas na praia, ou o canto dos gallos, despertados pela claridade da lua ao nascer.

Cortando a flor das ondas alisadas, que se aljofravam com os brilhantes reçumos da espuma irisada pelos raios da lua, veio a escuna dar fundo em frente ao largo da Polé.

No momento em que ao fisgar d'ancora arfava o lindo navio, como um corsel brioso soffreado pela mão do ginete, quebrou o silencio da noite um dobre funebre.

Era o sino da igreja de Nossa Senhora do O' que tangia o toque da agonia. Teve Ayres como toda a equipagem, um aperto de coração ao ouvir o lugubre annuncio. Não faltou entre os marujos quem tomasse por máu agouro a circumstancia de ter a escuna fundeado no momento em que começara o dobre.

Logo apoz abicava á ribeira o batel conduzindo Ayres de Lucena, que saltou em terra ainda com o mesmo sossobro, e a alma cheia de inquietação.

Era tarde da noite para ver Duarte de Moraes ; mas não quiz Ayres recolher sem passar-lhe pela porta, e avistar-se com a casa onde habitava a dama de seus pensamentos.

Alvoroçaram-se os sustos de sua alma já afflicta, encontrando aberta áquella hora adiantada a porta da casa, e as frestas das janellas esclarecidas pelas resteas de luz interior.

De dentro sahia um rumor soturno como de lamentos, entremeados com resa.

Quando deu por si, achava-se Ayres, conduzido pelo som do pranto, em uma camara illuminada por quatro cirios collocados nos cantos de um leito mortuario. Sobre os lençoes e mais livida que elles, via-se a estatua ina-

nimada, mas sempre formosa, de Maria da Gloria.

A nivea cambraia que lhe cobria o seio mimoso, afflava com um movimento quasi imperceptivel, mostrando que ainda não se extinguiu de todo n'esse corpo gentil o halito vital.

Ao ver Ayres, Ursula, o marido e as mulheres que rodeavam o leito, ergueram para elle as mãos com um gesto de desespero e redobraram o pranto.

Não os percebia porem o corsario; seu olhar baço e morno se fitara no vulto da moça e parecia entornar sobre ella toda sua alma, como uma luz que broxulea.

Um momento, as palpebras da menina se ergueram a custo, e os olhos azues, coalhados em um pasmo glacial, volvendo para o nicho de jacarandá suspenso na parede, cravaram-se na imagem de Nossa Senhora da Gloria, mas cerraram-se logo.

Estremeceu Ayres, e ficou um instante como alheio a si, e ao que passava em torno.

Lembrava-se do peccado de render impia adoração á Maria na imagem de Nossa Senhora da Gloria, e via na enfermidade que lhe arrebatava a menina, um castigo de sua culpa.

Pendeu-lhe a cabeça acabrunhada, como se

vergasse ao pezo da cholera celeste; mas de chofre a ergueu com a resolução de animo que o arrojava ao combate: e por sua vez pondo os olhos na imagem de Nossa Senhora da Gloria, cahiu de joelhos com as mãos erguidas.

— Pequei, Mãi Santissima, murmurou do fundo d'alma: mas vossa misericordia é infinita. Salva-a; por penitencia de meu pecado andarei um anno inteiro no mar para não a ver; e quanto trazer hade ser para as alfaias de vossa capella.

Não eram proferidas estas palavras, quando estremeceu com um sobresalto nervoso, o corpo de Maria da Gloria. Entreabriu ella as palpebras e exhalou dos labios fundo e longo suspiro.

Todos os olhos se fitaram anciosos no formoso semblante, que ia-se corando com uma tenue aura de vida.

— Torna a si! exclamaram as vozes a um tempo.

Ergueu Ayres a fronte, duvidando do que ouvia. Os meigos olhos da menina ainda embotados pelas sombras da morte que os tinham roçado, fitarem-se n'elle; e um sorriso angelico enflorou a rosa d'esses labios que pareciam selados para sempre.

— Maria da Gloria! bradou o corsario arrastando-se de joelhos para a cabeceira do leito.

Demorou a menina um instante n'elle o olhar e o sorriso, depois volvendo-os ao nicho crusou as mãos ao peito, e balbuciou flebilmente algumas palavras de que apenas se ouviram estas:

— Eu vos rendo graças, minha celeste Madrinha, minha Mãe Santissima, por me terdes ouvido...

Expirou-lhe a voz nos labios; outra vez cerraram-se as palpebras, e descahiu-lhe a cabeça nas almofadas. A donzella dormia um somno placido e sereno.

Passara a crise da enfermidade. Estava salva a menina.

---



## XI

## NOVENA

A primeira vez que Maria da Gloria sahio da camara para a varanda, foi uma festa em casa de Duarte de Moraes.

Ninguem se cabia de contente com o regosijo de ver a menina outra vez restituída as alegrias da familia.

De todos o que mostrava menos era Ayres de Lucena, pois por instantes sua feição velava-se com uma nuvem melancholica; mas sabiam os outros que dentro d'alma ninguem maior, nem tamanho jubilo sentira, como elle; e sua tristeza naquelle momento era a lembrança do que soffrera vendo a moça a expirar.

Ahi estava entre outras pessoas da privança da casa, Antonio de Caminha que se houvera galhardamente na preseguição dos francezes,

embora não lograsse capturar a preza á que dera caça.

Não escondia o moço o regozijo que sentia com o restabelecimento daquella aquem já tinha chorado, como perdida para sempre.

Nesse dia revelou Maria da Gloria aos pais um segredo que escondia.

— É tempo de saberem o pai e a mãe que fiz um voto á N. Senhora da Gloria, e peço sua licença para o cumprir.

— Tu a tens! disse Ursula.

— Falla; dize o que prometteste? acrescentou Duarte de Moraes.

— Uma novena.

— O voto foi para te por bôa? perguntou a mãe.

Corou a moça e confuza esquivou-se á resposta. Acodiou então Ayres que até ali ouvira calado:

— Não se precisa saber o motivo; basta que o voto se fez, para se dever cumprir. Tomo sobre mim o que fôr preciso para a novena, e não consinto que ninguem mais se encarregue disso; estais ouvindo, Duarte de Moraes.

Cuidou Ayres desde logo nos aprestos da

devoção, e para que se fizesse com o maior apparato, resolveu que a novena seria em uma capella do mosteiro, para o qual se transportaria de seu nicho da escuna a imagem de N. Senhora da Gloria.

Diversas vezes foi elle com Maria da Gloria e Ursula a uma loja de capelista para se proverem de alfaias com que adornassem a sagrada imagem. O melhor ourives de S. Sebastião incumbiu-se de fazer um novo resplendor cravejado de brilhantes; emquanto a menina com suas amigas recamava de alcahofras de ouro um rico manto de brocado verde.

Nestes preparativos consumiam-se os dias, e tão occupado andava Ayres com elles, que não pensava em outra cousa, nem já se lembrava do voto que fizera; passava as horas junto de Maria da Gloria, entretendo-se com ella dos adereços da festa, satisfazendo-lhe as minimas fantasias; essa doce tarefa o absorvia por modo que não lhe sobravam, nem pensamentos para mais.

A final chegou o dia da novena, que celebrou-se com uma pompa ainda não vista na cidade de S. Sebastião. Foi grande a concurrencia de

devotos que vieram de S. Vicente e Itanhaem para assistir á festa.

A todos encantou a formosura de Maria da Gloria, que tinha um vestido de riço azul com recamos de prata, e um collar de turquezas com arrecadas de saphiras.

Mas suas joias, de maior preço, as que mais a adornavam, eram as graças de seu meigo semblante que resplandecia com uma aureola celeste.

— Jesus!... exclamou uma velha beata. Podia-se tirar d'ali, e pol-a no altar que a gente havia de adoral-a, como a propria imagem da Senhora da Gloria.

Razão, pois, tinha Ayres de Lucena, que toda a festa a esteve adorando, sem carecer de altar, e tão absorto que de todo esqueceu o lugar onde se achava, e o fim que ali o trouxera.

Só quando, terminada a festa, elle sahia com a familia de Duarte de Moraes, acodiu-lhe que não rezara na igreja, nem rendera graças á Senhora da Gloria por cuja milagrosa intercessão escapara a menina da cruel enfermidade.

Era tarde porem; e si passou-lhe pela mente a ideia de tornar a igreja para reparar seu esquecimento, o sorriso de Maria da Gloria arrebatou-

lhe de novo o espirito n'aquelle enlevo, em que o tivera preso.

Depois da doença da menina dissipara-se o enlevo que ella sentia na presença de Ayres de Lucena. Agora com a chegada do corsario, em vez de acanhar-se ao contrario expandia-se a flor de sua graça, e desabrochava em risos, embora roseados pelo pudor.

Uma tarde que passeavam os dous pela ribeira, em companhia de Duarte de Moraes e Ursula, Maria da Gloria, vendo embalar-se airosamente sobre as ondas a escuna, soltou um suspiro e voltando-se para Lucena, disse-lhe :

— Agora tão cedo não vae ao mar !

— Porque ?

— Deve descansar.

— Somente por isso ? perguntou Ayres desconsolado.

— E tambem pelas saudades que deixa aos que lhe querem, e pelos cuidados que nos leva. O pai que diz ? Não é assim ?

— Certo, filha, que o nosso Ayres de Lucena já tem feito muito pela patria e pela religião, para dar-nos tambem aos amigos alguma parte da sua existencia.

— Toda vo-la darei d'ora avante ; ainda que

tenha eu tambem saudades do mar, das noitadas de bordo, e daquelle voar nas azas da borrasca, em que o homem acha-se face á face com a colera do ceo. Mas, pois, assim o querem, seja feita a vossa vontade.

Estas ultimas palavras proferiu-as Ayres olhando para a menina .

— Não se peze d'isso , tornou-lhe ella ; que em lhe apertando as saudades, embarcaremos todos na escuna, e iremos correr terras, onde nos levar a graça de Deos e de minha Madrinha.

---

## XII.

## O MILAGRE.

Correram mezes, que Ayres passou na doce intimidade da familia de Duarte de Moraes, e no enlevo de sua admiração por Maria da Gloria.

Já não era o homem que fôra ; os prazeres em que outr'ora se engolphava, de presente os aborrecia, e tinha vergonha da vida dissipada que levava até ali.

Ninguém mais o via por tavolagens e folias, como nos tempos em que parecia soffrego de consumir a existencia.

Agora si não estava em casa de Duarte de Moraes, perto de Maria da Gloria, andava pelas ruas á scismar.

Ardia o cavalheiro por abrir seu coração áquella que já era d'elle senhora, e muitas vezes fora com o propósito de fallar-lhe do seu affecto.

Mas na presença da menina o desamparava a resolução que trazia ; e sua voz affeita ao commando, e habituada á dominar o rumor da procella e o estrondo dos combates, balbuciava timida e submissa uma breve saudação.

Era o receio de que a menina voltasse á esquivança de antes, e viesse a tratá-lo com a mesma reserva e acanhamento que tanto o magoava então.

Não se apagara de todo na n'alma do corsario a suspeita de ser o affecto de Antonio Caminha bem acolhido, sinão já retribuido, por Maria da Gloria.

E' certo que a menina tratava agora o primo com affastamento e enleio, que mais se manifestava quando este a enchia de attentões e finezas.

Ora Ayres que se julgava aborrecido por merecer um tratamento semelhante; agora que todas as effusões da gentil menina eram para elle, desconfiava desse acanhamento, que podia encobrir um timido affecto.

Assim é sempre o coração do homem, a revolver-se no constante ser e não ser em que se escoa a vida humana.

De sahir ao mar, era cousa em que Ayres já não

tocava aos marujos da escuna, que mais ou menos andavam ao corrente do que havia. Si alguém lhes fallava de fazerem-se ao largo, respondiam á rir, que o commandante encalhara n'agua doce.

Muito tempo já era passado depois de sua ultima viagem, quando Ayres de Lucena querendo acabar com a incerteza em que vivia animou-se á dizer a filha adoptiva de Duarte de Moraes, uma noite ao despedir-se della :

— Maria da Gloria tenho um segredo para contar-lhe.

O labio que proferiu estas palavras era tremulo, e o olhar do cavalheiro retirou-se confuso do semblante da menina.

— Que segredo é, senhor Ayres ? respondeu Maria da Gloria tambem perturbada.

— Amanhã lh'o direi.

— Olhe lá !

— Prometto.

No dia seguinte por tarde encaminheu-se o corsario para a casa de Duarte de Moraes; ia resolvido a declarar-se com Maria da Gloria e confessar-lhe o muito que a queria para sua esposa e companheira.

Levava o pensamento agitado e o coração

inquietao como quem vae decidir de sua sorte. Ás vezes apressava o passo, na soffreguidão de chegar; outras o retardava com receio do momento.

Á rua da Misericordia encontrou-se com um ajuntamento, que o fez parar. No meio da gente via-se um homem idoso, com os cabellos já grisalhos da cabeça e da barba tão longos, que lhe desciam aos peitos e caiam sobre as espaduas.

Caminhava elle, ou antes se arrastava de joelhos, e levava em bandeja de metal um objecto, que tinha figura de mão cortada acima do punho.

Pensou Ayres que era esta a scena, muito commum n'aquelles tempos, do cumprimento solemne de uma promessa; e seguiu a procissão com olhar indifferente.

Ao aproximar-se porem o penitente, conheceu com horror que não era um *ex-voto* de cera, ou milagre, como o chamava o vulgo, o objecto posto em cima da salva; mas a propria mão cortada do braço direito do devoto, que ás vezes levantava para o céu o coto mal cicatrisado ainda.

Inquiriu dos que o cercavam a explicação do estranho caso; e não faltou quem lh'a dêsse com particularidades que hoje fariam rir.

Tivera o penitente, que era mercador, um panniço na mão direita; e sobreveiu-lhe grande inflamação de que resultou a gangrena. No risco de perder a mão, e talvez a vida, valeu-se o homem de S. Miguel dos Santos, advogado contra os cancros e tumores, e prometeu-lhe dar para sua festa o peso em prata do membro enfermo.

Exalçou o Santo a promessa, pois sem mais auxilio de mesinhas, veio o homem a ficar inteiramente são, e no perfeito uso da mão, quando no juizo do phisico pelo menos devia ficar aleijado.

Restituído a saude, o mercador que era muito agarrado ao dinheiro, espantou-se com o peso que lhe haviam tomado do braço enfermo; e achando salgada a quantia, revolveu de esperar pela decisão de certo negocio, de cujos lucros tencionava tirar o preciso para cumprir a promessa.

Um anno decorreu porem sem que o tal negocio se concluísse, e ao cabo desse tempo começou a mão do homem a mirrar, a mirrar, até que ficou de todo secca e rija, como si fôra de pedra.

Conhecendo então o mercador que estava sendo castigado por não haver cumprido a promessa, levou sem mais detença a prata que devia ao Santo; mas este já não a quiz receber, pois ao

amanhecer do outro dia achou atirada a porta da igreja a offerenda que ficara sobre o altar.

O mesmo foi da segunda e terceira vez; até que o mercador vendo que era sem remissão a sua culpa e devia expia-la; decepou a mão já secca e vinha traze-la, não só como symbolo do milagre, mas como lembrança do castigo.

Eis o que referiram á Ayres de Lucena.

---

## XIII

## AO MAR

Já tinha desfilado a procissão e ficára a rua deserta, que ainda lá estava no mesmo lugar Ayres de Lucena quedo como uma estatua.

Seus espiritos se tinham afundado em um pensamento que os submergiam como em um abysmo. Lembrara-se que tambem fizera um voto e ainda não o havia cumprido, dentro do anno que estava quasi devolvido.

Horrorisava-o a idéa do castigo, que talvez já estava iminente. Tremia não por sua pessoa, mas por Maria da Gloria, que a Virgem Santissima ia levar, como S. Miguel seccara a mão que antes havia sarado.

Quando o corsario deu accordo de si e viu onde se achava correu á praia, saltou na primeira canoa de pescador, e remou direito para a escu-

na, cujo garboso perfil se desenhava no horizonte illuminado pelos arreboes da tarde.

— Prepara para largar! Leva ancora!... gritou elle apenas pisou no tombadilho.

Acudiu a maruja á manobra com a prestesa do costume e aquelle fervor que sentia sempre que o commandante a conduzia ao combate.

No dia seguinte ao amanhecer tinha a escuna desaparecido do porto, sem que houvesse noticia della, ou do destino que levava.

Quando em casa de Duarte de Moraes soube-se da nova, perderam-se todos em conjecturas á cerca dessa partida subita, que nada explicava; pois não havia indicios de andarem piche-lingues na costa, e nem se fallava de qualquer expedição contra aventureiros que por ventura se tivessem estabelecido em terras da colonia.

Maria da Gloria não quiz acreditar na partida de Ayres, e tomou por gracejo a noticia.

Afinal rendeu-se á evidencia, mas convencida de que ausentara-se o corsario por alguns dias, sinão horas, no impeto de combater algum pirata e não tardaria voltar.

Succederam-se porém os dias, sem que houvesse novas da escuna e de seu commandante. A es-

perança foi mu chando no coração da menina, como a flor crestada pelo frio, e afinal desfolhou-se.

Apagara-se-lhe o sorriso dos labios ; e o brilho dos lindos olhos empanou-se com o soro das lagrimas choradas em segredo.

Assim foi se finando de saudades pelo ingrato que a tinha desamparado levando-lhe o coração.

Desde muito que a gentil menina estremecia o cavalleiro ; e dahi nascera o sossobro que sentia em sua presença. Quando a cruel enfermidade assaltou-a, e que ella prostrada no leito, teve consciencia de seu estado, o primeiro pensamento foi pedir a Nossa Senhora da Gloria que não a deixasse morrer, sem dizer adeus aquelle por quem somente quizera viver.

Não só ouvira seu rogo a Virgem Santissima, como a restituira á vida e ternura do querido de sua alma. Este era o segredo da novena que se tinha feito logo depois do seu restabelecimento.

A afflicção de Ayres durante a molestia da menina, os disvellos que mostrava por ella, ajudando Ursula na administração dos remedios e nos incessantes cuidados exigia a convalescença ; mas principalmente, a ingenua expansão d'alma, que em crises como aquella, se desprende das mise-

rias da terra, e paira em uma esphera superior ; tudo isso, rompera o enleio que havia entre os dous corações, e estabelecera uma doce correspondencia e intimidade entre elles.

Nesse enlevo de querer e ser querida, vivera Maria da Gloria todo o tempo depois da molestia. Qual não foi pois o seu desencanto quando Ayres se partiu sem ao menos dizer-lhe adeus, e quem sabe si para não mais voltar.

Cada dia que volveu foi para ella o supplicio de uma esperança a renascer a cada instante para morrer logo apoz no mais cruel desengano.

Cerca de um anno era passado, e em S. Sebastião não havia novas da escuna Maria da Gloria.

Para muita gente passava como certa a perda do navio com toda a tripolação ; e em casa de Duarte de Moraes já se trazia luto pelo amigo e protector da familia.

Maria da Gloria porem tinha no coração um sentimento de que Ayres ainda vivia, embora longe della, e tão longe que nunca mais o pudesse ver neste mundo.

Na crença do povo miudo o navio do corsario andava no oceano encantado por algum genio do mar ; mas havia de apparecer quando quebrasse o

encanto, o que tinha de succeder pela intrepidez e arrojo do destemido Lucena.

Essa versão popular ganhou mais força com os contos da maruja de um navio da carreira das Índias, que fazia escala em S. Sebastião vindo de Goa.

Referiam os marinheiros que um dia, sol claro, passara perto delles um navio apparelhado em escuna, cuja tripolação compunha-se toda de homens vestidos de compridas esclavinas brancas e marcados com uma cruz negra no peito.

Como lhes observassem que talvez seriam penitentes, que iam de passagem, affirmavam seu dito, assegurando que os vira executar a manobra mandada pelo commandante, tambem vestido da mesma maneira.

Accrescentavam os marinheiros que muitos dias depois, em uma noite escura e de calmaria, tinham avistado ao largo o mesmo navio a boiar sem governo ; mas todo resplandécente das luminarias dos cirios accezos em capellas, e á volta de uma imagem.

A tripolação, vestida de esclavina, resava o terço ; e as ondas banzeiras gemendo na proa, acompanhavam o canto religioso, que se derramava pela immensidade dos mares.

Para o povo, eram estas as provas evidentes de estar o navio encantado ; e se misturava assim o paganismo com a devoção christã, tinha aprendido este disparate com bom mestre, o grande Camões.

---

## XIV

## A VOLTA.

Um anno, de dia a dia, andou Ayres no mar.

Desde que se partira do Rio de Janeiro não pusera o pé em terra, nem a avistara sinão o tempo necessario para enviar um batel em busca das provisões necessarias.

Na tarde da sahida, deixara-se Ayres ficar na popa do navio até que de todo sumiu-se a costa ; e então derrubara a cabeça aos peitos e quedara-se até que a lua assomou no horisonte.

Era meia noite.

Ergueu-se e vestindo uma esclavina chamou a maruja, a quem dirigiu estas palavras.

— Amigos, vosso capitão tem de cumprir um voto e fazer uma penitencia. O voto é não tornar a S. Sebastião antes de um anno. A penitencia é passar esse anno todo no mar sem pisar em terra, assim

vestido, e em jejum rigoroso, mas combatendo sempre os inimigos da fé. Vós não tendes voto a cumprir nem pecado a remir, sois livres, tomai o batel, recebei o abraço de vosso capitão, e deixai que se cumpra a sua sina.

A maruja abaixou a cabeça e ouviu-se um som rouco ; era o pranto á romper dos peitos duros e callosos da gente do mar :

— Não hade ser assim ! clamaram todos. Jura-  
mos acompanhar o nosso capitão na vida e na  
morte ; não o podemos desamparar, nem elle  
despedir-nos para negar a gente a sua parte nos  
trabalhos e perigos. Sua sina, é a de todos nós,  
e a deste navio onde havemos de acabar, quando  
o Senhor for servido.

Abraçou-os o corsario ; e ficou decidido que toda  
a tripolação acompanharia seu commandante no  
voto e na penitencia.

No dia seguinte cortaram os marujos o panno de  
umas velas rotas que tiraram do porão e arranja-  
ram esclavinas para vestirem, fazendo as cruces  
com dous pedaços de corda atravessadas.

Ao por do sol cantavam o terço ajoelhados a  
imagem de Nossa Senhora da Gloria, ao qual le-  
vantou-se um nicho com altar, junto do mastro

grande, afim de acodirem mais promptos a manobra do navio.

Ao entrar de cada quarto, tambem resavam a ladainha, a imitação das horas canonicas dos conventos.

Si porem succedia apparecer alguma vela no horisonte e o vigia da gavia assignalava um piche-linge; de momento despiam as esclavinas, empunhavam as machadinhas, e saltavam á abordagem.

Destroçado o inimigo tornavam á penitencia e proseguiam tranquillamente na resa começada.

Quando completou um anno, que tinha a escuna deixado o porto de S. Sebastião, á meia noite, Ayres de Lucena aproou para terra, e soprando fresca a brisa de leste ao romper d'alva começou a desenharse no horisonte a costa do Rio de Janeiro.

Por tarde, a escuna corria ao longo da praia da Copa Cabana, e com as primeiras sombras da noite largava o ferro em uma abra deserta que ficava proxima da Praia-Vermelha.

Saltou Ayres em terra, deixando o commando a Bruno, com recommendação de entrar barra dentro ao romper do dia; e a pé seguiu para a cidade pelo caminho da praia, pois ainda se não tinha aberto na mata virgem da Carioca, a picada que

mais tarde devia ser a rua aristocratica do Catete.

Ia sobresaltado o corsario com o que podia ter acontecido durante o anno de sua ausencia.

Sabia elle o que o esperava ao chegar ? Tornaria a ver Maria da Gloria, ou lhe teria sido arrebatada, apesar da penitencia que fizera ?

As vezes parecia-lhe que ia encontrar a mesma scena da vez passada, e achar a moça de novo prostrada no leito da dor ; mas desta para não mais erguer-se ; porque a Senhora da Gloria para o punir não ouviria mais a sua prece.

Eram oito horas quando Ayres de Lucena chegou a casa de Duarte de Moraes.

A luz interior filtrava pelas frestas das rotulas ; e ouvia-se rumor de vozes, que fallavam dentro. Era ali a casa de jantar, e Ayres espiando vin á mesa toda a familia reunida, Duarte de Moraes, Ursula e Maria da Gloria, os quaes estavam no fim da ceia.

Passado o sossobro de rever a menina, Ayres foi a porta e bateu.

Duarte e a mulher se entreolharam sorprendidos d'aquelle bater fora de horas ; Maria da Gloria porém levou a mão ao seio, e disse com um modo brando e sereno :

— E' elle, o senhor Ayres, que está de volta !

— Que lembrança de menina ! exclamou Ursula.

— Não queres acabar de crer, filha que meu pobre Ayres, ha muito que está com Deus ! observou Duarte melancolico.

— Abra o pai ! respondeu Maria da Gloria mansamente.

Deu elle volta a chave, e Ayres de Lucena apertou nos braços ao amigo attonito de o ver depois de por tanto tempo o haver por morto.

Grande foi a alegria de Duarte de Moraes e a festa de Ursula com a volta de Ayres.

Maria da Gloria porem, si alguma cousa sentiu, não deu a perceber ; fallou com o cavalleiro sem mostra de surpresa, nem de contentamento, como si elle a tivesse deixado na vespera.

Este acolhimento indifferente confrangeu o coração de Ayres, que ainda mais se affligia notando a pallidez da moça, a qual parecia estar-se definhando como a rosa, a quem a larva devora o seio.

---



## XV

## O NOIVO

Em um mez, que tanto fazia desde a volta de Ayres, não lhe dissera Maria da Gloria uma palavra sequer a cerca da longa ausência.

— Tão alheio lhe sou, que nem se apercebeu do anno que passei longe della.

De seu lado tambem não tocava o cavalheiro nesse incidente de sua vida, que desejava esquecer. Quando Duarte de Moraes insistia com elle para saber a razão porque se partira tão inesperadamente, e por tanto tempo sem dar avizo aos amigos, o corsario exquivava-se á explicação e apenas respondia :

— Tive noticia do inimigo e fui-me sem detença. Deus Nosso Senhor ainda permittiu que tornasse ao cabo de um anno, e eu lhe rendo graças.

Convenceram-se quantos o ouviam fallar assim

que havia um misterio na ausencia do cavalheiro ; e o povo miudo cada vez mais persistia na crença de que a escuna estivera encantada todo aquelle tempo.

O primeiro cuidado de Ayres, logo depois de sua chegada, foi ir com toda a sua maruja levar ao mosteiro de S. Bento o preço de tudo quanto haviam capturado, para ser aplicado a festa e ornato da capella de Nossa Senhora da Gloria.

Acabado assim de cumprir o seu voto e a penitencia a que se tinha sujeitado ; não pensou Ayres senão em viver como d'antes para Maria da Gloria, bebendo a graça de seu formoso semblante.

Mas não tornaram nunca mais os dias abençoados do intimo contentamento em que tinham vivido outrora. Maria da Gloria mostrava a mesma indifferença pelo que passava em torno della ; parecia uma creatura já despedida deste valle de lagrimas, e absorta na visão de outro mundo.

Dizia Ursula que essa abstracção de Maria da Gloria lhe ficara da doença, e só havia de passar em casando ; pois não ha para curar as meninas solteiras como os banhos da igreja

Notara porém Ayres que especialmente com elle tornava-se a menina mais arredia e concentrada ; e vendo a differença de seu modo para com

Antonio de Caminha, de todo convenceu-se que a menina gostava do primo, e estava se finando pelo receio de que elle Ayres pozesse obstaculo á seu mutuo affecto.

Dias depois que essa ideia lhe entrou no espirito, achando-se em casa de Duarte de Moraes, succedeu que Maria da Gloria de repente debulhou-se em pranto, e eram tantas as lagrimas que lhe corriam pelas faces como fios de aljofares.

Ursula que a viu nesse estado, exclamou :

— Que tens tu, menina, para chorar assim ?

— Um peso do coração !... Chorando passa.

E a menina sahiu a soluçar.

— Tudo isso é espasmo ! observou Ursula. Si não a cazarem quanto antes, vai a mais, a mais, e talvez quando lhe quizerem acudir, não tenha cura.

— Já que se offerece a occasião, carecemos tratar deste particular, Ayres, em que desde muitos dias atraz ando para tocar-vos.

Perturbou-se Ayres a ponto que faltou-lhe a voz para retorquir ; foi a custo e com esforço que vencida a primeira commoção pode responder.

— Estou ao vosso dispor, Duarte.

— É tempo de saberdes que Antonio de Caminha

quer bem a Maria da Gloria e já nos confessou o desejo que tem de a receber por esposa. Tambem a pediu o Fajardo, sabeis, aquelle vosso camarada ; mas esse é muito velho para ella ; podia ser seu pai.

— Tem a minha idade , com differença de mezes ; observou Ayres com uma expressão resignada.

— Assentei não decidir sobre isso em vossa ausencia, pois embora vos considerassemos perdido ; não tinhamos essa certeza : e agora que nos fostes felizmente restituído, a vós compete decidir da sorte daquella que tudo vos deve.

— E Maria da Gloria?... perguntou Ayres já senhor de si. Retribue ella o affecto de Antonio de Caminha, e o quer por marido ?

— Sou capaz de jurar ; acodiu Ursula.

— Não consenti que se lhe fallasse nisto, sem primeiro sabermos si era de vosso agrado essa união. Mas ella ahí está ; podemos interroga-la si o queis, e será o melhor.

— Avisaes bem, Duarte.

— Ide Ursula e trazei-nos Maria da Gloria, mas não careceis de previnil-a.

Com pouco voltou a mulher de Duarte acompanhada pela menina.

— Maria da Gloria, disse Duarte, vosso primo Antonio de Caminha pediu vossa mão, e nós desejamos saber si é de vosso agrado casar-vos com elle.

— Já não sou deste mundo, para casar-me nelle ; respondeu a menina.

— Deixai-vos de ideias tristes. Haveis de recobrar a saude : e com o casamento voltará a alegria que perdestes !

— Essa mais nunca !

— Emfim decidi d'uma vez si quereis Antonio de Caminha por marido, pois melhor não creio que possais achar.

— E' do agrado de todos, este casamento ? perguntou Maria da Gloria fitando os olhos em Ayres de Lucena.

— De todos, começando por aquelle que tem sido vosso protector, e que tanto, sinão mais do que vossos paes, tinha o direito de escolher-vos um esposo.

— Pois que foi escolhido por vós, senhor. Ayres, aceito.

— O que eu ardentemente desejo, Maria da Gloria, é que elle vos faça feliz.

Um triste sorriso desfolhou-se pelos labios da menina.

Ayres retirou-se arrebatado, porque sentiu romper-lhe do seio o soluço, por tanto tempo recalcado.

---

## XVI

## A BODA.

Eram cerca de 4 horas de uma formosa tarde de Maio.

Abriam-se de par em par as portas da matriz, no alto do Castello, o que annunciava a celebração de um acto religioso.

Já havia no adro de S. Sebastião numeroso concurso de povo, que ali viera trazido pela curiosidade de assistir á cerimonia.

A' parte, em um dos cantos da igreja, recostado ao angulo via-se um velho marujo que não era outro sinão o Bruno.

O contramesre não estava nesse dia de boa sombra; tinha um semblante carrancudo, e as vezes fechando a mão callejada ferrava um murro em cheio na carapuça.

Quando seus olhos espraiando-se pelo mar, en-

contravam a escuna, que de anchora a pique, balouçava-se sobre as ondas, prestes a fazer-se de vella ; o velho marujo soltava um suspiro ruidoso.

Depois voltava-se para a ladeira da Misericórdia, como si contasse ver chegar desse lado alguma pessoa, por quem estivesse esperando.

Não se passou muito, que não apontasse no alto da subida um prestito numeroso, o qual seguiu direito a portaria da matriz.

Vinha no centro Maria da Gloria, vestida de noiva, e cercada por um bando de virgens, todas de palma e capella, que iam levar ao altar a sua companheira.

Seguiam-se Ursula, as madrinhas, e outras damas convidadas para a boda, a qual era sem duvida das de maior estrondo que se tinham celebrado até então na cidade de S. Sebastião.

Ayres de Lucena assim o determinara, e de seu bolso concorreu com o cabedal necessario para a maior pampa da cerimonia.

Logo apoz as damas, caminhava o noivo, Antonio de Caminha, entre os dois padrinhos, e no meio de grande cortejo de convidados, dirigido por Duarte de Moraes e Ayres de Lucena.

Ao entrar a portada da igreja, Ayres destacou-

se um momento para fallar a Bruno, que avisando-o, viera á elle :

— Aprestou-se tudo ?

— Tudo, meu capitão.

— Ainda bem ; d'aqui a uma hora, partiremos, e para não mais voltar, Bruno.

Ditas estas palavras, Ayres entrou na igreja. O velho marujo que advinhara quanto soffria nquelle momento o seu capitão, ferrou outro murro na carapuça, e tragou o soluço que lhe estava estortegando na garganta.

Dentro da matriz já os noivos tinham sido conduzidos ao altar, onde os esperava o vigario paramentado para celebrar o casamento, cuja cerimonia logo começou.

O corsario de joelhos em um dos angulos mais obscuros do corpo da igreja, assistia de longe ao acto; mas de momento a momento acurvava a fronte sobre as mãos esclavinhas, como absorvido em fervente oração.

Não resava, não ; bem o quisera ; mas um tropel de pensamentos se agitava em seu espirito abatido, que o arrastava ao passado, e o fazia reviver os annos devolvidos.

Repassava na mente seu viver de outrora ; e acreditava que Deus lhe enviara do ceo um anjo

da guarda para o salvar. No caminho da perdição, elle o encontrara sob a forma de uma gentil criança; e desde esse dia sentira despertarem em sua alma os estimulos generosos, que o vicio nella havia sopitado.

Mas porque tendo-lhe enviado essa celeste mensageira, lh'a negara Deus quando a quiz fazer a companheira de sua vida, e unir ao della o seu destino?

Ahi lembrou-se que já uma vez Deus a quizera ehamar ao céo, e só pela poderosa intercessão de Nossa Senhora da Gloria a deixara viver, mas para outro.

— Antes não houvesseis attendido ao meu rogo, Virgem Santissima ! balbuciou Ayres.

Nesse instante, Maria da Gloria de joelhos aos pés do sacerdote, voltou o rosto com subito movimento e fitou no cavalleiro estranho olhar, que a todos surpreendeu.

Era o momento em que o padre dirigia a interrogação do ritual; e Ayres, prestes á ouvir o sim fatal, balbuciava ainda :

— Morta, ao menos ella não pertenceria á outro.

Um grito repercutiu pelo ambito da igreja. A

noiva cahira desmaiada aos pés do altar e parecia adormecida.

Prestaram-lhe todos os soccorros ; mas embalde. Maria da Gloria rendera ao Creador sua alma pura, e subira ao céu sem trocar a sua palma de virgem pela grinalda de noiva.

O que tinha, cortado o estame da suave bonina ? Fôra o amor infeliz que ella occultava no seio ; ou a Virgem Santissima a rogo de Ayres ?

São impenetraveis os divinos misterios, mas podia nunca a filha ser a esposa feliz daquelle que lhe roubara o pai, embora tudo fizesse junto depois para substituil-o ?

As galas da boda se trocaram pela pompa funebre ; e a noite, no corpo da igreja, ao lado da eça dourada via-se ajoelhado e immovel um homem que ali velou naquella posição, até o outro dia.

Era Ayres de Lucena.

---



## XVII

## O ERMITÃO

Dias depois do funesto acontecimento, a escuna *Maria da Gloria* estava fundeada no seio que forma a praia junto as abas do morro do Catete.

Era o mesmo lugar onde vinte annos antes, se fazia a festa do baptismo, no dia em que se dera o caso estranho do desaparecimento da imagem da Senhora da Gloria, padroeira da escuna.

Na praia estava um ermitão vestido de esclavina, seguindo com o olhar o batel que largara do navio e singrava para terra.

Abicando a praia saltou d'elle Antonio de Caminha, e foi direito ao ermitão a quem entregou a imagem de Nossa Senhora da Gloria.

Recebeu-a o ermitão de joelhos e erguendo-se disse para o mancebo :

— Ide com Deus, Antonio de Caminha e per-

doai-me todo o mal que vos fiz. A escuna e quanto foi meu vos pertence: sêde feliz.

— E vós, senhor Ayres de Lucena ?

— Esse acabou; o que vêdes não é mais que um ermitão, e não carece de nome, pois nada mais quer e nem espera dos homens.

Abraçou Ayres ao mancebão, e affastou-se galgando a ingreme encosta do outeiro, com a imagem de Nossa Senhora da Gloria cingida ao seio.

Na tarde d'aquelle dia a escuna desfraldou as vellas e deixou o porto do Rio de Janeiro onde nunca mais se ouviu fallar d'ella; sendo crença geral que andava outra vez encantada pelo mar oceano, com seu capitão Ayres de Lucena e toda a maruja.

Poucos annos depois dos successos que ahi ficam relatados, começou a correr pela cidade nova de um ermitão que apparecera no outeiro do Catete, e fazia ali vida de solitario, habitando uma gruta no meio das brenhas, e fugindo por todos os modos á communicação com o mundo.

Contava-se que alta noite, rompia do seio da mata um murmurio soturno, como o do vento nos palmares; mas que applicando-se bem o ouvido se conhecia ser o canto do terço ou da ladainha. Esse facto, referiam-no sobretudo os pescadores,

que ao sahirem ao mar, tinham muitas vezes, quando a brisa estava serena e de feição, ouvido aquella reza mysteriosa.

Um dia, dous moços caçadores galgando a ingreme encosta do outeiro, a custo chegaram ao cimo, onde descobriram a gruta, que servia de refugio ao ermitão. Este desapparecera mal os pressentiu : todavia poderam elles notar-lhe a nobre figura e aspecto veneravel.

Trajava uma esclavina de burel pardo que lhe deixava ver os braços e artelhos. A longa barba grisalha lhe descia até o peito, misturada aos cabellos cahidos sobre as espaduas e como ella hirtos, assanhados e cheios de maravalhas.

No momento em que o sorprehenderam os dous caçadores, estava o ermitão de joelhos, deante de um nicho que elle proprio cavara na rocha viva, e no qual via-se a imagem de Nossa Senhora da Gloria, allumiada por uma candeia de barro vermelho, grosseiramente fabricada.

Na gruta havia apenas uma bilha do mesmo barro, e uma panella na qual extrahia o ermitão o azeite da mamona, que macerava entre dous seixos. A cama era o chão duro, e servia-lhe de travesseiro um toro de páu.

Estes contos feitos pelos dous moços caçadores

excitaram ao ultimo ponto a curiosidade de toda a gente de S. Sebastião e desde o dia seguinte muitos se botaram para o outeiro movidos pelo desejo de verificarem por si mesmo, com os proprios olhos, a verdade do que se dizia.

Frustrou-se-lhes porem o intento. Não lhes foi possivel atinar com o caminho da gruta ; e o que mais admirava, até os dous caçadores que o tinham achado na vespera, estavam de todo o ponto desnorteados.

Ao cabo de grande porfia, descobriram que havia o caminho desaparecido pelo desmoronamento de uma grande rocha, a qual formava uma como ponte suspensa sobre o despenhadeiro da ingreme escarpa.

Acreditou o povo que só Nossa Senhora da Gloria podia ter operado aquelle milagre, pois não havia homem capaz de tamanho esforço, no pequeno espaço de horas que decorrera depois da primeira entrada dos caçadores.

Na opinião dos mestres beatos a Virgem Santissima queria significar por aquelle modo sua vontade de ser adorada em segredo e longe das vistas pelo ermitão ; o que era, acrescentavam, um signal de graça mui particular, que só obtinham raros e afortunados devotos.

Desde então ninguém mais se animou a subir ao pinheiro do outeiro, onde estava o nicho de Nossa Senhora da Gloria; porem vinham muitos fieis até o lugar onde se fendera a rocha, para verem os signaes vivos do milagre.

Foi por esse tempo tambem que o povo começou a designar o outeiro do Catete, pela invocação de Nossa Senhora da Gloria; d'onde veio o nome que tem hoje esse bairro da cidade.

---



## XVIII

## O MENDIGO

Estava a findar o anno de 1659.

Ainda vivia Duarte de Moraes, então com sessenta e cinco annos; mas viuvo da boa Ursula que o deixara havia dez para ir esperal-o no céu.

Era por tarde, tarde calida, mas formosa, como são as do Rio de Janeiro durante o verão.

O velho estava sentado em um banco á porta de casa, tomando o fresco, e scismando nos temposidos, quando se não distrahia em ver os meninos que fôlgavam pela rua.

Um mendigo, coberto de andrajos e arrimado a uma muleta, approximou-se e parando em frente ao velho esteve por muito tempo a olha-lo, e á casa, que aliás não merecia tamanha attenção.

Notou afinal o velho Duarte aquella insistencia, e remexendo no largo bolso da vestia lá sacou um real, com que acenou ao mendigo.

Este com um riso pungente, que lhe contrahiu as feições já decompostas, achegou-se para receber a esmola. Apertando convulso a mão do velho, beijou-a com expressão de humildade e respeito.

Não se demorou porém. Arrancando-se a commoção e affastou-se rápido. Sentiu o velho Duarte ao recolher a mão que ella ficara humida do pranto do mendigo. Seus olhos cançados da velhice acompanharam o vulto coberto de andrajos; e já este havia desaparecido, que ainda elles estendiam pelo espaço a sua muda interrogação.

Quem havia no mundo ainda para derramar aquelle pranto de ternura ao encontral-o a elle, pobre peregrino da vida que chegava só ao termo da romagem?

— Antonio de Caminha! murmuraram os frouxos labios do velho.

Não se enganara Duarte de Moraes. Era de feito Antonio de Caminha, quem elle entrevira mais com o coração do que com a vista já turva, entre a barba esqualida e as rugas precoces do rosto macilento do mendigo.

Que desgraças tinham abatido o gentil cavalleiro nos annos decorridos?

Partido do porto do Rio de Janeiro, Antonio

de Caminha aproou para Lisboa, onde contava gozar das riquezas, que lhe havia legado Ayres de Lucena, quando morrera para o mundo.

Caminha era dessa tempera de homens, que não possuindo em si bastante fortaleza de ani no para resistir ao infortunio buscam atordoar-se.

O golpe que soffrera com a perda de Maria da Gloria, o lançou na vida de prazeres e dissipações, qual outrora a vivera Ayres de Lucena, si não era ainda mais desregrada.

Chegado á Bahia, por onde fez escala, foi Antonio de Caminha arrastado pelo fausto que havia na então capital do Estado do Brasil, e de que nos deixou noticia o chronista Gabriel Soares.

A escuna, outrora consagrada a Virgem Purissima, transformou-se em uma taverna de brodios e convivios. No tombadilho onde os rudes marinhos ajoelhavam para invocar a protecção da sua Gloriosa Padroeira, não se via agora sinão a meza dos banquetes, nem se escutavam mais que fallas de amor e bocejos de ebrios.

A dama em tenção de quem se davam esses festins era uma cortezã da cidade do Salvador, tão notavel pela formosura, como pelos escandalos com que affrontava a moral e a igreja.

Um dia, teve a peccadora a fantasia de trocar

o nome de *Maria da Gloria* que tinha a escuna, pelo de *Maria dos Prazeres* que ella troucera da pia, e tão proprio lhe sahira.

Com o espirito annueado pelos vapores do vinho, não teve Antonio de Caminha força, nem vontade de resistir ao requebro d'olhos que lançou-lhe a dama.

Bruno, o velho Bruno, indignou-se quando soube disso, que para elle era uma profanação. A sua voz severa, os marujos sentiram-se abalados; mas o capitão affogou-lhes os escrupulos em novas libações. Essas almas rudes e viris, já o vicio as tinha enervado.

Naquella mesma tarde consumou-se a profanação. A escuna recebeu o nome da cortezã: e o velho, da amurada onde assistira a cerimonia, arrojou-se ao mar, lançando ao navio esta praga:

— A Senhora da Gloria te castigue, e aquelles que te fizeram alcouce de barregans.

---

## XIX

## A PENITENCIA

Antes de findar a semana largou a escuna *Maria dos Prazeres* do porto do Salvador, com o dia sereno e mar de bonança, por uma formosa manhã de abril.

Tempo mais de feição para a partida não o podiam desejar os marujos; e todavia despediam-se elles tristes e soturnos da linda cidade do Salvador, e de suas formosas collinas.

Ao suspender do ferro partira-se a amarra, deixando a ancora no fundo, o que era máo agouro para a viagem. Mas Antonio de Caminha riu-se do terror de sua gente, e metteu o caso á bulha.

— Isto quer dizer que havemos de tornar breve á esta boa terra, pois cá nos fica a ancora do navio, e a de nós-outros.

Singrava a escuna dias depois com todo o panno

cutellos e varredouras. Estava o sol a pino; os marujos dormitavam abrigados pela sombra das vellas.

Á proa assomava dentre as ondas um rochedo, que servia de pouso a grande quantidade de alcatrazes ou corvos do mar, cujos pios lugubres ululavam pelas solidões do oceano.

Era a ilha de Fernando de Noronha.

Ao passar fronteira a escuna, cahiu um pegão de vento, que arrebatou o navio e o despedaçou contra os rochedos, como si fôra uma concha da praia.

Antonio de Caminha que seesteava em seu camarim, depois de muitas horas, ao dar accordo de sia, achou-se estendido no meio de uma restinga sem atinar em como fôra para ali transportado, e o que era feito de seu navio.

Só ao alvorecer, quando o mar rejeitou os destroços da escuna e os corpos de seus companheiros, comprehendeu elle o que era passado.

Muitos annos viveu o mancebo ali, naquelle rochedo deserto, nutrindo-se de mariscos e ovos de alcatrazes, e habitando uma gruta, que usurpara á esses companheiros de seu exilio.

As vezes branquejava uma vella no horizonte: mas debalde fazia elle signaes, e lançava não gritos

já, mas rugidos de desespero. O navio singrava alem e perdia-se na immensidade dos mares.

Afinal o recolheu um bergantim que tornava ao reino. Eram passados annos, dos quaes perdera a conta. Ninguem já se lembrava delle.

Varias vezes, tentou Caminha a fortuna, que si de todas lhe sorriu, foi só para mais cruel tornar-lhe o mallogro das esperanças. Quando ia medrando, e a vida se embellecia aos raios da felicidade, vinha o sopro da fatalidade que de novo o abatia.

Mudava de profissão, mas não mudava de sorte. Afinal cançou na luta, resignaddo-se a viver da caridade publica, e a morrer quando esta o desamparasse.

Um pensamento porem o dominava, que o trazia constantemente a ribeira, onde supplicava á todos os maritimos que passavam, a esmola de leval-o ao Rio de Janeiro.

Achou emfim quem delle se commiserasse; e ao cabo de bem annos aportara á S. Sebastião. Chegara n'aquella hora e atravessava a cidade, quando viu o tio á porta da casa.

Deixando o velho Duarte, seguiu alem pelo Boqueirão da Carioca e foi até a abra que ficava nas faldas do outeiro do Catete, no mesmo ponto em

que trinta annos antes se despedira de Ayres de Lucena.

Galçou a encosta pelo trilho que então vira tomar o corsario, e achou-se no tope do outeiro. Ahi o surpreendeu um gemido que sabia da proxima gruta.

Penetrou o mendigo na caverna, e viu prostrado por terra o corpo immovel de um ermitão. Ao ruido de seus passos, soergueu este as palpebras, e seus olhos baços se illuminaram.

A custo levantou a mão apontando para a imagem de Nossa Senhora da Gloria, posta em seu nicho á entrada da gruta; e cerrou de novo os olhos.

Já não era deste mundo.

---

## EPILOGO

---

Antonio de Caminha accitou o legado de Ayres de Lucena.

Vestiu a esclavina do finado ermitão, e tomou conta da gruta onde aquelle vivera tantos annos.

Viera aquelle sitio como em santa romaria para obter perdão do aggravo que fizera á imagem de Nossa Senhora da Glória, e chegara justamente quando expirava o ermitão que a servia.

Resolveu pois consagrar o resto de sua vida a expiar nessa devoção a sua culpa; e todas os annos no dia da Assumpção, levantava uma capella volante, onde celebrava-se a gloria da Virgem Purissima.

Toda a gente de S. Sebastião e muita de fória em romagem ao outeiro levar as suas promessas e esmolas, com as quaes pôde Antonio de Ca-

minha construir em 1671 uma tosca ermida de taipa, no mesmo sitio onde está a igreja.

Com o andar dos tempos arruinou-se a ermida, sobretudo depois que entrado pelos annos, rendeu alma ao Creador o ermitão que a tinha edificado.

Antonio Caminha finou-se em cheiro de santidade; e foi a seu rogo sepultado junto do primeiro ermitão do outeiro, cujo segredo morreu com elle.

Mais tarde, já no seculo passado, quando a grande mata do Catete foi roteada e o povoado estendeu-se pelas apraziveis encostas; houve ali uma chacara, cujo terreno abrangia o outeiro e suas cercanias.

Tendo-se formado uma irmandade para a veneração de Nossa Senhora da Gloria, que tantos milagres fazia, os donos da chacara do Catete cederam o outeiro para a edificação de uma igreja decente e seu patrimonio.

Foi então que se tratou de construir o templo que actualmente existe, ao qual se deu começo em 1714.

**III**

**A ALMA DO LAZARO**



## ADVERTENCIA

---

Este alfarrabio, não o devo ao meu velho chronista do Passeio Publico. É como se disse no prologo uma excavação dos tempos escolasticos.

Tem elle porem, si me não engano, o mesmo sabor de antiguidade que os outros, e ao folhea-lo estou que o leitor hade sentir o bafio de velhice, que respira das cousas por muito tempo guardadas.

Para alguns esse mofo litterario é desagradavel. Ha porem antiquarios que acham particular encanto nestas exudacões do passado que reçam dos velhos monumentos e dos velhos livros.

Rio de Janeiro, Dezembro de 1872.



# A ALMA DO LAZARO

---

## PRIMEIRA PARTE

### A ALMA PENADA

---

#### I

Triste irrisão é a gloria.

Quantos engenhos sublimes, creados para as arrojadas concepções, que ficam ahi tolhidos pelo estalão do viver banal, sinão sepultos em vida na indiferença, quando não é no desprezo das turbas?

Tambem quanta ralé, feita para patinhar no pó, que se ala ás eminencias, insuflada pelos parvos, e se apavona com as galas da celebridade?

E dizer que homens de são juizo, labutam ou porfiam apoz esse fogo fatuo, e deslumbram-se a ponto de esquecerem affectos e bens, sacrificados em má hora á illusão fallaz.

Lá volvem os annos; e um dia vem á flor da terra o craneo que foi um poeta, ou um heróe. Quem se importa com o sobejo dos vermes? É um pouco de cal e nada mais. Não tarda que a pata do homem ou do bruto passando por ahi triture esse pó, a que animou outr'ora o sopro de Deus, *mens diviniór*.

O author do *diario do lazaro* foi um de tantos engenhos, atados á grilheta da miseria. Poeta desconhecido, emquanto a sua alma inspirada se derramava em ancias e prantos, o bestunto de muito zote agaloadado, la se estava enfunando com os applausos, furtados á virtude e saber.

Foi ha muito tempo.

Era eu estudante na acadenia de Olinda. Tinha então desenove annos; e sentia minhas quedas para a poesia, mas pela poesia plebea, em prosa estirada, que isso de verso é cousa com que não se conformava o meu espirito. Vão la medir o pensamento, rimar as paixões?

Muitas vezes succedia-me nas vigalias do estudo apanhar o *eu* em flagrante delicto de litteratura, á idear romances e fantasiar dramas, emquanto la o outro, o estudante de carne e osso tressuava as voltas com o *Corpus Juris Civilis*.

Qual é a alma que nas primeiras expansões da

vida, a dilatar-se pelos largos horisontes desta terra do Brasil ; á embeber-se nas ondas de luz que immergem essa porção mimosa da criação ; a coar-se nas harmonias das brizas que passam pelas florestas ; não solta o vôo e se arroja ao céu, embora o calor do sol lhe requeme as azas, precipitando-a n'um oceano, que é a duvida.

Era poeta ; posso confessal-o agora que essa velleidade passou de uma feita e ja agora não voltará mais.

Tinha a febre da imaginação que delira, envolvendo-se como em uma chrisalida, no prisma de suas illusões.

Olinda, a velha cidade em ruinas, abrigando no seio a mocidade rica de seiva e de vida ; o passado com todas as suas gloriosas recordações, e o futuro com as suas brilhantes esperanças ; essa alliança misteriosa de dois mundos, de duas gerações, uma apenas em flor, a outra ja cinzas, separadas pelo tempo, e reunidas pelas vicissitudes da existencia humana, me impressionava profundamente.

A descuidosa jovialidade da vida do estudante, o riso franco, o dito chistoso, a magra ceia que o prazer fazia lauta, o descante livre, tudo isto que em outra scena seria tão natural, me pa-

recia uma profanação no meio desses muros aluidos, desses claustros ermos, sobre esse tumulto de uma população extincta, á face dessa cidade mumia.

Meu gosto era vagar á callada da noute pór aquellas ruas solitarias, quando cessava o arruido; quando a palpitação e o resfolgar de emprestada existencia ja não galvanisava o cadaver da nobre e florescente villa de Duarte Coelho.

De ordinario ia sentar-me no adro d'esse convento do Carmo, esqueleto de pedra, cuja ossada gigante o tempo ainda não tinha de todo arruinado. De um lado, sobre a quebrada que faz a montanha, descortinava-se o mar limpido e calmo; do outro erguia-se a massa informe da cidade recortando o seu perfil no azul do céu.

O silencio que pesava sobre aquella solidão era apenas interrompido pelo esvoçar d'alguma ave nocturna no ambito do claustro, pelo estalido das fendas que se abriam nos muros, e pelo attrito das escaras soltas das velhas paredes.

A's vezes a lua vinha dar á esta scena triste e grave, traços fantasticos, e um toque de sua doce e suave melancholia. Os raios da luz pallida e alvacentá, esbatendo-se nas pedras do atrio, enfiando pelas largas frestas, e debuxando nos claros

sombras esguias creavam mil formas incertas e vacillantes.

Era por momentos como um vasto lençol que amortalhava as ruínas do antigo edificio; logo depois afiguravam-se vultos de carmelitas cobertos da alva estamena, á percorrer o claustro solitario, e á murmurar as sagradas lithanias; alguma vez parecia-me ver passar deante de meus olhos uma d'essas lamias, de que a imaginação popular em outras eras povoou os templos abandonados.

Ahi as recordações historicas, dormidas sobre este solo, em cada pedra que tombára das antigas construcções, accordavam umas apoz outras no meu espirito; e me faziam reviver na memoria os dous seculos que tinham volvido sobre as diversas gerações de homens e de casas, de que apenas restavam alguns nomes e alguns muros.

O mar a perder-se no horisonte lembrava-me a flotilha de Duarte Coelho, o donatario de Pernambuco, aportando áquella costa em 1535, e trazendo a seu bordo a colonia que nesse mesmo anno fundou a villa de Olinda, com o auxilio dos chefes indios, Mirauby, Itagipe e Itabira, e das suas tribus selvagens.

Lembrava-me a grande armada hollandeza com-

mandada por Locnq, que surgiu a 14 de Fevereiro de 1631 diante da cidade, e em alguns dias assenhoreou-se d'ella com facil victoria, pelo terror que se apoderou dos habitantes, apezar dos esforços de Mathias de Albuquerque.

Lembrava-me os combates navaes das forças hespanholas e portuguezas contra os hollandezes; especialmente o de 12 de Setembro de 1631 em que Pater, depois de sete horas de peleja, batido por Oquendo, abandonado da tripulação em sua náu preza das chammás, preferiu á salvação que tinha por deshonra uma morte gloriosa; e envolvendo-se na bandeira nacional sepultou-se no Oceano, *unico tumulo digno de um almirante batavo*.

O isthmo, os fortes do Mar e de S. Jorge, o antigo collegio dos Jesuitas e o convento de S. Francisco, recordavam a resistencia heroica dos poucos que não abandonaram o seu general na defeza da colônia, mas que afinal foram obrigados a ceder ao numero.

Os edificios em ruina ainda tinham gravados nos seus muros os vestigios do incendio que em 1631 os hollandezes lançaram á cidade, quando reconheceram a impossibilidade de conserval-a e

a necessidade de concentrar-se no povoado do Recife.

Alem, a varzea que se estendia pela margem direita do Beberibe, semeada de quintas e de jardins, apresentava ainda o sitio desse *Arraial do Bom Jesus*, centro da resistencia heroica, com que durante o espaço de cinco annos, os Pernambucanos fizeram esquecer por feitos e acções gloriosas, dignas da idade homericã, um momento de fraqueza e temor na rendicção da colonia.

Em fim, aquella solidão e silencio testemunhavam a decadencia de Olinda, que a fundação da cidade *Mauricia* mais do que o incendio, apressára ; sobre tudo depois que a guerra civil dos *Mascates*, roubou-lhe para dar á sua rival, a primazia como capital de Pernambuco.

E quando todas essas recordações tinham voado e revoado por meu espirito, interrogava os muros do convento, e os comoros de pedras, como para arrancar-lhes o segredo de algum factõ interessante de que se perdera a tradicção, ou a palavra de algum drama desconhecido, que o coração naturalmente representára a par com acontecimentos politicos.

A guerra, o incendio, a luta das raças, as revo-

luções, não passaram por ahí sem o cortejo infalível das paixões humanas. Os feitos de armas, as acções de heroismo, o morticínio, o crime e a virtude em suas energicas manifestações, deviam prender-se necessariamente por um fio misterioso á alguma historia de amor, ou a algum episodio de vingança.

Era justamente essa chronica do coração, esquecida pelos annalistas do tempo, que eu pedia áquellas ruinas.

Quantas vezes não sondei esses destroços de alvenaria, essas paredes nuas, procurando, nem sei o que, uma memoria, um nome, uma inscripção, uma phrase que me revellasse algum misterio, que me dissesse o epilogo de alguma lenda que a imaginação completaria !

Mas o velho convento ficava mudo e impassível : os muros, lavados pela chuva e pelo vento, estavam descarnados : as pedras já não conservavam os vestigios da mão do homem ; e a eloquencia do silencio que plainava sobre o templo, dizia apenas a ruina.

Cançado, extenuado de corpo e espirito, partia-me depois de duas ou tres horas de meditação e de investigações inuteis, trazendo ainda para a insomniá as impressões varias, as reflexões

profundas que despertára essa evocação do passado.

No dia seguinte voltava ; não me podia resignar á idéa de que esse claustro não guardasse para mim alguma revellação poetica ; tinha um presentimento, que mais tarde devia realisar-se, de um modo inesperado.

Eis como.

---



## II

Uma noite, seriam onze horas passadas, estava eu sentado no adro do convento. Fazia luar; porem o céo nublava-se; o ar era pesado, o mar sem ondulações arquejava como oppresso; a chamma phosphorescente do relampago illuminava a fimbria das nuvens escuras. Uma grande tempestade estava eminente.

Emquanto a natureza preparava e dispunha a scena em que os elementos iam representar, estive embebido á contemplar os progressos da borrasca; mas quando a primeira gota, humedecendo as lages, annunciou-me a chuva, immediatamente e como por encanto acalmou-se a sede ardente de poesia e misterio que me devorava.

Ergui-me, com animo de ganhar a casa sem demora.

Mas os joelhos dobraram-se, e um frio de gelo

correu-me pelo corpo, arrufando a pelle e irriçando-me os cabellos ; foi-me preciso grande esforço para dominar-me, e vencer o susto pueril que me tomara de sorpresa.

Tinha ouvido uma voz tremula que resava cantando á surdina uma ladainha de Igreja ; e pareceu-me que afinal chegara a occasião de ver surgir diante de mim um desses fantasmas que nas minhas extravagantes elocubrações, eu tantas vezes evocára.

Revesti-me de coragem ; voltei-me para o interior do convento, e adiantei-me alguns passos na direcção da voz que murmurava sempre as suas resas de cantochão.

De repente, n'uma pavêa de luz que enfiava por larga brecha do tecto prestes a desmoronar-se, destacou um vulto de alta estatura, envolto n'uma tunica preta e roçagante, sobre a qual a longa barba branca brilhava com os reflexos da lua. Avançava lentamente, apoiando-se sobre um baculo que trazia na mão esquerda.

Julguei... Nem sei o que julguei, de tantas e tão encontradas que foram as idéas que me assaltaram então. Entre outras pareceu-me ver o fantasma de um dos antigos Piores do Carmo,

acabando de officiar em pontifical, e tornando á sua cella.

Recuei instinctivamente; e com esse movimento projectando-me no claro de uma janella fui percebido do vulto, que por sua vez tambem estacou, soltando uma exclamação de espanto ou de surpresa.

Decorreu um instante em que ambos, com os olhos fitos, nos examinamos reciprocamente; o que se passava no seu espirito não o podia advinhar; o que se passou no meu, qualquer, ainda o mais destemido, pode bem suppor. A final o vulto endireitou para mim, e veio aproximando-se; cosi-me com a parede, e esperei-o.

Quando elle chegou a dois passos conheci o meu engano, e estive para soltar uma gargalhada, escarnecendo de mim mesmo. O meu fantasma era apenas um velho pescador; a tunica preta e roçagante uma rede de malhas; e o baculo de prior não passava de um remo de canôa.

— Bemdito e louvado seja o Senhor! foi a saudação que me dirigiu.

— Deos lhe de boa noite; respondi eu já de animo sereno.

— Para o servir, e a vos'senhoria no que mandar deste seu servo.

— Obrigado, meu velho.

Essa cortezia antiga, inspirada na religiãc, e a voz grave e arrastada do velho, junta a expressãc doce de seu rosto, me excitaram viva sympathia.

— Vai hoje muito tarde para a pesca? disse-lhe eu reatando o fio ao dialogo.

— Quem sabe quando irei? A tempestade não tarda comosco. Cuidei que adiantava sabindo mais cedo, e a final de contas atrasei.

— Mora longe d'aqui?

— Lá em baixo l respondeu apontando para a praia que se prolonga ao norte.

Os relampagos fuzilavam á miudo; e a chuya começava a bater no telhado.

— Então tenha vos'senhoria boa noite; vou ver se me arranjo para passar o aguaceiro, que promette durar.

— Ah! veio abrigar-se aqui? E não tem medo deste tecto esburacado e destas paredes raxadas?

— Será o que Deos for servido. Não é a primeira vez que me tem succedido ficar aqui boa parte da noite, e até hoje nenhum mal disto me veio.

— Ora diga-me uma cousa ?...

— O que è, meu senhor ?

— Porque cantava baixinho uma... ladainha, si não me engano.

O velho sorriu com brandura.

— Era o terço. Minha mãe me recommendou que cantasse sempre que houvesse tempestade : e isto me ficou desde menino.

Estava tudo explicado. A minha visão fantástica tinha-se desvanecido, deixando a realidade do encontro simples e natural com um pescador que fôra ao convento abrigar-se da chuva.

Pensei em recolher-me.

— Sabe porque lhe fiz esta pergunta ?

— Vos'senhoria me dirá : respondeu o velho.

— Pois confesso-lhe que me causou um grande susto. Quando ouvi a sua cantiga, e o vi de longe no meio destas ruinas, tão fôra de horas, cuidei que era. . Acredite !... Uma alma do outro mundo.

— Ainda sou deste, graças a Deos : disse o pescador sorrindo : bem que por pouco tempo.

— Ha de sel-o por muitos annos.

O velho abanou a cabeça.

— Os oitenta ja lá vão. Mas deixe dizer-lhe... Tambem a mim, quando o enxerguei, no que a

vista me ajuda, succedeu-me quasi a mesma coisa.

— Tambem causei-lhe susto?

— Susto, não; nesta idade a gente já não se teme, sinão daquelle que está no céo para nos julgar á todos: porem assim um espanto, como si visse uma pessoa que não se espera mais ver, aqui embaixo.

— Já fallecida?

— Senhor, sim.

— Quem?

— Oh! o senhor ainda não era nascido, quando isto foi.

— Ha muitos annos então?

— Se eu já lhes perdi a conta!

— Conte-me isso.

— São cousas velhas que já não lembram a ninguem. Levariam muito tempo.

— Não faz mal.

— Melhor é que vos'senhoria se guarde da chuva que ahi está de pancada, eu vou fazer outro tanto.

Si eu mesmo perdia uma historia do seculo passado, uma anedocta de cabellos brancos, uma antigualha qualquer, depois de ter a procurado inutilmente durante mais de cinco mezes.

— Por mim, não tenha cuidado; respondi: trate de accomodar-se, e si não tiver somno, conversaremos.

— Somno de velho é o descanso do corpo. Venha vos'senhoria já que assim o quer.

Chegamo-nos a um dos angulos do velho convento, onde algumas paredes interiores formavam outr'ora uma sacristia: o pavimento do primeiro andar não tinha ainda desabado nesse lugar.

O velho enrolou a rede de que fez uma especie de almofada; tirou fogo do fusil e accendeu o caximbo, enquanto eu sentado sobre um troço de parede, e devorado pela curiosidade, preparava o meu cigarro.

---



## III

Começou o velho :

— Fazem, si quer que lhe diga, não sei quantos annos. Era eu tamaninho como esta minha pá de remo.

« O pai vivia da pesca, como o avô ; porque isto de pescador parece que é officio de familia, que vai passando de filho a neto. Quazi todas as noites elle me levava comsigo quando ia ao mar ; e pequeno como era sabia arrumar a canóa e botal-a ao largo.

« Já então costumava o pai na volta da pescaria descanzar aqui. Punha a canóa em seco ; deixava passar o resto da noite, e lá pela madrugada iamós vender o peixe ao Recife, porque em Olinda, afóra a cleresia, tudo o mais era miuçalha.

« Havia ali assim no fundo do convento, bem na praia, uma casa velha, tão velha que es-

tava cahe, não cahe. Também os donos, ninguém mais sabia d'elles. Nem viva alma ali morava.

« Uma noite, lá do largo, a gente viu uma luz acceza na janella da banda do mar. Eram que horas ! Não tardava um instantinho que amanhecesse.

« — Estás vendo, Tónico ? »

A voz do pescador tornou se tremula ; e á tenue claridade da lua encoberta vi-o que enxugava com a mão rude e callosa, uma lagrima de saudade.

— Meu nome de baptismo é Antonio. . Porem o pai e a mãe chamavam a gente *Tónico*.

Essa emoção de um velho de oitenta annos, recordando-se do appellido familiar da meninice ; essa memoria poderosa do coração que atravez de uma longa existencia cheia de vicissitudes e trabalhos reflectia com todo o colorido, os quadros singelos da infancia, tocou-me.

Achei sublime isto, que outros acharão ridiculo talvez.

O velho continuou, passada aquella primeira emoção :

« Eu nem respondi ao pai. Estava tremendo.

«—Quem andará ali?... A que tempos a casa velha está abandonada !... Não seja...

« O pai fez o pelo signal. Eu resava baixinho uma *Ave Maria*.

« — Nossa senhora de Nazareth nos deffenda. Rema, rapaz, que o vento escasseou, e a vella está bamba !

« A luz de vez em quando apagava-se como pharol que naquelle tempo inda nem sonhava...

« Quando a gente chegou em terra conheceu que a luz sahia mesmo da janella da casa ; e que o motivo de summir-se e apparecer era uma figura preta que passava e tornava a passar por diante, como um homem que ia e vinha.

« Mas havia um poder de annos, a casa não tinha morador, nem creatura de Deos ali entrava.

« Na outra noite, na outra e na outra, sempre a mesma cousa, tanto que o pai não se poude mais ter, e foi ao sr. Bispo e lhe contou tudo. O santo homem socegou a gente : disse que era um pobre moço doente que veio morar na casa velha ; porque todos fugiam delle, com medo da doença,

— Que doença ? perguntei eu.

— O moço era como o que foi resussitado pelo Christo !

« — Lazaro ?...

« — Senhor, sim. Agora quantos andam por ahí como elle? Maç naquelle tempo não era assim ; a gente pensava que aquillo era uma praga.

« Meu pai tambem cuidava, mas tinha bom coração ; e ficou mais descansado sabendo quem era o morador da casa velha, do que antes quando pensava que ali andava cousa de bruxa.

« Uma vez... já se tinham passado quantos dias depois da luz apparecida. Era pela madrugada, nós estavamos a tirar a canôa para terra. Eis senão quando vimos o moço em pé no adro do convento, como inda agora vi o senhor. E isto me fez lembrar !...

« Esteve um pedaço bom ; depois veio caminhando mansinho para cá.

« O pai quiz fugir. Elle que deu pela cousa, parou, mais que depressa, e foi dizendo :

« Não tenha medo... Não fuja que eu volto.

« Disse estas fallas, assim com uma voz tão doce e tão penada que o pai teve dó d'elle, e ficou com vergonha :

« — Não fujo, não. Precisa de alguma cousa. Diga !...

« — Não preciso de nada !... Sahi por que este

vento me faz bem !... Estou queimando ! Não o tinha visto, não... Sei que não devo chegar-me para os outros.

« — A molestia é para a gente ter medo ; mas também fallar só de longe, não faz mal : disse o pai.

« — Oh ! Ha quanto tempo que não troco uma palavra com um ser humano !

« — E está lhe doendo muito !

« — Horriavelmente !... Porem o que dóe no corpo é o menos !

« Elle se assentou e nós continuamos a enxugar a canôa, sempre de olho nelle.

« — E' para vender o seu peixe ?...

« — E', senhor, sim.

« Foi elle, e disse então como um pobre que pede esmola :

« — Si eu quizesse comprar um ?...

O pai ficou arripiado.

« — Não sei !... dizem que a gente não deve tocar.

« — Escute !... Deite o peixe ahi, na pedra e fuja com o pequeno. Eu vou buscal-o e deixo o dinheiro. Deste modo...

« — Não precisa ! Ahi tem o peixe. Quanto ao dinheiro hade carecer.

« Meu dito, meu feito. O moço foi, e deixou na pedra uma moeda de tostão. O pai, quem viu! Nem lhe quiz tocar. Mas menino bem se importa com doença. Tirante das almas d'outro mundo, não tinha medo de nada.

« Alembrou-me que a mãe precisava de uma vella de cera benta. A della de tanto acender, quando nós andavamos no mar e ventava rijo, já estava n'um toco. Mal que o pai começou de passar pelo somno, fui eu devagarinho, e zás! Apanhei o dinheiro: lavei bem lavado; e escondi no seio para que ninguem visse.

« No outro dia comprei a vella para a mãe. Foi preciso pregar uma mentira. Primeira e derradeira. Era para não assustar a gente em casa. Deos deve me ter perdoado pelo motivo que foi. »

O velho fez uma pausa.

— Chove a valer !... Mau tempo de garoupas !...

— Talvez estie ao amanhecer.

— Si o vento rondar... Mas naquella noite, que eu dizia, quando o moço sahiu, já o pai estava dormindo. Vou eu, dou-lhe o peixe como da vespera, e elle deixou o dinheiro na pedra. A gente

n'aquella idade gosta de saber tudo. Eu quiz ver o que elle estava fazendo accordado até tão tarde; e puz-me a espiar pela fresta da porta. Jesus! O corpo me tremia que nem linha d'anzol, quando o peixe fisga!

« Elle... O moço, estava assando o peixe. Depois comeu sem farinha, sem nada. Bebeu agua, só. Vai por fim, lava as mãos e começa de escrever n'um livro que estava na caixinha...

— Que caixinha?... perguntei, interrompendo o velho.

— A caixinha de folha! retrucou sorprezo da pergunta.

Já sei...

— Ora! onde estava eu com a cabeça. Cuidava que já tinha dito... Mas não! Era uma caixa, assim por este tamanho. Tambem elle não tinha mais trastes sinão aquelle.

« Tive tanto dó... Apanhei o dinheiro, lavei como na outra noite, mas foi para comprar farinha. Trouxe ás escondidas do pai, que ralhava-me si soubesse.

« Não sei como foi. Mas no cabo d'uma semana eu estava tão amigo d'elle, que levavamos a conversar toda a noite d'enfiada. E assim perto um do outro. Tudo que precisava, era eu que

comprava. A elle não vendiam: tinham medo do dinheiro. E o coitado, antes queria vela para estar escrevendo, que o bocado para comer.

« Como são as cousas... Já entrava pela casa dentro, sem pinga de medo. Queria-lhe bem á elle: tambem elle me queria. Um dia perguntei como se chamava.

« Sabe que respondeu?

«— Não tenho nome!... Todos me chamam leproso.

«— Mas seu nome de bautismo?

«— Era Francisco.

« Outra vez, por meus peccados, disse:

— Porque passa todo o santo dia e mais a noite a escrever? Isto faz mal.

« Que olhos que me deitoul Ainda me alembro.

— Estes livros são a minh'alma. O que tu vês em mim, Tónico, são os ossos que a lepra vaê roendo.

« Cruzes! Tive um medo... Das fallas e dos olhos com que me olhou.

« E foi guardando os livros e desatou n'um pranto, n'um pranto... Que parecia um menino a chorar.

« Por esse tempo a gente de Olinda já andava alvoroçada com a estada do moço na casa velha.

Diziam, que falso testemunho, que elle andava empestando a cidade. O reboliço foi crescendo, e um bando sahiu a gritar pelas ruas, e foi e requereu ao juiz do povo que pozesse o leproso para fóra, sinão haviam de mandar procurador a El-rei.

Dois dias, com tanto mar e vento que fez, o pai não sahiu.

Fiquei banzando com a idéa que o pobre moço não tinha quem lhe comprasse a comida. De noite me veio um sonho, e me acordei soluçando.

«— Que tens, Tónico?... De que choras?... perguntou minha mãe.

«— Elle não tem que comer!...

« Isto me sahiu sem querer, quando ainda estava tonto do somno.

«— Elle quem?...

« Vi que era sonho e callei a boca; porém não preguei mais olho.

« Logo na outra noite, emquanto o pai descansava, corri ao quarto do moço; a porta estava cerrada; mas havia luz dentro.

« Elle estava sentado junto da mesa com a testa encostada na caixa onde guardava os livros. A vela ia se acabando. Pensei que estava chorando

como ás vezes costumava; e levantei a cabeça delle com pena.

« Santo nome de Jesus! Soltei um grito! Estava morto! E tinha morrido de fome.

« Quando foram á casa velha para deital-o fóra só acharam o corpo que enterraram na praia. A gente da cidade ficou descançada.

« Mas eu, quem via que podia dormir! Era um sonho atraz do outro. Aqui então!. mesmo acordado, estava vendo a cada passo aquelle vulto de preto com seu rosto triste. Elle que me apparecia tão a miudo, tinha cousa que me pedir.

« O que era?... Puz-me a parafusar!... Vai senão quando me alembrou aquelle dito dos livros :

« *São a minh'alma.* »

« E não era outra cousa! O corpo que sahia da terra, é que a alma andava penando por este mundo! Queria que enterrasse a caixa para seu repouso e descanço delle.

« Porém eu entrar mais na casa! Quem viu!

« Só de me alembrear, os cabellos espetavam, e corria-me pelas costas um suor tão frio.

« Foi Deus que, as paredes de fóra cahiram; e então um domingo, depois da missa, com os outros rapazes que andavam brincando na praia;

fomos e puxamos a caixa ; com uma vara cavou-se um buraco e enterrou-se.

— Aonde? perguntei eu com anciedade.

«— Por fóra dessa parede em que o senhor está encostado. Meu pai tinha-se deitado mais longe ; e eu depois daquella noite não me animava a sahir de perto d'elle.

« Quando acabei de enterrar a caixa, pareceu que me tiravam um peso do coração. Elle ainda me appareceu uma vez. Foi para agradecer... Depois não voltou.

« Deus tenha sua alma. »

---



## IV

O velho tinha acabado a sua historia, que eu ouvira com uma attenção riligiosa.

— Por isso é que sitanto me alembrei delle!... Foi ali mesmo, assim todo vestido de preto, que me appareceu pela primeira vez.

Não escutava mais o pescador; estava cheio da idéa de possuir os manuscriptos que me faziam palpitar, como si fossem um thesouro. E eram realmente um thesouro para mim.

— Diga-me!... E' capaz de acertar com o lugar em que enterrou a caixa.

— Com os olhos fechados!... Os annos que foram, já apagaram muita cousa, mas aquelles tempos de menino, parece que estão voltando!

— Pois venha mostrar-me.

O velho ergueu-se. Sahimos do convento e beiramos a parede que olha o mar. Depois de alguns passos, elle parou.

— Porque é que o senhor quer saber?  
Hesitei; advinhava o escrupulo do velho.

— Por simples curiosidade.

— E' aquil disse elle abaixando a mão.

— Está certo?...

— Estou vendo!

E o pescador ajoelhou-se e fez uma oração. Compreendi que elle respeitava aquella cova como si fosse realmente uma sepultura.

Não perturbei o seu recolhimento: e esperei que terminasse.

— Empréste-me o seu remo?

— Para que? perguntou-me estremecendo.

— Para desenterrar a caixa.

— Isso nunca!

— Porque?... Pensa que esses livros são realmente a sua alma?

— Elle disse.

— Mas Deos não quer que a alma fique na terra como o corpo; ella deve voltar ao céu. E' o que desejo fazer.

O velho abanou a cabeça.

— Ouça!... Se a alma desse moço está nos livros, para que ella volte ao céu é preciso que entre em outras almas vivas. Aquillo que elle escreveu deve ser lido...

Foi-me preciso acceitar a crença do velho que era muito profunda, para ser abalada.

Procurei tirar d'ella argumentos que o convencessem de que não entrava nas minhas intenções commeter um sacrilegio.

O pescador reflectiu.

—Mas si isso é verdade, por que razão elle me pediu que enterrasse a caixa ?...

Tive uma inspiração.

—Quando elle morreu, — respondi — ninguem se animaria a tocar no que lhe pertencia, com receio da molestia. Os livros ficariam perdidos... Por isso pediu-lhe que os enterrasse. Mais tarde devia alguém achar...

—Hade ser isto !

Cavamos tres palmos ; creio que si abrisse o tumulo de um ente que me fosse caro, não sentiria as emoções porque passei n'aquelle momento. O pescador, na ingenuidade de sua crença tinha razão ; era a alma de um homem, talvez de um poeta, que estava ali sepultada.

A chuva, que cahira a cantaros amollecera o terreno, e facilitara o trabalho : depois de um quarto de hora de escavação, o pescador tirou do chão uma caixa de folha, que teria dois palmos

de comprimento sobre um e meio de largo, e já inteiramente oxidada.

Despedi-me do velho, a quem fiz acceitar a muito custo a pequena esportula que comportavam as magras economias do estudante: e carregado com o meu thesouro recolhi-me.

Ao despedir-me, o meo companheiro pediu-me um favor.

—Quando o senhor abrir a caixa, si pudesse ser...

—Falle ! Não tenha receio.

—Eu queria saber o que elle escreveu... Talvez não entenda !

—Fique descançado.

Ensinei-lhe a minha casa ; onde elle foi muitas vezes, e onde passou horas e horas á escutar a leitura que eu lhe fazia de alguns trechos dos livros.

Chegando a casa, não dormi ; eram quatro horas da madrugada, e não tinha somno. Abri, ou antes arrombei a caixa, e achei dentro tres volumes *in-folio*, cobertos de pergaminho, uma pequena mecha de cabellos grisalhos, uma flor seca que desfez-se em pó quando a toquei, e uma bolsa com algumas moedas de cobre.

Dos volumes *in-folio*, dois escritos de principio a fim com uma lettra grossa e tremula, con-

tinham alguns episodios da guerra hollandeza, e da chronica dos tempos coloniaes; o seo author lhes dera o titulo singelo de— *Historias que me contou minha mãe.* »

O terceiro volume era um diario, escripto com pequenas interrupções; não tinha titulo: nem fora concluido.

Estavam todos em tal estado que me foi preciso copia-los á pressa; e assim mesmo em muitos lugares as lettras com a humidade tinhão se apagado de modo, que só pelo sentido pude advinhar as palavras.

São estes livros que hoje começo a dar á estampa.

Talvez á alguém cause reparo porque vinte e tantos annos deccorreram só agora me résolvi á publical-os?

A razão é simples.

Quando pela primeira vez li o diario do lazaro, convenci-me que o estylo embora simples e terso carecia de ser retocado ao gosto da epocha; e dei-me á esse trabalho. Apenas vesti de novo a primeira parte, me arrependi; quiz-me parecer que era uma profanação tirar ao pensamento do escriptor a sua frase rude ás vezes, mas sempre

expressiva : rasguei o que tinha escripto para escrever de novo.

Demais achava a primeira parte do livro tão triste a cortar-me o coração que receiava publical-a. Ao mesmo tempo que não me soffria a consciencia, deixar ignorada a memoria do escriptor, cujas obras queria dar á estampa ; pois essa parte de que fallo é o diario.

Foi então que a ambicção me veio tomar no melhor dos sonhos da mocidade e conduziu-me ao travez de uma vida sempre agitada á quadra dos desenganos, na qual me deixou isolado, mas tranquillo.

Voltei então para os meos estudos litterarios, com immenso prazer os meos esboços de obras mal alinhavadas, os meos versos truncados, e revi a minha juventude naquellas reliquias das primeiras inspirações.

Entre esses papeis velhos deparei com a copia ou versão do antigo manuscripto. Lembrei-me do que promettera ao velho ; e senti como um remorso de haver por tanto tempo conservado no esquecimento a *alma* desse ignoto poeta do seculo passado.

Este livro é pois um voto.

---

# A ALMA DO LAZARO

---

SEGUNDA PARTE

O DIARIO

---

1752

---

7 DE MARÇO

Estou só no mundo.

Minha mãe morreu... Pobre mãe !... Antes assim! Devias soffrer muito á ver teu filho asco e horror da gente... Mas porque me deixaste neste valle de lagrimas ?

Minha alma morreu contigo. Vivem as ulceras que devoram estes restos de corpo, sobejo da enfermidade terrivel ! Sem ti que me consolavas, que soffrias comigo da minha angustia, que vai ser de mim neste exilio ?...

Resta-me uma irmã.

Foi... Agora tem outra familia. Ella me quer, bem sei, e com amor. Mas sou um estranho para

os seus. Metto-lhe medo. Não por ella... Por seus filhos. E tem razão.

Tu só, mãe, não tinhas nojo de meu halito de peste ! Tu só não te arreceiavas do fogo que me abraza o sangue ! Tu só não me abandonaste em quanto o senhor não te chamou !

Devia chamar-nos á ambos.

A quem direi agora a minha dor, si tu não estás aqui para ouvil-a ? Ao vento para levar-a á gente que me escarnece?... Sim, ao vento ! Fossem peçonha minhas palavras, que eu as cuspiria sobre elles sem dó, como dó não tiveram do misero de mim.

Perdoai-me, Senhor !... Menti ! Elles não me fizeram nenhum mal. Que culpa tem do castigo que pesa sobre o infeliz ?..

Quando estavas ao meu lado, mãe, eras alivio ao meu padecimento. Meu gemido ia ao teu coração ; e por não te ver soffrer, eu soffria menos.

---

## 8 DE MARÇO

Vi-te pela ultima vez.

A terra abriu-se para roubar-te aos meus braços. Se não me tivessem arrancado !... Eu dormiria em teu seio o ultimo somno, como dormi o primeiro, feliz e tranquillo.

Este annel de cabellos é tudo que me resta de ti. Mas tu vives em minha alma.

Eu te sinto em mim. Fallo-te ; me respondes.

---

## 9 DE MARÇO

Que profunda é a solidão desta casa depois que tu não a habitas comigo !

Parece-me um tumulo.

Na sepultura em que descanças na igreja de S. Pedro Gonçalves, não sentes nem o peso da terra, nem o prurido dos vermes. Tua alma branca e pura, gosa no seio do Creador.

Na minha sepultura, eu me sinto asphixiar pelo silencio, que me é mortalha. Quando alguma vez o borborinho do mundo penetra aqui, é para despertar a modorra da agonia.

A noite desce, como a lousa fria e negra. Ah ! si como ella me trouxesse o repouso !... Mas é só morte ao coração, á fé, á crença. A dor vive em meu cadaver.

Quando tu aqui estavas, vinham ainda ver-te algumas velhas amigas de infancia. Tão santa cousa é a affeição !... Vencia o receio e a repugnancia que eu lhes inspirava.

Agora, ninguem virá. Luiza não póde, nem deve. E' minha irmã ; mas é mãe. Não o fora, que eu lhe pediria para não vir. Soffreria mais da compaixão della, que não soffro do meu supplicio.

Amigos, nunca os tive. Parentes já não os tenho. Depois que morri, não me conhecem... Sim ! conhecem-me, quando me fogem.

Maria, a nossa escrava, é o unico ser humano, com quem fallo. Ao menos tem a forma... Deve existir uma alma ali dentro.

---

## 10 DE MARÇO

Depois que me deixaste, mãe, sinto um consolo immenso, em escrever. E' como si te fallasse.

Comecei hoje a tirar sobre o papel, do coração onde as tenho intactas, aquellas bonitas historias, que aprendeste de meu avô. Foram-me balsamo, ouvidas de teus labios nas horas da vigilia ; porque o espirito ia-se nellas, e o fogo queimava só uma carne insensivel. São-me conforto agora contra o desanimo que me invade. Escrevendo-as, estou contigo. A ternura que derramaste nellas é um santo oleo. Vasa-me do seio, onde o verteste e unge-me. Tuas palavras, escuto-as ainda. Deu-lhes tua alma uma voz, para que murmurem assim ao meu ouvido ?

A recórdar o que me contaste, vivo nesse tempo bom de fé e heroismo. Não me admiram feitos grandes que houve então. O espirito respirava na estima do povo, como se respira o ar na atmosphaera, um resaibo de nobreza. Era mãe a patria, que deffendiam filhos dedicados. Foi de-

pois que a fizeram senhora, mal servida por famulos interesseiros.

Mal de mim que não nasci naquelle tempo !... Não me negariam o direito de morrer combatendo pela independencia da minha terra. O soldado que a todo o instante via a morte, não se temeria do contacto de um pobre enfermo.... A bala do arcabuz, ou o golpe da lança, é mais terrível do que a lepra.

Nesta era o soldado fez-se aventureiro. Joga a vida pelo lucro. Si me offerecesse por companheiro seu, me haviam de repellir. O mais bravo fugiria de mim ! Que horrível anathema trago impresso na fronte !...

---

## 11 DE MARÇO

Luiza veio ver-me. Tarde, bem tarde da noite, para evitar suspeitas.

Parece que o mundo reputa crime consolar uma irmã á seu irmão afflicto ! Mas o irmão é um leproso !... Seu marido lhe perdoaria talvez si ella voltasse com o labio manchado pelo beijo adul-

tero. Nunca, si esse labio tivesse bafejado a face ardente do misero enfermo.

Deliro !...

Esta visita fez-me mal. Sou injusto. Luiza me ama; não teme o contagios, ou si o teme, seu amor por mim e mais forte. Quiz abraçar-me !... Fui eu que a repelli !... a ella o único ente que não me foge !

Amo-a eu mais do que a ti, mãi, para ter essa coragem ?...

Não ! E' que tu me pertencias, como eu á ti. E' que nos tinhamos dado um ao outro, naturalmente, sem esforço, sem sacrificio. E' que eu vivia nos teus braços, como tinha vivido nas tuas entranhas, ligado pelo mesmo elo o teu amor.

Luiza veio para communicar-me a sua resolução, della e de seu marido. Não quer a parte que lhe cabe da nossa pequena herança; deixa-me tudo, porque necessito mais, e não posso trabalhar.

Recusei e não lhe agradei.

Como rala essa compaixão ! Tem-me por um homem inutil, incapaz de ganhar o sustento para o corpo. Por fim ella pensa bem. Quem aceitará a obra tocada por minhas mãos, e impregnada do meu suor ?

## 12 DE MARÇO

Passei toda a manhã a ensinar á Maria as orações que aprendi em teu collo.

Não as comprehende, nem sabe repetil-as comigo ! Que somno profundo dorme essa alma ! Nada a perturba. O corpo ali move-se pelo instincto, ou talvez pelo habito...

Comtudo é uma creatura humana. Ouve... E eu sinto um prazer inconcebivel em fallar á alguem !...

---

16 DE MARÇO

Esses dias tenho levado a escrever o meu livro.

Dei-lhe um titulo bem mesquinho para os outros que não lhe sabem, a significação ; mas bem gentil, e sobretudo : bem verdadeiro para mim.

Chamei-o: *Livro das historias que me contou minha mãe.*

Tenho dellas acabada a primeira. E' a historia de D. Maria de Souza. Tambem ella foi mãe e soffreu por seus filhos ; tambem ella foi grande pelo heroismo, e forte pela constancia.

Mas como tu que vinte annos acompanhaste a tortura incessante daquelle que geraste para tua pena, sem nunca soltar uma queixa ; como tu, não quero que tenha existido ou possa existir outra mãe.

Pesa-me que não estejas aqui ouvindo-me para ler-te o meu livro ! Acho-o melhor do que nunca esperei de mim. Acho-o bonito. Tem alguma cousa daquella singelesa dos teus contos.

Mas que estou eu dizendo?... Tu me ouves ! Tu leste no meu espirito, muito antes que as palavras se formassem, e que a penna as lançasse no papel !

---

17 DE MARÇO

Estive a reflectir n'um projecto. E' talvez uma loucura. E o que são todos os projectos do

homem, miseravel creatura, de quem zomba o tempo e a fortuna ?

Lembrei-me de dar á estampa o meu livro.

Talvez naquelles que o lessem, excitasse eu alguma sympathia. Não me conhecendo, nem sabendo o meu nome, a repugnancia que inspiro não mataria o interesse pelo author obscuro e ignorado.

Tenho tanta sede de affeição, depois que a tua me deixou vasio o coração !... Sentir-me querido, ainda mesmo de longe e envolto no mysterio, seria uma suprema ventura !

Demais, quem sabe !... Salvaria deste martirio esteril e desta vida inutil alguma cousa.

Um nome, que fosse !

O nome é segunda vida. E' a vida do futuro.

Não lhe chamam gloria?...

---

18 DE MARÇO

Maria voltou da feira sem as compras do dia.

Perguntei-lhe a causa.

Achou palavras para me dizer. Os regatões recusam receber o dinheiro que passou por minhas mãos !

Meu Deos !.. Dai-me força para soffrer com resignação ! Preciso d'ella ! Sinto a rasão vacillar. Por vezes já mordi nos labios a blasphemia que ia escapar-me.

Tem nojo do meu dinheiro ! Si o tivesse roubado, o acceitariam : mas toquei-o, e o rei, que o manda correr, não protege um lazaro.

Felizmente Maria teve fome.

O instincto serviu-lhe de intelligencia. Enge-nhou meio de comprar o necessario. Deu ao andador da irmandade do Sacramento uma moeda de esmola.

O troco, os regatões não duvidaram recebe-lo.

---

19 DE MARÇO

Sahi hoje pela primeira vez.

A noticia de minha enfermidade divulgou-se de um modo espantoso. Quando passava, appontavam-me de longe. Murmuravam meu nome.

Paravam para olhar-me. Admiravam-se talvez de ver-me ainda feições humanas.

Realmente um lazaro não é mais um homem. Foi concebido pela mulher, mas a praga o abortou. No terror que infunde é fera : no asco que excita é verme.

Oh! não... Ha um fio que ainda me prende á humanidade. E' a compaixão brutal e escarninha do mundo. Mata-se a fera ; esmaga-se o verme. Mas não me tiram a mim esse tenue sopro que anima um resquicio de vida.

Seria um assassinato! Seria um crime! E ha nada mais infame do que um crime inutil?...

Quando me lembro que tantos homens gastam sua existencia n'uma luta incessante para haver uma sombra, que chamam fama, rio-me delles e de mim.

Os feitos do guerreiro, os livros do sabio, serviços a republica, e linhagens de fidalgos, andam ignorados ou esquecidos pela turba, vária nas suas paixões. Ninguem sabe, ninguem lembra porque aquella cabeça encaneceu, porque aquella face rugou.

E eu tenho sem buscar, o que tanto elles buscam sem achar! Toda a cidade repete meu nome. Que importa que esse nome seja o de

lazarro ? Toda a gente me conhece. Que importa que me evite ?

Viver na voz dos povos, não é isso que tantos ambicionam ?...

---

20 DE MARÇO

Era noite ; sentia-me abrasar no leito.

Precisava de ar, de espaço, de movimento. Ergui-me, e vaguei durante uma hora pelas ruas já desertas. A noite ao menos traz o misterio. Perco a minha triste celebridade. Passo como uma sombra entre as outras sombras que dormem na terra.

A sede que tinha de ar, no sangue e na cabeça, levou-me á borda do mar. Fui sentar-me perto das *Cinco-Pontas*, sobre algumas pedras que a maré deixara em seco.

A brisa fresca e cortante que vinha do largo impregnada das humidas exalações das ondas batia-me em cheio no rosto. Banhava-me, como a veia de um rio. Aspirei as emanações salitrosas do oceano. A volupia que eu sentia nesse respi-

rar do ar livre, não sei se a gozarão outros colhendo beijos na boca virgem de sua noiva.

O vento !... Oh ! ninguém sabe que delicias me trazem os seus acres perfumes ! Que sedas e cambraias são as refegas d'elle para o corpo devorado da febre, quando o sangue escalda nas veias !

O vento !... E' o tumulto que eu terei um dia. Quando morrer, ninguém se animará á tocar no meu corpo para dal-o á terra. Hão de queimal-o, porque não infecione o ar. E as minhas cinzas então, soltas ao vento, voarão com elle sobre esse vasto e immenso oceano.

A maré começava a encher. As ondinhas debruçando-se umas pela outras, todas frocadas de espumas, brincavam como um bando de cordeirinhos que retouça sobre a relva ao pôr do sol. Algumas espreguiçando-se pelas areias vinham lambe-me os pés e quasi os tocavam.

Não sei que illusão me alheára o espirito. De as contemplar, de as admirar, á essas ondinhas travessas, foi-me parecendo que tinham alma, para sentir. E de repente, ao ver que se chegavam para mim e me festejavam, enterneci-me e chorei.

Chorei, sim !... Tão orphão estou eu de affei-

ções, que as procuro até na materia inerte!... Tão acostumado ando a me fugirem, que já me surprehende ver um objecto ainda inanimado aproximar-se de mim, obedecendo á sua lei phisica.

Rompeu-me esse enleio d'alma uma voz doce e melodiosa. Soltava ella aos sopros da viração as frases singelas de uma canção.

Ergui a cabeça. A alguns passos se elevava uma pequena casa. Della entrava pelo mar um terrado coberto de arvoredos. O vulto de uma menina, vestida de branco, se destacava na borda do jardim, onde quebravam as ondas.

Era della a voz.

Pude distinguir ao luzir das estrellas os seus movimentos. Tinha as duas mãosinhas crusadas sobre o peito; os olhos no céu. Resava; eram cantos as suas resas.

Não retive da lettra mais do que esta invocação — *Ave-Maria!* Mas achei o verso tão simples e o rythmo tão suave, que me parece o tenho ainda no coração. Foram-se as palavras e os tons, só ficou o sentimento.

Assim, de uma flor que se desfolha, ficam no espaço ondas de perfume.

Mal que terminou a sua melodiosa oração a

menina voltou á casa, correndo e saltando por entre as moitas do jardim.

Tambem eu voltei. As ondas me expulsaram de seu leito.

## 22 DE MARÇO

Decorei finalmente as endeixas que tamanha impressão me fizeram, da primeira vez que as ouvi, pela sua singeleza.

A menina canta-as todas as noites, ao nascer da estrella d'alva. E' uma *Ave-Maria* graciosa e pura; inspirou-a o amor filial sanctificado pela religião.

Tornei a ouvi-la hontem, e hoje ainda ouço o echo á murmurejar-me dentro d'alma.

Quero escrevel-a.

Os homens ricos de prazeres e affeições, desfloram apenas as suas alegrias; quando o quizessem, não teriam tempo de estancar-lhes a ultima gota de essencia.

Fazem como as creanças que babujam e provam de todas os fructos; e de nenhum se fartam.

Esses prodigos de sua alma não comprehendem de certo a usura dos pobres e desherdados, como eu, quando Deos lhes depara no deserto da vida, com um obulo de prazer.

Avaro de sua migalha, que lhe é thesouro, não se cança de a gozar ; vive nella ; sonha della. Quer sentil-a por todas os modos, e a todos os instantes.

Assim fui eu com aquelles versos, que muitos acharão mesquinhos ; mas ou fosse pela voz harmoniosa que os dissera ; ou pelo disvello e saudade que respiravam ; ou pela cadencia suave do rithmo ; me infundiram não sei que doce melancholia.

E' outra cousa que os felizes não comprehendem. Como a melancholia é supremo jubilo, para as almas immersas n'um continuado descrer e n'uma acerba tristeza.

Mas a canção... Não me saciei de a escutar, de a recordar, de a repetir ás vagas que rumorejavam na praia. Quero sentil-a pelos olhos. Já a ouvi tantas vezes, ainda não a vi.

Esquecer-me-hia ?...

Não ! — Lembro-me...

Ave, Maria ! Ave, estrella,  
Formosa estrella do mar !  
Da-me novas de meu pai,  
Que se foi á navegar.

Por esses mares d'alem  
Vai seu brigue a bolinar.  
— Leme á orsa ! Molha a vella !  
E deixa o vento soprar.

A borrasca o não assusta :  
Não se teme de a affrontar ;  
Mas eu que temo por ella  
Vivo somente a resar.

Fio de ti, minha estrella,  
Que o protejas sem cessar  
Faz que bem cedo elle possa  
Á minha mãe abraçar.

Dá-lhe tempo de bonança,  
Mares de leite á surcar ;  
Vento á feição, quanto baste  
Para depressa chegar.

Ave, Maria, Ave, estrella ,  
Formosa estrella do mar !  
Cheia de graça tu brilhas  
Á quem te sabe adorar.

Onde apprendeu aquella menina esta oração ?... Quem lh'a ensinou ? Porque a diz ella todas as noites ?

---

### 23 DE MARÇO

Cuidava que não podia haver maior isolamento do que o meu. Illudi-me. Agora é que o isolamento começa.

Luiza parte ; seu marido deixa Pernambuco ; vae-se á Lisboa.

E a causa sou dessa mudança. O que ainda me restava de familia abandona a patria, para quebrar os laços de sangue que nos prendem. È justo : é generoso tambem. Deixem-me, á mim só, o desprezo, que inspiro. Não o quero partilhar. Basta eu para soffrel-o.

Oh ! Ainda me resta o orgulho da miseria.

É uma dignidade como tantas outras, e um egoísmo, como os ha poucos.

Minha irmã negou tudo. Deu-se á tratos para convencer-me que os interesses de seu marido eram a causa unica dessa partida.

Pobre Luiza!.. Mentia.

Que desgraçado ente que eu sou!... Não faço soffrer só aos que me amam ; obrigo-os ainda á se rebaixarem.

---

26 DE MARÇO

Voltava de ver sumir-se no horisonte o navio que levou-me Luiza.

Ceguei á casa. Pela janella aberta olhei o vulto da cidade á collear pela margem do rio, e disse de mim para mim pensando na gente que a habita :

—Estou só !

E me enganava ainda. Mal tinha murmurado aquellas palavras, veio Maria. Fallou, o que raro succedia. Pela primeira vez, cuido eu, disse uma cousa que se entendesse. A repulsão que eu

inspiro, foi-lhe raio de luz, na treva espessa de sua alma.

Pedi-me que a vendesse. Não mais quer servir-me... Tem medo do contagio...

Senhor!... Senhor!... A vossa misericordia é infinita, como a vossa bondade inexhaurivel! E não chega para o afflicto de mim, nem um obolo sequer! Vergai-me sob o peso da vossa colera, mas dai-me fé e resignação: e eu vos louvarei, meu Deus, na plenitude da minha dor.

Tenho eu culpa, si me creastes, ente de razão? Porque me destes a intelligencia? Não a tivera, que esta carne se iria consumindo no roer das ulceras, sem que soltasse uma queixa! Amparai-me, Senhor, amparai-me contra mim mesmo! Tenho medo de descreer!

---

### 29 DE MARÇO

Do profundo da minha angustia clamei ao Senhor, elle me ouviu, e enviou á terra um aujo para ungir-me da sua fé.

Santa cousa é a innocencia!... Será que a

alma pura e ignorante deste mundo, está mais impressa do seio do creador, e mais proxima de seu berço? Quem póde saber, e quem dizer, si o que chamão razão, não é enfermidade do espirito preso á terra?

Naquella tarde aziaga, que me separou de Luiza, tomou-me o desespero e levou-me sem tino por essas ruas além. Vaguei, como animal, perdido do dono, e que todos enxotam. A mim, enxotavam-me de mim mesmo, ancias de acabar com tanto penar. Tinha horror á vida.

Ouçõ alarido: e logo vejo, á correr espavorida pelo caminho, a gente que passava. Ser de mim que fugiam, foi o que primeiro cuidei: mas vinham de meu lado, e nem me viam. Voltando-me conheci qual a causa era do alvoroço. Um cão espiritado que ia d'uma para outra banda, mordendo quem encontrava.

Bem claro percebi, quanto já não era deste mundo, pois daquillo fugia elle, que eu andava a procurar. Fui-me direito ao animal. Mas até o sabujo me tem asco. Parou bem junto de mim; roçou por mim e foi perto morder um pobre velho, a quem tardo levavam as pernas tropegas dos annos.

Cheguei-me a elle, de quem já todos com medo

se arredavam; e carregando-o nos braços levei-o para a tenda do ferreiro mais proximo, onde lhe queimei a ferida com ferro em brasa. Mal se ap-  
placou a dor, e soube o velho quem eu era, re-  
peliu-me de si como uma cousa vil, e foi-se, sem  
voltar o rosto.

Quanto horror lhe causei !

---

## 1 ABRIL

Tornei ás *Cinco Pontas* para ver a casa da  
menina da *Ave-Maria*, e ouvil-a cantar a sua  
oração de todas as noites.

Era lusco-fusco; e não me animei á aproximar  
da praia com receio de que vendo-me, reconhe-  
cesse o miseravel que sou e de quem todos  
fogem.

Os outros, já não estranho. Tão habituado  
estou a crueldade do mundo; mas ella?... não  
quero ser-lhe um objecto de repulsão. Ignore  
para sempre que existo, e possa eu de longe, em  
silencio, contemplal-a, como a estrella do céu  
a que dirige sua prece.

Quando ella acabou de cantar, sentou-se no terrado, junto de uma roseira de Alexandria que estava coberta de flôres, e ficou olhando o mar, onde com a ardentia se esphacelavam as vagas em chuva de pedrarias scintillantes.

Tinha de todo cahido a noite; e já fazia bastante escuro, para que me pudesse aproximar sem receio. Avistou ella meu vulto, pois senti que seus olhos se fitavam nelle; e não sei o que foi de mim, que não me lembrei mais onde estava, nem se vivia ainda neste valle de lagrimas.

Do que só me recordo é de encontrar-me, em tornando a mim, posto de joelhos, a soluçar um pranto em que parecia ir-se toda a minha alma. Quanto tempo estive assim, não o poderia dizer, nem o como isso succedeu, tão alheio fiquei deste mundo e de suas miserias.

Deitei a medo os olhos para o terrado. Uma sombra alva perpassava entre as moitas do terrado. Era ella que recolhia-se vagarosamente.

Será possível, mãe, que eu ame neste mundo outra creatura com as abundancias do coração e a santidade com que sempre te estremeci?...

---

## 2 ABRIL

Meu Deus !... Meu Deus ! calcastes sobre mim, pobre verme da terra, a vossa mão omnipotente, e eu não murmurei.

A peste soprou em minhas veias seu halito de chammas, que me requeima o sangue e devora as carnes. Meu corpo, o que é sinão um crivo de dores, e um inferno onde me abraso em vida.

Tudo soffrerei resignado. Mas, Senhor, poupai-me á esse cruel martirio ! Sentir-se a gente vil para aquella a quem vota seu amor !... Parece-me que ainda não tinha soffrido toda a degradação de minha pessoa. Contra a repulsão do mundo, revoltava-se minha alma que o despreza como a um ventre de miserias. Contra o nojo que ás vezes tenho de mim mesmo, consola-me o pensamento de que meu ser purifica-se nessa chamma em que abraso-me.

Mas contra ella, que posso eu sinão abater-me no pó, e sumir-me como uma causa hedionda em que não devem pousar jamais os seus meigos olhos ?

Que tremendo supplicio, mãe ! Ter n'alma um

affecto grande e immenso ; porem nesse affecto uma abjecção maior que elle, uma vergonha que o remorde e o acabrunha !

Para que enviou-me o céo este affecto ? Pensava eu, mãe, depois que te partiste, que de mim, d'este ente votado ao soffrimento e á desgraça, já não podia sahir uma doce effusão, mas sómente a paixão cruel e implacavel como a lepra que me corroe.

---

#### 6 DE ABRIL

Sei-lhe o nome !

Foi esta noite. Lá estava ella, no terrado, olhando o mar, onde se escondera a vela branca do navio de seu pai.

Uma voz, era a de sua mãe, soltou o nome de Ursula. Ergneu-se ella, e caminhou para a casa, dizendo com um modo brando e socegado :

— Ahi vou, mãe.

Ursula !... Que suave encanto acho eu n'este nome, que d'antes nunca em mim despertou a menor attenção. Ouvia-o como um som qualquer ;

não passava de uma palavra indifferente. Agora canta em minha alma como celeste harmonia, que me inunda todo o ser de jubilo.

Os sussurros da brisa, os murmurios das ondas, as vozes do céu e da terra, repetem para mim o mavioso nome, que me envolve em uma bemaventurança.

Nos momentos em que a alma exhubera e subleva-se com o esto do contentamento ou da magoa, manam as abundancias da paixão, em poemas e hymnos.

Não careço eu de poesia nem descantes, para transbordar as santas alegrias que me enchem o coração. Basta dizer baixinho, entre Deus e mim, o nome d'ella.

---

10 DE ABRIL

Ainda não tornei do abalo!

Não quizeste ouvir a minha prece! Como a vossa colera é implacavel, Senhor, que um só instante não se retira d'este punhado de limo!

Era-me consolo em meio das tribulações,

aquella innocente devoção de adorar de longe entre as sombras da noite, o formoso vulto de Ursula: e tanto vos suppliquei arredasse de mim os olhos d'ella, para não perceber-me no suave enlevo de a contemplar.

E esse consolo me negastes !

Ella reparou na minha insistencia, e desde ahi não voltou ao terrado, nem lhe vi mais que a sombra, quando canta da janella a sua *Ave-Maria*,

---

12 DE ABRIL

Appareceu esta noite.

Como costumava, resou a sua oração da tarde, e ficou no terrado com os olhos engolphados no horizonte.

Eu que me havia escondido atraz de um coqueiro, para não assustal-a outra vez, como a visse distrahida, criei animo para chegar-me e vel-a de mais perto.

De repente voltou-se ella e pondo em mim seus olhos, que me deixaram tranzido e quedo, sem accordo para fugir, quando tudo eu dera para

sepultar-me alli na terra, e subtrahir-me á sua vista.

Ella, em vez de esquivar-se, como antes fizera, reclinou-se ao balaustre, e começou a desfolhar os botões da roseira, soltando á fresca brisa do mar as petalas que vinham farfalhar-me no rosto.

Por instantes fiquei sem outro sentido, que não fosse uma delicia como nunca tive, nem cuidei que se pudesse gozar na terra, pois me parecia estar no céu, affagado pelas azas dos seraphins do Senhor, a brincarem-me entre os cabellos e a borrifarem-me as faces de angelicos sorrisos.

Eis que no meio d'esse extase de ventura, cahi em mim arrojado ao abysmo da minha miseria, como Satanaz submergido nas trevas pela mão do Sempiterno !

Lembrei-me quem eu era, e o horror de mim mesmo espancou-me d'aquelles lugares.

Ainda o trago comigo ! Ah ! mãe, porque não estais aqui a meu lado para reerguer-me d'esta abjecção em que me sinto. Tua palavra me daria força para exaltar esta alma abatida. Ao calor de teu seio, creio que se havia de regenerar esta natureza pusilanime.

---

## 15 DE ABRIL

Vejo-a todas as noites.

Sempre recostada no balaustre, esfolhando ao vento as rosas fragantes, entretem-se n'esse brinco innocente até a hora de recolher.

Sabe ella que eu a devoro com os olhos, cá do meu refugio ?

Ás vezes receio que se tenha apercebido da minha presença constante naquelle sitio ; e é quando reclina-se mais no balaustre, e estende o collo, como si procurasse affirmar-se do que entrevira.

N'essas occasiões coso-me ao tronco do coqueiro, e deixo-me ficar sem movimento pelo resto da noite, até que recolhida ella, me posso esgueirar para casa.

---

  
16 DE ABRIL

Meu Deus ! Meu Deus ! Dai-me força para resistir-me, pois m'a deste para soffrer este supplicio atroz.

Ella, Ursula, me conhece !

Esta noite, quando me esquecia a contemplal-a, seguro de mim, vi-a acenar com a mão, como se me chamasse ! Duvidei que me pudesse ter descoberto ou siquer presentido. Mas ella insistiu, e como não lhe obedecesse, enfadou-se.

O que se passou em mim, e qual poder oculto dominou meu ser, que sem vontade, nem consciencia, atirou-me de joelhos em face do terrado, com as mãos supplices e a fronte abatida, implorando compaixão para a minha infinda angustia ?

Esteve Ursula algum tempo a olhar-me entre surpresa e afflicta. Mas por fim ajoelhou tambem, erguendo as mãos ao céo, e eu ouvi o susurro da sua prece.

· Era por mim que resava ?

Não ousou crer. Depois que te partiste, mãe, lá na mansão em que habitas, acaso viste subir a Deus uma supplica, uma só, por este desgraçado ?..

---

20 DE ABRIL

Infame sou eu, que de minha hediondez ousei erguer os olhos para a mais bella das creaturas de Deus.

Como foi isto?... Como foi que me não accommeteu o horror que ainda me tranze n'este momento? Porque me não fulminaste, Deus de Misericordia, quando sem tento de mim, transpuz a distancia que me separava d'ella?

Mas não fui eu, que morreria ao primeiro passo... A insania que me arrancava a mim mesmo, apoderou-se d'este esqueleto vil, e arrastou-o miseravelmente ao sopé do terrado.

Ao ver-me ali perto de si, Ursula debruçada á balaustrada, começou a desfolhar as rosas sobre minha cabeça, rindo faceiramente de sua travesura.

D'isto não tenho mais que uma vaga e tenue reminiscência; pois meus espiritos ainda estavam n'esse momento alheios de mim com a grande torvação.

Colhia ella as rosas que me atirava e eu

recolhia em meu seio. Correram assim as horas da noite, sem que as sentisse.

---

## 24 DE ABRIL

Todas as noites, as tenho passado n'aquelle doce enlevo !

Ali, proximo á ella, sinto-me como outr'ora quando me recolhias em teu regaço, mãe, e á força de carinho me acalentavas a dor horrivel.

Como teus braços outrora, cinge-me o olhar de Ursula, e me envolve. As folhas das rosas que ella esparge sobre mim, são caricias tão doces como eram teus beijos, mãe, quando derramavas em meu seio o balsamo santo da tua alma.

Horas e horas ficamos ali, mudos á olharmos, eu repassando-me de sua imagem ; ella talvez admirada em sua ingenua isenção, do meu extranho pasmo.

Hontem, sem o sentir, rompeu-me do seio o seu nome, que meus labios repetiam submissos, uma e muitas vezes, como as palavras de uma oração. Interrompeu-me a voz de Ursula.

— Acha bonito meu nome ?

Naquelle instante não atinei o sentido das palavras, tão absorto fiquei a ouvir a voz melodiosa que fallava. Mas quando entendesse, podia eu exprimir em linguagem o que se passava em meu ser, e pronunciar seu nome ?

Movi a cabeça maquinalmente como si dissera : sim.

— E o seu ? Qual é ? perguntou-me ainda.

Meu nome ?... Ha no mundo para os desgraçados como eu outro nome que não seja o de miseravel?... Tive outr'ora um ; nem já me lembro qual fosse, pois ha tanto tempo queninguem o chama ! Para ti, mãe, eu era o filho ; para o mundo, o lazaro !

Não se abriram meus labios, porém com o gesto suppliquei-lhe silencio.

Teve ella sombra do horrivel mysterio, que reclinou a fronte merencoria ? Não, si a menor suspeita passasse em seu espirito a houvera esparvorido.

Sua tristeza foi sem duvida por não ver satisfeito seu desejo. As creanças são assim, tyranas e absolutas em seus caprichos.

---

27 DE ABRIL

Não mais voltarei áquelle sitio ! Não mais profanarei com a minha presença o olhar puro e santo do anjo que se commiserou de mim !

O máo espirito apoderou-se d'este abjecto esqueleto, e fez delle um inferno. Revolvem-se em meu seio pensamentos que me encham de pavor.

Quando ha duas horas cheguei á praia, não vi Ursula no lugar do costume, o que deu-me animo para aproximar-me bem perto do terraço, na impaciencia de entrevêl-a atravez da folhagem.

Ella que se tinha escondido para surprehender-me, logo se debruçou no gradil, e estendeu para mim uma rosa que tinha na mão.

Puz-me de joelhos para recebê-la como uma graça celeste. Mas Deus poupou-me á essa infamia, abatendo sobre mim a sua colera. Cahi, prostrado ao chão, escondendo o rosto na poeira da terra.

E fugi como um louco !...

Como pôde esta miseravel carcassa que me deu o Creador para repasto dos gusanos, como pôde conceber o vil desejo de tocar com a sua hedion-

dez a mão pura e immaculada da formosa donzella?

Deus fez o homem do limo da terra; da sanie, só tirou as vespas. Mas o virulento insecto apenas destilla veneno; e o meu contagio é mais do que a peste; porque não só mata o corpo, como tambem á alma. E' o contagio da abjecção.

Ah! Os felizes que morrem á vida levando a estima do mundo, não sabem o que é esse frio assassinio d'uma alma, que o mundo lapida, como se ella fôra um perro damnado, e cujo despojo lança-se ao monturo, e queima-se para não contaminar os ares!

---

28 DE ABRIL

Tinha jurado não voltar ao eirado; e voltei arrastado por uma força a que não posso resistir.

Parecia-me que estava atado ao leito da dôr, onde todo o dia me revolvi em uma angustia cruel, e todavia, ao toque de trindades, sem que desse tento de mim, caminhava como um espectro para aquelle sitio, onde me disputam o céu e o inferno;

porque ali está a fonte de meus jubilos e o antro de meus soffrimentos.

Assomava a luz no horisonte, como uma sultana a recostar-se nos estofados cochins de brocado azul, recamado de branco. Nas folhas dos coqueiros passava a brisa subtil, ramalhando as verdes palmas.

Da terra, bordada de quintacs e grangearias, se exhalava, como de uma caçoula, a suave fragancia do campo. O mar dorima em bonança; e o collo da onda arfava mansamente, como o seio da creança engolfada em sonhos ridentes.

Derramava-se no espaço uma doçura ineffavel, que parecia manar do céu em um jorro de luz alva e macia. Parecia-me ás vezes que eu sugava no teu peito, mãe, um sorvo de leite vigoroso, que me infundia saude e contentamento.

Nunca em minha vida, tive eu tamanha sede de ventura; tambem nunca a fortuna escarninha aproximara tão perto de meus labios a taça fallaz.

Avido precipitei-me sobre ella, e peor que Tantaló, a quem o destino apenas retrahia o pabulo, a mim trocou-o no ais negro fel.

Traguei a minha propria peçonha; e não morri, não, porque a morte seria uma redempção, e eu

não espiei ainda toda a minha culpa de haver nascido, para ser um arremedo de homem...

---

29 DE ABRIL

Não pude acabar hontem. Embruteceu-me o desespero, si não é que empederniu-me; pois nem gemer eu podia como a besta quando soffre...

Que medonho transe !

Tinha-me eu embuçado na sombra das arvores, que serviam de manto escuro, e não deixavam que ella entrevisse mais do que um vulto. Meu semblante, si se o descobrisse á claridade da lua, não resistiria á hedionda catadura do maldito !

Do seio da terra, que é o meu só regaço, mãe, depois que perdi o teu, onde me conchegava no delirio da dor; das entranhas da noite, onde se gerou o aborto de peste que eu sou, estava alheio de mim: na contemplação de Ursula.

Eis rasga-se a escuridão e vomita sobre mim uma chamma do inferno. Alaga o rubido clarão todo o arvoredado, e cinge-me de uma labareda sinistra.

Corro ; mas alem está o luar alvacento, que amortalha-me em phantasma. Volvo esvairado sobre os passos, e entro de novo na flamma vermelha que me persegue como a lingua Satanaz.

N'isto surge o corpo alquebrado de um velho e affasta-se horrorisado.

— E' o lazaro !... E' o lazaro !...

Ainda ouvi o grito de angustia que despedaçou a alma de Ursula, mas vindo d'outro mundo diverso d'aquelle onde eu estava. Do mais não sube, até as alvoradas que me acharam estremunhando na vasa onde eu jaspera o resto da noite ; da noite dos outros, que não desta continua e perpetua que se estende sobre minha vida.

Mas até o somno do jasigo, me rouba a sorte impia.

---

### 30 DE ABRIL

Lembro-me agora ! O velho, é o mesmo que me repelliu, quando eu o acabava de salvar do cão damnado. Daquella vez tinha razão ; meu contacto o enchia de horror ; mas desta, que ma

lhe fiz eu para me precipitar nesta voragem do desespero ?

---

#### 4 DE MAIO

Sei tudo !...

O velho é avô de Ursula. Percebeu sem duvida o apparecimento naquelle sitio de um vulto suspeito, e quiz reconhece-lo.

Accendeu a fogueira, que devia esclarecer a minha figura, e fugiu aterrado, por si e pela neta.

Não lhe quero mal por isso.

Salvar a filha de seu sangue é um dever de todo o homem. Em seu lugar eu faria mais. Exterminaria ali mesmo o pestiferado para que nunca mais ousasse envenenar o ar que ella, a innocente, respirava.

Ursula não tornou, e eu rogo a Deus que não me appareça, nunca mais. Assim terei ao menos o consolo de olhar os muros que a escondem a minha vista, mas não ao meu coração. Presente ella, nunca ousarei eu aproximar-me daquelles sitios.

O horror a affastou para sempre. Ainda bem! Ao menos não receberei della o asco e desprezo que o mundo arremessa sobre mim; e poderei guardar dentro em minha alma, doce e compassiva, a linda imagem que me sorriu um dia a tra- vez das agruras de uma misera existencia.

---

## 6 DE MAIO

Miserrimo de mim!... Despedacei a flor que desabrochara entre as urzes de minha alma, e derramava nella o seu mago perfume!... Apaguei a estrella que rompera um instante a procella de minha vida, para infundir-me no seio uma luz celeste!

Ursula anceia nas vascas da agonia e fui eu que a matei; foi o horror de minha miseria que a assassinou.

Quanda pressenti a fatal nova, pela agitação que ia na casa, perdi toda a razão, e precipitei-me pelos aposentos em busca da camera onde se fina- va a minha unica e fugaz alegria deste mundo.

Perceberam-me os da familia; e esquecendo

um instante a sua dor, esbordoaram-me com tamanha ira que ali cahi sem espirito, com o corpo macerado.

Despertou-me uma reza cantada ali perto ; e as luzes das tochas que desfilavam pela praia.

Era o enterro de Ursula.

Levaram-n'a á igreja de S. Pedro Gonsalves. Vi deporem seu ataude na eça rodeada de tocheiros e guardada pelas beatas.

A meia noite voltarei.

---

### 7 DE MAIO

Introduzi-me na igreja por uma janella baixa da sacristia, cuja grade estava carcomida.

Vendo á luz baça dos tocheiros assomar um vulto, as beatas fugiram assombradas. Fiquei só ali em frente do ataude.

Nesse momento Ursula me pertencia ; ninguem a disputava á minha adoração.

Como era bella no eterno somno em que repousava do mundo e de suas miserias ! Tinha nos labios aquelle mesmo sorriso que derramava sobre

mim, agora tocado de um reflexo livido. Estava branca e immaculada como os anjos ; eram niveas como as faces as rosas que lhe cingiam os bastos cabellos crespos.

: Quiz beijal-a, e recuei !... Ainda morta, e brevemente pasto dos vermes, não ousei profanar o despojo santo da formosa creatura.

Nesse momento ouço rumor do lado da sacristia. E' a gente curiosa que vem trazida pelas beatas, para espancar o espectro. Querem roubar-m'a outra vez !...

Mas não o conseguirão ! Hei de disputal-a até aos vermes e ao pó da terra.

Cingindo ao peito o corpo de Ursula, arrojeme fóra da igreja, e vim deposital-o aqui, onde ninguem ósará perseguir-me. As portas estão escancaradas, dia e noite, batidas pelo vento ; guarda-as porem uma fera mais terrivel que Cerbero, a peste.

Agora sim, Ursula, tu me pertences para sempre, como eu a ti.

Que se passa ?

Ouço a plebe a rugir lá fora ; uma chamma subita enrosca-se pela treva como o dragão.

Comprehendo : deitaram fogo á casa para exterminar o maldito !

Graças, meu Deus! Este fogo me redimirá da maldição que peza sobre mim, e purificará meu ser. Assim ao menos poderão minhas cinzas se unirem com as de Ursula!

Bem vindas, chammas amigas! Aqui estamos; cingi-nos, abraçai-nos, para que em vosso seio fecundo, celebremos as nupcias da eternidade.

---

#### 9 DE MAIO

Eis-me outra vez no mundo e só... Só, não; que me acompanham ainda e sempre o meu desespero, e a sanha do mundo.

O fogo não me quiz; teve asco de mim, como tivera o mar, e o cão damnado. Não ousou tocar-me; tal é a repulsão que derramo em torno.

Com o incendio abateu-se uma parede do aposento em que me achava, levantando a extremidade opposta do soalho com tal violencia, que me arremessou pela janella em cima de um telhado, d'onde escorreguei ao chão.

Só pela madrugada pude arrastar-me ao mon-

tão de ruínas e deitar-me no brarido onde jaziam as cinzas de Ursula.

Daqui, desse mesmo lugar que ninguem disputaria á um cão, expulsou-me o odio da gente.

. . . . .

Assim terminava o canhenho do lazaro. Expulso do Recife, pela plebe irritada com os ultimos successos, refugiou-se na casa abandonada de Olinda, onde terminou afinal a immensa e cruel agonia de uma existencia nunca vivida, mas tão penada.

FIM.



# INDICE

DE

## O ERMITÃO DA GLORIA

---

	Pag.
Ao LEITOR . . . . .	5
I. — Ao corso . . . . .	7
II. — Ultimo pareo . . . . .	13
III. — A balandra. . . . .	17
IV. — A canôa . . . . .	23
V. — O combate . . . . .	29
VI. — A orphã . . . . .	35
VII. — O baptismo . . . . .	41
VIII. — A volta . . . . .	47
IX. — Peccado . . . . .	53
X. — O voto . . . . .	59
XI. — Novena . . . . .	65
XII. — O milagre . . . . .	71
XIII. — Ao mar . . . . .	77
XIV. — A volta . . . . .	83
XV. — O noivo . . . . .	89
XVI. — A boda . . . . .	95
XVII. — O Ermitão . . . . .	101
XVIII. — O mendigo . . . . .	107
XIX. — A penitencia . . . . .	111
Epilogo . . . . .	115



**INDICE**  
**DE**  
**A ALMA DO LAZARO**

---

<b>ADVERTENCIA . . . . .</b>	<b>Pag.</b> <b>. . . 119</b>
<b>PRIMEIRA PARTE. — A alma penada . . . . .</b>	<b>. . . 121</b>
<b>SEGUNDA PARTE. — O Diario, 1752 . . . . .</b>	<b>. . . 157</b>

---



## Obras que se acham á venda na mesma casa :

### J. de Alencar

O GARATUJA, crônicas dos tempos coloniaes. 1 v. in 8º enc. 3\$, br.....	2\$000
TIL, romance brasileiro. 4 v. in-10, br. 4\$000, enc.	6\$000
IRACEMA, lenda do Ceará, 2ª edição. 2 v. br. 2\$000, enc.	3\$000
VIUVINHA e os Cinco Minutos, 2ª edição. 1 vol. broch. enc.....	2\$000 3\$000
O GUARANY, 4ª edição, 2 v. in-8º, encadernados ....	8\$000
AS MINAS DE PRATA, romance historico, complemento do pre- cedente. 6 v. in-8º, br. 12\$000, encadernados.....	16\$000
O DEMONIO FAMILIAR, comedia em 4 actos, 2ª edição. 1 v.	1\$500
AS AZAS DE UM ANJO, comedia em 1 prologo, 4 actos e 1 epilogo, 2ª edição. 1 v.....	2\$000
A MÃI, drama em 4 actos, 2ª edição. 1 v.....	2\$000
VERSO E REVERSO, comedia em 2 actos, 2ª edição. 1 v.	1\$000

### Senio

O GAUCHO, romance brasileiro. 2 v. in-8º br. 4\$, enc..	6\$000
PATA DE GAZELLA, romance brasileiro. 1 v. in-8º br. enc.....	2\$000 3\$000
O TRONCO DO IPÊ, romance brasileiro. 2 v. in-8º br.	4\$000
enc.....	6\$000
SONHOS D'OIRO, romance brasileiro. 2 v. in-8º enc.	6\$000
br.....	4\$000

### G. M.

DIVA, perfil de mulher, 2ª edição. 1 v. enc.....	3\$000
LUCIOLA, perfil de mulher, 3ª edição. 1 v. enc.....	3\$000

### Fausto

SCENAS DA VIDA REPUBLICANA. Reminiscencias do feliz tempo escolar. 1 v. in-12, enc. 1\$600 br.....	1\$000
UM PROVINCIANO LADINO.— ONDE SE ENCONTRA A VERDADEIRA FELICIDADE. 1 v. in-12, enc. 1\$600, br.....	1\$000
A CAÇA DE UM BARONATO.— A HERANÇA ESPERADA E INESPE- RADA, I v. enc. 1\$600, br.....	1\$000
UM CASAMENTO DE TIRAR O CHAPEO, seguido de: O Diabo não é tão feio como se pinta, Charadas da campanha, Uma viagem ao sul do Brasil. 1 v. in-12 enc. 1\$600, br.....	1\$000
DOIS DIAS DE FELICIDADE NO CAMPO, Seguido de: Curso de Expe- riencia repentina. Pensamentos de pequena superficie mas de grande profundidade. O Relogio de Gertrudes. 1 v. in 12 enc. 1\$600, br.....	1\$000

### Victor Hugo

OS HOMENS DO MAR, 3 v. in-4º br..... 3\$000

### A. Assollant

O DOUTOR JUDASSOHN. Estudo sobre o character allemão. Versão de A. Gallo. 1 v. in 12. enc. 1\$600, br..... 1\$000  
CONFISSAO DE UM BADENSE.—O CORONEL HAPPETHALER. Versão de A. Gallo. 1 v. in-12 enc. 1\$600, br..... 1\$000

### A. Esquiros

HISTORIA DOS MARTYRES DA LIBERDADE, augmentada com episodios historicos tirados da historia do Brazil e de Portugal. 2 v. in-4º enc. 10\$000, br..... 8\$000

### Th. Fix

HISTORIA DA GUERRA DO PARAGUAY, traduzida por A. J. Fernandes dos Reis e annotada por \*\*\*. 1 v. in-8º enc. 5\$000 br..... 4\$000

### Emm. Liais

SUPREMACIA INTELLECTUAL DA RAÇA LATINA, resposta ás ar.l gações germanicas. Versão de Abranches Gallo. 1 v. in-8º bel 2\$000, enc. .... 3\$000

### V. Valmont

O ESPIÃO PRUSSIANO, romance historico inglez, resumindo os principaes acontecimentos da guerra Franco-Prussiana, traduzido por V. Colonna, 1 v. in-8º br. 2\$000, enc. 3\$000

### A. Belot

A MULHER DE FOGO, 2 vol. in-12, enc. 3\$000, br.... 2\$000

### A. Belot et J. Dautin

O MATRICIDA. 2 v. in 12 enc. 3\$000, br... 2\$000  
DACOLARD E LUBIN. 2 v. in 12, enc. 3\$000, br..... 2\$000

### Octavio Feuillet

JULIA, romance. 1 v. in-12 enc. 1\$600, br..... 1\$000

### Edmond About

O NARIZ DE UM TABELLIÃO. Versão do francez por A. Gallo. 1 v. in-12, enc. 1\$600, br..... 1\$000

---

Typ. FRANCO-AMERICANA — Rua da Ajuda n. 18. — 1873.









## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).